

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO

TATIANA DE LIMA PEDROSA SANTOS

**E EU, QUE JÁ FUI UMA BRASA,
SE ASSOPRAREM POSSO ACENDER
DE NOVO: ARQUEOLOGIA ENQUANTO
EVENTO NA TRAJETÓRIA DE DUAS
PIONEIRAS**

Prof. Dr. Arno Alvarez Kern

Orientador

Porto Alegre
2012

TATIANA DE LIMA PEDROSA SANTOS.

**E EU, QUE JÁ FUI UMA BRASA, SE ASSOPRAREM POSSO
ACENDER DE NOVO; ARQUEOLOGIA ENQUANTO EVENTO NA
TRAJETÓRIA DE DUAS PIONEIRAS.**

**TESE apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito obrigatório a obtenção do título de Doutor, sob a área de concentração Sociedade, Cultura Material e Povoamento.
ORIENTADOR: PROF. DR. ARNO ALVAREZ KERN.**

Porto Alegre, RS
PUCRS
2012

P372e Santos, Tatiana de Lima Pedrosa

E eu que já fui uma brasa, se assoprarem posso acender de novo: arqueologia enquanto eventos na trajetória de duas pioneiras. / Tatiana de Lima Pedrosa. – Porto Alegre, 2012.

162 f.

Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientação: Prof. Dr. Arno Alvarez Kern

1. Arqueologia - Brasil. 2. Laming-Emperaire, Annette – Crítica e Interpretação. 3. Meggers, Betty Jane – Crítica e Interpretação. I. Kern, Arno Alvarez. II. Título.

CDD 913.031

Obrigada...

À minha fonte de luz e sabedoria – Meu Deus, que me ouviu, e confortou nos momentos mais solitários e silenciosos.

Ao meu forte, sinônimo de amor e de asas, Marcello.

Aos meus pais que me ensinaram desde cedo a contar histórias. E as minhas irmãs que me ensinaram a reinventá-las.

Ao meu orientador, Professor Doutor Arno Alvarez Kern, pelo apoio, estímulo e respeito. Mas acima de tudo, pela confiança ao ter depositado em mim uma herança que provavelmente hei de carregar pelos anos vindouros. Sou uma ‘Kern’ academicamente falando.

À minha querida amiga (filosofa, antropóloga, arqueóloga e nordestina), Marcélia Marques pela paciência dos muitos telefonemas e conversas. Ela é prova de que o afeto vence a distância.

A Professora Doutora Núncia Constantino pelo brilhantismo de suas aulas e colocações, e pela humanidade que tanto me impressiona.

A PUC, e a todos os professores do departamento de pós-graduação em História, ao adentrar em seus muros eu respirava pesquisa.

À FAPEAM, pelo suporte em todos os pontos de minha pesquisa. Minha gratidão e admiração.

Não posso esquecer a contribuição dos Professores Doutores; Pedro Ignácio Schmitz, André Prous, Igor Chymz. Sou-lhes grata, sobretudo porque foi através deles que as duas arqueólogas, fontes de minha pesquisa, tornaram-se mais próximas.

As minhas amigas gaúchas, Sibeles e Nilza. Sou grata pela acolhida, amizade e sinceridade.

Aos amigos manauaras, os que estavam perto; Heleno e Fran, e toda a Equipe 42. E os que estavam longe, Evy e Totti. Obrigada maninhos pela paciência.

Por fim dedico um agradecimento especial as minhas fontes, Annette Laming-Emperaire e Betty Jane Meggers, por não só, me inspirarem a dar o meu melhor, como também fazer desta pesquisa algo tão prazeroso de se completar!

Comecemos com uma imagem certamente familiar a muitas pessoas: se quiséssemos fazer um filme reproduzindo passo a passo nossa vida, tal qual ela foi, sem deixar de lado os detalhes, gastaríamos ainda uma vida inteira para assisti-lo: repertir-se-iam, na tela, os anos, os dias, as horas de nossa vida. Ou seja, é impossível assistir ao que se passou, seguindo a continuidade do vivido, dos eventos e das emoções. (Verena Alberti, Ouvir contar)

*É negrão... Eu ia passando, o broto olhou pra mim e disse: é uma cinza, mora?
Sim, mas se assoprarem debaixo desta cinza tem muita lenha pra queimar..
(Adoniran Barbosa)*

TATIANA DE LIMA PEDROSA SANTOS.

**E EU, QUE JÁ FUI UMA BRASA, SE ASSOPRAREM POSSO
ACENDER DE NOVO; ARQUEOLOGIA ENQUANTO EVENTO NA
TRAJETÓRIA DE DUAS PIONEIRAS.**

TESE apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito obrigatório a obtenção do título de Doutor, sob a área de concentração Sociedade, Cultura Material e Povoamento.

BANCA EXAMINADORA:
Professor Doutor Arno Alvarez Kern (PUCRS)
Professora Doutora Núncia Maria Santoro Constantino (PUCRS)
Professor Doutor Klaus Hilbert (PUCRS)
Professora Doutora Marcélia Marques do Nascimento (UECE)
Professor Doutor Pedro Ignácio Schmitz (UNISSINOS)

Resumo

A tese apresenta uma abordagem sob a perspectiva discursiva de duas Escolas Teóricas e Metodológicas da Arqueologia Brasileira. Dando destaque a dois expoentes na Arqueologia Brasileira: Annette Laming-Emperaire e Betty Jane Meggers. A análise discursiva aqui exposta tem como base a teoria da interpretação de Paul Ricoeur e investiga como se deu a transformação dessas duas arqueólogas em Eventos na Arqueologia Brasileira: a Escola Francesa e a Escola Americana. Partindo da dinâmica tripartite da relação texto- contexto- leitor, a discursividade aqui referendada surge da dialética Evento – Significação, dado a partir do pioneirismos dessas pesquisadoras.

ABSTRACT

The thesis presents a discursive approach from the perspective of two Schools of Theoretical and Methodological Brazilian Archaeology. Highlighting about two exponents in Brazilian Archaeology: Annette Laming-Emperaire and Betty Jane Meggers. The discursive analysis outlined here is based on the interpretation theory of Paul Ricoeur and investigates how the transformation of these two archeologists in Events in Brazilian Archaeology was: the French School and the American School. Based on the tripartite dynamic from relationship text-reader context, the discourse referenced here comes the dialectic Event - Meaning, since from the pioneering of these researchers.

SUMARIO

INTRODUÇÃO	11
1 DOS CONCEITOS.....	15
1.1 ...DE ONDE VIERAM (DAS APRESENTAÇÕES)... BETTY JANE MEGGERS (1921-).....	35
1.2 ANNETTE LAMING-EMPERAIRE (1917- 1977).....	38
2 OS PROJETOS: CINZA? TALVEZ... MAS SE ASSOPRAR AINDA TEM MUITA LENHA EMBAIXO PARA QUEIMAR....	42
2.1 O PIONEIRISMO; A PRIMEIRA TEMÁTICA A SER CONSIDERADA NA CONSTITUIÇÃO DO EVENTO.....	46
2.2 – ERA UMA VEZ... O PRONAPA.	49
2.3 COMO É POSSÍVEL ESQUECER A MISSÃO ARQUEOLÓGICA FRANCO-BRASILEIRA?	58
2.4 HERDEIROS DE NARRATIVAS QUE SEMPRE PERMANECEM PRESENTES.....	65
3 “QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO”; DO PORQUE AS AUTORAS SEREM CONSIDERADAS ESCOLAS NA VOZ DE SEUS LEITORES.....	70
3.1 DA GERAÇÃO QUE OUVIU.....	75
3.2 DA GERAÇÃO QUE VIU.....	86
3.3 “LUPUS IN FABULA”.....	97
4 DE UM MUNDO PARTILHADO; DAS ESCOLAS ENQUANTO REPRODUÇÃO DE UM DISCURSO! QUE MUNDO É ESSE!?	105
4.1 OS MECANISMOS DE MEGGERS/A ESCOLA AMERICANA.....	110
4.2 OS MECANISMOS DE EMPERAIRE/A ESCOLA FRANCESA.....	122
4.3 “SER OU NÃO SER PROFESSORA? EIS A QUESTÃO.”	133
5 UM PONTO E VÍRGULA E NÃO UM PONTO FINAL.....	136

BIBLIOGRAFIA DOS CAPITULOS	152
---	------------

INTRODUÇÃO

‘E eu que já fui uma brasa, se assoprarem posso acender de novo: a Arqueologia enquanto Eventos na trajetória de duas pioneiras’, começou a ser gerada logo após minha dissertação de mestrado. Curiosamente ao pesquisar duas imagens para a Arqueologia Amazônica a partir de teses desenvolvidas por duas arqueólogas americanas, me deparei várias vezes com a denominação de Escolas Arqueológicas.

A Escola Americana era sempre referenciada nos textos que liam o trabalho de Betty Jane Meggers, e sempre pronunciada nos seminários, comunicações e encontros científicos. No entanto, mesmo que procurasse não se tinha nada que pudesse balizá-la ou descrevê-la.

Mesmo assim sempre se tinha aqui ou acolá uma citação as Escolas; a americana e a francesa. Numa observação atenta de produção teórica da arqueologia, especialmente das que foram pioneiras, a partir dos anos 60 quando se tem a introdução de uma arqueologia acadêmica, deparei-me com as Escolas Americana e Francesa, como referências em teoria e metodologia.

Aprofundando-me na pesquisa percebi que as duas Escolas eram historicamente uma marca forte na Arqueologia brasileira como tema que causava polêmica a partir de discussão, debates e críticas. Muitas críticas...

Os acontecimentos da cena política, social e principalmente acadêmica da introdução da Arqueologia como disciplina universitária no Brasil afetaram diametralmente o modo como os arqueólogos brasileiros identificavam as Escolas Arqueológicas. Estas por sua vez fortemente marcadas e incorporadas a duas personagens importantes nesse enredo; Betty Jane Meggers e Annette Laming-Emperaire.

Um dos questionamentos que vinha a tona com a associação destas pesquisadoras as Escolas Arqueológicas era o fato de se ter uma redução. Esse arrefecimento ou a compartimentação de todo um trabalho (ao longo de suas carreiras) está ligado à problemática das Escolas Arqueológicas.

Problemática, pois sempre que se citam as Escolas, se causa muito barulho sem se chegar a um denominador comum. Comecei a me questionar se a

Arqueologia só se referia as Escolas numa prerrogativa de desqualificá-las. No entanto, percebia uma deferência principalmente no que tange a sua contribuição a formação de arqueólogos no Brasil.

Nessas narratividades da prática discursiva, um mundo se abria com novas possibilidades de reflexão. Reflexão entre as diversas interpretações sobre as Escolas Americana e Escola Francesa. Assim se propõe um diálogo com essas Escolas promovido a partir da dialética de Evento e Significação de Paul Ricoeur, na vertente de sua teoria da interpretação.

Escolhe-se transitar pela linha discursiva enfrentando questões primordiais tais como a própria definição dessas Escolas. O que são as Escolas Americana e Francesa? Porque suas delimitações foram feitas a partir do trabalho de duas arqueólogas; Meggers e Emperaire. Em que sentido se dá o processo de aprendizagem? Existe uma re-ligação de saberes através dessas Escolas?

A intenção não é julgar as escolas como um equívoco. Mas fazer jus a riqueza e a produtividade da reflexão que os Eventos nos trazem. O objetivo é indicar ou deixar claros os elementos que contribuam para superação dos rótulos, dos paradigmas e de suas conseqüentes problemáticas. Busca-se a coerência daquilo que '*a priori*' é incoerente.

Toda leitura (do passado) é também uma construção, uma reinvenção do passado em prol do presente. Se tal procedimento pudesse alcançar uma aceitação geral, ainda que relutante, da profissão histórica, poderia ser aberto um espaço no qual outro tipo de história intelectual pudesse ser escrita.

Uma história que dissesse respeito não a autores mortos, mas a livros vivos, não a um retorno de escritores antigos e seus contextos históricos, então se poderia pensar numa História fornecendo um meio crítico pelos quais os trabalhos valiosos do passado possam sobreviver a seu passado.

Sobreviver de forma que seu passado possa falar e construir uma ponte com o nosso presente. Meu interesse vem de encontro com problemática tripartite texto – contexto - leitores. Na perspectiva de desvendar como duas pioneiras da Arqueologia Brasileira foram subsumidas como Escolas Arqueológicas.

Ao tomarmos as duas pesquisadoras como Eventos, suas referências (texto, contexto e auditório) transformam-se em nossas interações da linguagem com o

mundo 'real'. Caminha-se por dentro das relações teóricas envolvendo as práticas discursivas que marcam a trajetória de ambas.

Na conjectura de se tentar delimitar o que estaria fora ou dentro desses limites o diálogo é estabelecido mediante a relação entre passado e História, acercando-se das discussões que estas posturas assumem na Arqueologia e o "modo" com que o passado é "descoberto ou inventado". A ideia é discutir o impacto de pensamentos teóricos em determinadas práticas científicas e que "emblemas" estes pensamentos assumiram a partir de então.

Nesta máxima a tese se insere em novas perspectivas que dá gradativo destaque para discussões envolvendo a relação não menos complexa entre textos e objetos (Tilley, 1992) (Hodder, 1986), bem como suas implicações sociais (Shanks & Hodder, 1996).

As legítimas representações do passado passam por revisões que buscam situá-las dentro de uma discussão dando conta do papel do arqueólogo e do historiador, na construção de significados seja através de textos, como também na eleição de determinados objetos.

Pretende-se ainda com esse recorte refletir sobre os estreitamentos existentes nas relações de construção de conhecimento; enquanto, sujeito e objeto, somos construtores desse conhecimento. E esse é feito numa dinâmica mediada por antagonismos, recortes, contradições e incertezas. Aqueles que lidam com o passado precisam de epistemologias que impulsionem, sobretudo, uma reforma no pensamento sobre nossos objetos, e serem capazes de transcender as perspectivas limitadoras, redutoras, unidimensionais e sectárias.

No meu caminho parafraseei Adoniran Barbosa que por volta da década de 60, compôs uma canção intitulada '*e eu que já fui uma brasa/ se assoprarem posso acender de novo*' cuja poética era após ter feito grande sucesso na década de 40 e 50 ter sido deixado de lado. 'Brasa' além de todos os sinônimos poéticos e literais, a época era uma gíria usada para expressar o que havia de melhor. Já tem mais de 40 anos e o samba desse malandro ainda é expressão popular ao brasileiro.

Bem como, o trabalho dessas arqueólogas.. Que podem ser consideradas fenômenos de expressão na Arqueologia Brasileira. Elas também foram brasas e são brasas, tanto no literal, no poético, e na gíria popular...

1 DOS CONCEITOS

Quando se trata de arqueologia é comum fazermos referências a trabalhos cuja pertinência está mais voltada ao trabalho com a cultura material. Ou precisamente, com os dados que seriam extraídos ao manusear-se uma determinada cultura material. Os questionamentos comuns, e tradicionalmente vistos e revistos pela arqueologia, seriam subtraídos das escalas, datações e tipos de classificação de um trabalho de campo. Por sua vez, estes poderiam associar-se a questionamentos mais amplos. Preocupados com as transições de um período ao outro, ou as escalas evolutivas de uma determinada sociedade, ou ainda com a identificação de uma seqüência linear ou não.

O certo é que todo esse trabalho passa de alguma forma pelo processo da textualização que inexoravelmente vem representar um determinado tipo de história cujos eventos, numa perspectiva cronológica possuem um começo, meio e fim.

A própria “crise de representação” do começo do século levou as Ciências Humanas a repensarem suas formas de retórica enquanto poder e distanciamento. Muitos consideram que essa “reforma” começou no movimento Renascentista do século XIX terminando nas discussões pós-modernas da “análise do discurso”. O certo é que a maioria das Ciências Humanas buscou discutir mudanças a partir de suas esferas epistemológicas, inclusive para se ratificar como ciência. (LIMA, 1990) (MORIN, 2003)

Por sua vez os debates da atualidade, ou pós-modernidade, afetaram a maneira como se faz História e Arqueologia. Essas discussões foram geradas e substanciadas nos embates filosóficos a partir da década de 60 e depois paulatinamente tomou diversas ramificações e características particulares quando nas disciplinas específicas. (LIMA, 1990) (MORIN, 2003)

Essas novas correntes propõem rever as tradições rígidas ligadas ao Empiricismo e ao Positivismo. Propondo uma abertura às críticas ao “sagrado e intocável” levando as discussões científicas a questões centrais como a própria ideia que se tem de passado, a produção objetiva e subjetiva de conhecimento, e a

revisão de determinadas ideologias e intencionalidades na prática científica. (TILLEY 1999, HODDER 2000, PIRIE 2004)

O interesse é surfar por entre essas relações teóricas características de um pensamento moderno ou pós-moderno. Não a maneira generalista e indeterminada, mas o alvo perpassa pelo debate de forma particularizada na relação entre construção do passado e História, acercando-se das discussões que estas posturas assumem na Arqueologia e o “modo” com que o passado é “descoberto ou inventado” na dinâmica dessas disciplinas. (PEDROSA, 2008)

O debate intensifica ao perceber que estas posturas na sua condição de relatos históricos ganham peso extra ao assumir o rótulo de representações legítimas e emblemáticas de um passado que foi construído. Nessa condição essas representações devem ser vistas não só nas suas estratégias textuais (sua construção interna), bem como nas suas relações sociais (sua construção externa) de forma a perceber as imagens que foram construídas e sedimentadas a partir de então. (PIRIE, 2004)

A intenção é discutir o impacto de pensamentos, críticas e paradigmas em determinadas práticas e que “emblemas” estes pensamentos assumiram ao longo do tempo e de um determinado contexto. A questão que impulsiona as problemáticas é tentar perceber como uma determinada “lógica” através de um determinado discurso consegue persuadir e seduzir ao ponto de corresponder à determinada afirmação que se torna preponderante e expressão de um mundo.

Trataremos de certas rotulações que determinados trabalhos assumiram ao longo do tempo criando imagens ou idéias que se perpetuam. Interpretação cujo poder é tão forte que por sua vez acaba abafando outras interpretações possíveis. Essas imagens que se tem como tão real e verdadeira são feitas muitas vezes a partir de recortes que ao final dão conta de um mosaico que traduz pretensamente esse “real” com um todo.

At the same time it is necessary to realize that there is no firm bedrock or foundation to which we can anchor our statements about the past.¹

¹ TILLEY, Christopher. Meta archaeology project - On modernity and Archaeological Discourse. Fragmento disponível em: < <http://archaeology.kiev.ua/meta/tilley.html> > Acesso em 18/07/2012.

Trata-se da investigação de uma determinada estrutura embasada a partir de textos, ou de frases verbalizadas que indicam para um determinado sentido e reflexão. Esses determinados pensamentos foram enquadrados e engendrados ao longo do tempo nas práticas científicas arqueológicas que as assumiram e as naturalizaram. Porém, isso não significa dizer que estas fossem as posturas iniciais dos autores em questão. Só que em larga medida, se tornaram não só pensamentos, mas estratégias hegemônicas, contínuas, e muitas vezes inquestionáveis.

Esses pensamentos e suas práticas são estabelecidos, através de paradigmas, no momento em que conseguimos estabelecer um conjunto de significados estáveis e principalmente de referências externas a esse conjunto.

Se entendermos como paradigmas (Khun) um conjunto de postulados teóricos, explícita ou implicitamente aceites pelos investigadores de uma dada época (ou por uma fração significativa deles) postulados esses que perfilam um “campo mental” dentro do qual cabem as perguntas que os autores fazem aos dados e as respostas que destes esperam obter (na verdade os próprios “dados” resultam já de uma filtragem possibilitada pelo paradigma) – então a história da Arqueologia como alias de qualquer ciência, pode encarar-se como uma sucessão de paradigmas, cada um deles iniciado por uma “ruptura epistemológica” que, processada de início por uma “minoría inovadora” se vai pouco a pouco diluindo no cotidiano da “pesquisa corrente”. Evidentemente que as coisas em geral não são assim tão simples. (OLIVEIRA JORGE, 1987, p 61)

Nesse ponto é importante dar atenção em relação às quais condições que regem a produção e transmissão de significados. Quais os motivos que levam alguns significados surgirem, persistirem e ‘repentinamente’ entrarem em colapso em determinados momentos e situações acadêmicas e socioculturais.

Talvez seja dessa forma que possamos encarar determinadas figuras ou expoentes que foram na História da Arqueologia importantes nessa dinâmica de significação através do tempo.

O fenômeno central é produzido ao nível do discurso, em que a problemática é analisada a partir da dinâmica triparte entre texto, contexto e leitura. Os textos que aqui se toma como fontes e matrizes geradoras de significados, são das autoras e arqueólogas, *Betty Jane Meggers (1921-)* e *Annette Laming-Emperaire (1917-1977)*.

O fenômeno é a relação ou associação das duas arqueólogas a Escolas Arqueológicas citadas e evidenciadas a partir da historiografia arqueológica, ora como 'não existentes', ora, na sua prerrogativa de correntes ou linhas de pensamento arqueológico. Convencionou-se associar o nome de Betty J. Meggers a Escola Americana, e Annette L. Emperaire a Escola Francesa. Numa tentativa de explicação do que seriam as tais Escolas se recorre à metáfora em que, a Escola Americana é Meggers, e a Escola Francesa é Emperaire.

Eis que se surgem algumas questões: Por que seus nomes são relacionados ou referenciados a Escolas teóricas que supostamente existiriam na Arqueologia Brasileira? Como se dá a associação das duas arqueólogas, respectivamente, a Escola Americana e a Escola Francesa? Qual seria a mensagem particular e única transcorrida através dos textos nos quais seus leitores as reconheceriam como "Escolas"? O que são essas Escolas teóricas? Elas, de fato, existem?

Levanta-se uma primeira hipótese investigativa cuja intriga parte justamente de uma perspectiva temporal; o impacto do pioneirismo na Arqueologia Brasileira. Quando o impacto é visto de forma estendida ou distendida, se percebe a ocorrência de dois expoentes que se tornaram fenômenos na Arqueologia Brasileira. Esses, ao logo do tempo e considerando seu contexto, assumiram determinadas linhas de pensamento ratificando valores, saberes e certezas, que muitas vezes, mesmo não sendo posturas iniciais acabaram por ser enquadradas pluralizando a perspectiva de um mundo real.

Esse mundo é permeado por significações para quem o reconhece como tal. Ele é pautado em códigos, conceitos e metodologias da prática científica arqueológica. Esses fenômenos científicos São reconhecidos por aqueles que o citam e mesmo quando o negam, posto que como numa fórmula matemática, ou melhor, no reconhecimento dessas Escolas encontram-se inúmeros denominadores comuns.

O entendimento que se propõe nessa pesquisa, é que o conjunto de significados específicos é intertextual, portanto esse trabalho não está apenas na fala, ou nos objetos, mas, sobretudo está na escrita. É justamente quando o passado passa a ser escrito, ou seja, se transforma num texto, estabelecendo um diálogo constante entre, seu autor e sua audiência desconhecida e também, fundando-se em regras de múltiplas significações, conotações e implicações.

As palavras, todavia, não são tudo. Na verdade, é o contrário: elas nada são, ou antes, um “quase nada”. Como um ácido, elas atacam (e esculpem?) o dado imediato do imaginário. (...) É verdade que, filosófica, poética, teológica, ou nascida de uma “sabedoria” popular que não possui todos esses belos títulos, a fala não faz desaparecer, por um ato mágico ao ser pronunciada, a imensa exibição das possessões que se oferecem à vista. Ela própria esta presa nesse elemento de onde sai e do qual se alimenta. Mas o único fato de falar restaura a ausência, proíbe a identificação com o imaginário e, sob a forma de um não, permite um movimento que pode ser o do sentido. (CERTEAU, 1995, p 51)

Ora, na sintaxe das palavras, do mundo ao qual nos referimos, onde exatamente estaria o sentido ou o significado cuja ocorrência fizesse com que se lesse essas arqueólogas como expoentes dessas Escolas? Pois em nenhum dos textos assinados pelas autoras em questão se faz qualquer tipo de referência a Escolas...

Eis a problemática da tese.. O sentido... O sentido que se quer, o sentido que se tem ou o sentido que se cria..

Na imagem dessas duas arqueólogas aparece a associação das mesmas a escolas teóricas. Logo se tem uma metáfora, imaginária ou não; Betty Jane Meggers é a Escola Americana e Annette Laming-Emperaire é a Escola Francesa. O universo do discurso se dá justamente na transferência das palavras.

O que se quer dizer quando se afirma que Betty Jane Meggers é a Escola Americana e o que se quer dizer que Annette Laming-Emperaire é a Escola Francesa? A questão parece simples de resolver: que as duas são expoentes das respectivas Escolas.. A partir dessa interpretação é possível deslocar esse sentido para o que se quer buscar ao fazer essa análise; como e porque se deu a

transformação das duas pesquisadoras em Escolas? A partir de que parâmetros as mesmas são vistas como Escolas?

Se, somente se, encontram-se sentidos semelhantes entre as Escolas e as arqueólogas, se tanto as Escolas quanto as arqueólogas estão equivalentes, há transposição de sentido, portanto, se tem a idéia de movimento. Ricoeur afirma que toda metáfora é também definida em termos de movimento. Assim a reflexão do discurso aqui presente, torna-se também a análise desse movimento.

Um interesse pelo próprio movimento de transposição. Um interesse pelos processos, mais que pelas classes. Este interesse poderá ser assim formulado: o que é que significa transpor o sentido das palavras? (RICOEUR, 1983, 27).

Ora, seria fácil de resolver o problema ao se voltar para o arqueólogo-mágico na intenção de verificarmos o que suas palavras tencionam dizer. A questão não é tão fácil de dirimir...

Segundo Ricoeur, tudo o que possa ser dito das palavras resulta da sua correspondência com as idéias. Assim falar das idéias e das palavras, é falar duas vezes das 'idéias em si mesmas'.

As idéias são 'os objetos que o nosso espírito vê'. Nesta visão direta ordenam-se todas as distinções entre idéias: idéias complexas, simples (...), concretas individuais, gerais; o mesmo se pode dizer do modo como elas 'se ligam e se encadeiam umas nas outras no nosso espírito para formar aí múltiplas associações, conjuntos, ou grupos diversos. (RICOEUR, 1983; 81)

A ideia enquanto pensamento implica levar em conta que este é expresso através das palavras. Nesse sentido o pensamento e as palavras são objetos que se podem considerar idênticos.

Que a palavra e a proposição constituam dois pólos distintos da expressão do pensamento confirma-o a definição das noções de sentido e de significação: é, antes de mais, em relação à palavra que o sentido é definido: "O sentido é, relativamente à palavra, o que a palavra nos faz entender, pensar, sentir pela sua significação; e a sua significação é o que ela significa, isto é, aquilo que ela é o signo, que ela assinala." Mas o sentido se diz de toda uma frase, algumas vezes até de todo um discurso. Por outro lado, a proposição só é uma frase desde que, numa determinada construção, apresente um sentido completo e finito. (Id., (Ibidem: 83)

A palavra junto a sua interpretação se torna dramática quando ganha vida inteligível. Quando passa a ser um texto cuja plenitude encerra em si mesmo, porém abrindo-se a uma infinidade de janelas cujas interpretações podem ser múltiplas.

Essa polissemia é implícita em qualquer texto e pode dar origem a diferentes tipos de leituras. Algumas leituras e interpretações podem ser compartilhadas, com relativa facilidade, entre diferentes leitores (MORAES, 2007: 14).

O texto é um quando nas mãos do autor, mais muitos nas mãos de seu público. Ou seja, quando vai ao encontro de seus leitores. Uma única leitura é capaz de abrir um universo multidimensional. A leitura é capaz de nos transportar no tempo e espaço, e de uma cultura a outra. Três caracteres aqui são importantes no entendimento dessa máquina do tempo; o texto, o autor e seus leitores.

No contexto arqueológico esse autor tem a capacidade mágica de transformar “coisas” ou “objetos” em palavras. E as palavras quando verbalizadas tornam-se muitas vezes reverberações incontroláveis.

Segundo Marques (2010), *“a palavra na arqueologia se move num terreno que a situa duplamente. Por um lado, alcança um lugar na extensão da cultura material e, por outro, é escritura realizada pelo sujeito que descreve, traduz e interpreta a cultura material de um mundo a ser conhecido”* (p25).

Se a perspectiva é entender como se construiu a compreensão de que as autoras em questão são expressões maiores de Escolas Teóricas é preciso ir atrás dos rastros em que se pode verificar essas reverberações que se tornaram tão fortes na historiografia arqueológica. O rastro as identifica como expoentes de Escolas Teóricas, mas em nenhum momento se verifica de fato a existência dessas Escolas, enquanto linhas de pesquisa científica.

A lógica se torna problemática na reverberação, pois, *“a questão aí é de compreender como é que, o erro é possível, isto é, como é possível dizer o que não se verifica, se falar significa sempre dizer alguma coisa”*. (RICOEUR, 1976)

O ponto de partida é conceber os textos como corpus importantíssimo das questões da fala e, portador dessa mensagem. Assim estes se tornam estrutura fundamental para se entender como se fundamenta a construção de significados em torno dessas duas arqueólogas.

Para Ricoeur é importante entender a mensagem como um “modelo Estrutural” na tentativa de decodificá-lo. Para tanto toda mensagem encarada como estrutura ou sistema é individual quando nas mãos de seu autor, mas seu código passa a ser coletivo quando aberto ao público.

A mensagem e o código não pertencem ao tempo da mesma maneira. Uma mensagem é um evento temporal na sucessão de eventos que constituem a dimensão diacrônica do tempo, ao passo que o código está no tempo como um conjunto de elementos contemporâneos, isto é, como um sistema sincrônico. Uma mensagem é intencional; é intentada por alguém. O código é anônimo e não intentado. Neste sentido, é inconsciente, não no sentido em que os impulsos e tendências são inconscientes, (..), mas, no sentido de um inconsciente estrutural e cultural, não libidinal. (RICOEUR, 1976. p 15)

Para tanto se começa do pressuposto que se tem uma mensagem: a leitura (interpretação) de que Betty J. Meggers é fundadora ou a matriz em si da Escola Americanista, concorrentemente, há o pressuposto de que Annette Laming-Emperaire é a representação da Escola Francesa.

Ao se tomar a premissa de que as duas arqueólogas são Escolas metaforicamente falando percebe-se na transposição de sentido, um movimento, então, pode se fixar ao enunciado. Se há a transposição de sentido, há um enunciado no meio contextual que por sua vez também é portador de sentido.

Uma vez enunciado, o mesmo é completo e finito. As Escolas são um todo. Elas identificam algo ou alguma coisa; elas identificam um discurso. Ora nesses termos como nos afirma Ricoeur as implicações metodológicas são consideráveis já que poderíamos alargar a análise do discurso ao seu conjunto de constituintes. (Ricoeur, 1983: p.106-108)

Mas nesse caso se detém em seis enumerações dos traços distintivos do discurso feitas por Ricoeur, verticalizando-se em seu primeiro par, como estrutura basilar e distintiva do caráter eminentemente discursivo de nossa proposição aqui exposta.

Primeiro par: qualquer discurso produz-se como um acontecimento, mas deixa-se compreender como sentido. (RICOEUR, 1983; p. 109)

Sublinhando o caráter de acontecimento do discurso, Ricoeur sintetiza que a instância do discurso são os atos discretos e de cada vez únicos pelos quais a língua se atualiza em falas por um locutor.

Este traço opõe fortemente o discurso à língua, um sistema lingüístico, precisamente porque sincrônico, tem, na sucessão do tempo, apenas uma existência virtual; a língua não existe propriamente senão quando um locutor dela se apodera e a atualiza. Mas, ao mesmo tempo que o acontecimento do discurso é transitório e fugaz, pode ser identificado e reidentificado com o “mesmo”; é a significação, no sentido mais lato, que é introduzida com a identificação de principio de qualquer unidade de discurso. Existe sentido porque há efetivamente sentido. (RICOEUR, 1983: p.109)

Então se pode afirmar que o que pode ser identificado conseqüentemente será re-identificado. A instância do discurso é um acontecimento eminentemente repetível.

Dentro desse argumento ricoeuriano o discurso funda-se primeiramente na atualidade do Evento de linguagem num contraponto a virtualidade do sistema da língua. O discurso não é transitório e que desaparece, mas pode identificar-se e re-identificar-se como sendo o mesmo preservando sua identidade proposicional. Por conseguinte, aquilo que é “dito”, em seu aspecto objetivo, sustenta uma função de predicação da frase e, logo de uma função de identificação. (COSTA, 1995: 17)

No entanto, o ato do discurso não é necessariamente transitório evanescente. Pode identificar-se e reidentificar-se como o mesmo, de maneira que o possamos dizer novamente ou por outras palavras. Podemos até dizê-lo noutra língua ou traduzí-lo de uma língua para outra. Ao longo de todas as transformações preserva uma identidade própria, que pode chamar-se o conteúdo proposicional, “o dito enquanto tal”. (RICOEUR, 1976: 21)

O discurso considerado quer como um evento ou uma proposição, isto é, como uma função predicativa combinada com uma identificação, é uma abstração que depende do todo concreto que é a unidade dialética de evento e significação na frase. (Ricoeur, 1976: 23)

Recorda-nos que o discurso se realiza temporalmente e num momento presente, ao passo que o sistema da língua é virtual e fora do tempo. Mas este traço aparece somente no movimento de atualização da língua para o discurso. Por conseguinte, toda a

apologia da fala como evento é significativa se e somente se torna visível a relação de atualização, graças à qual a nossa competência lingüística se realiza como performance. (Id., Ibidem: p.23)

Uma teoria do discurso deve então contemplar dois aspectos fundamentais: a sua constante atualização, realizado temporalmente, e o sentido da mensagem, retido e compreendido. Estamos diante da dialética de Evento e Significação expressa no trabalho de compreensão do discurso em Ricoeur. (Costa, 1995: 17)

Se todo o discurso se atualiza como evento, todo o discurso é compreendido como significação. Por significação ou sentido designo aqui o conteúdo proposicional, que justamente descrevi como síntese de duas funções: a identificação e a predicação. Não é o evento enquanto transitório que queremos compreender, mas sua significação – o entrelaçamento do nome e do verbo, (...), enquanto dura. (RICOEUR, 1976:p 23)

A proposta da problemática aqui apresentada é encarada dentro de uma dialética de Evento e Significação da noção de texto organizada na hermenêutica de Paul Ricoeur. Tendo como Evento não só as pesquisadoras, mas as próprias Escolas em si mesmas.

De um lado, o discurso se dá como evento: algo acontece quando alguém fala. Esta noção de discurso como evento impõe-se desde que levemos em consideração a passagem de uma lingüística da língua ou do código a uma lingüística do discurso ou da mensagem (RICOEUR, 1983, p 45).

Quem foi, o que foi, e com se dá o Evento dentro dessa dicotomia Arqueólogas-Escolas? Como se daria a organização de um *mundo* que vai se abrir tendo como centro essa relação dicotômica estabelecida na Arqueologia Brasileira?

Dizer que o discurso é um evento é dizer, antes de tudo, que o discurso é realizado temporalmente e no presente, enquanto que o sistema da língua é virtual e fora do tempo (Id., Ibidem; p 46).

Se há a afirmação que as Escolas são discursos vai se estar convalidando a iniciativa de compreender que esses discursos nos remetem a uma significação. O evento em si, é estabelecido à medida que se tem um discurso cuja significação é

permanente. No discurso o evento e o sentido se articulam e se sobrepõem um ao outro. (RICOEUR, 1983; p 47)

Dessa forma afirma-se a existência de um Evento na Arqueologia Brasileira cuja temporalidade é permanentemente atualizada: as duas resguardando-se o seu contexto e seus textos são lidas como Escolas teóricas e metodológicas (por parte da historiografia arqueológica Brasileira).

Ao se voltar para os “Eventos” percebemos que as autoras em questão são vistas no presente enquanto discurso que as identifica como Escolas Arqueológicas. Simplificando; há um auditório que as identifica como correntes de postulados teóricos específicos. Se há um mundo partilhado e que lê as autoras como, teóricas dessas Escolas, seria possível traçar os sinais cuja interpretação traria algum discernimento sobre o jogo de perguntas e repostas estabelecido na leitura destas como Escolas Teóricas? Se sim, então será possível estabelecer um diálogo com o intuito de discernir as mensagens para que se tenha a efetuação do discurso em si.

Pretende-se compreender, dando lugar a uma *determinada* interpretação em dois casos particulares e específicos, e através de seus textos. Assim *um* dos caminhos que pode levar há uma compreensão de *como* se deu a efetuação da linguagem enquanto discurso é sem dúvida tentarmos mergulhar no mundo de seus textos.

A perspectiva propõe descrever e interpretar um dos sentidos que um conjunto de textos suscitou na Arqueologia Brasileira frente ao trabalho dessas pesquisadoras. Partindo do pressuposto de que as leituras são sempre leituras de “segunda mão”, elas são uma das muitas interpretações.

Assim parte-se do princípio de que indo atrás dessa compreensão se estará fazendo uma análise textual cujo exercício propõe investigar determinados sentidos e significados produzidos na dinâmica tripartite da fala, do texto e de seu contexto.

O ciclo de análise textual aqui focalizado é um exercício de produzir e expressar sentidos. Os textos são assumidos como significantes em relação aos quais é possível exprimir sentidos simbólicos (MORAES, 2007: 14).

Volta-se para o modo particular e subjetivo em que essas autoras foram inseridas e absorvidas pela comunidade acadêmica em questão. Na tentativa de historicizar suas experiências percebendo por meio de que processos essas experiências foram construídas chegando a determinados termos. Ou melhor, como estas foram percebidas como Eventos.

A “instância do discurso” só pode ser válida quando os elementos do próprio discurso se dão como Evento. O caráter do evento aqui se vincula aos textos das pesquisadoras em questão, ao contexto vivenciado nelas e impresso através dos textos e ao contexto experienciado por seus leitores.

Um acontecimento que pertence a uma corrente de consciência não pode transferir-se como tal para outra corrente de consciência. E, no entanto, algo se passa de mim para vocês, algo se transfere de uma esfera de vida para outra. Este algo não é a experiência enquanto experienciada, mas a sua significação. Eis o milagre. A experiência experienciada, como vivida, permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação torna-se pública. (RICOEUR, 1976: 28)

Nessa corrente há um deslocamento de interesse no texto: não só se prender as explicações obtidas no texto, mas como estas foram absorvidas e interpretadas e reinterpretadas ao longo do tempo. Então se tem outro caminho no qual se pode verificar a efetuação da linguagem quando discurso; *o que se diz* sobre elas.

O evento não é apenas a experiência enquanto expressa e comunicada, mas também a própria troca intersubjetiva, o acontecer do diálogo. A instância do discurso é a instância do diálogo. O diálogo é um evento que liga dois eventos, o do locutor e o do ouvinte. É em relação ao evento dialógico que a compreensão como significação é homogênea. Daí a questão: que aspectos do próprio discurso são significativamente comunicados no evento do diálogo? (Id., *Ibidem*: p. 28)

Na relação texto/mensagem e leitor/código é importante perceber como também se dá a significação, pois faz parte do reconhecimento das duas nas vertentes de Eventos. Há um auditório particular que as reconheceu (e reconhece) como Escolas, muito por seu pioneirismo, mas sem dúvida pela extensão e complexidade de seus temas. Dessa forma o interesse aqui se volta não só para os registros escritos, mas para a própria realidade social que as duas significaram para

a comunidade arqueológica e acadêmica que deve ser considerada como elemento importante na pesquisa.

Têm-se uma realidade comum, partilhada, que necessariamente não pode ser transferida ao autor e no qual o leitor tem responsabilidade, esta realidade não pode ser fundamentada na sugestão ou insinuação. É preciso tomar cuidado com essa problemática posto que a referência e a representação são temas complexos.

O texto liberado de sua referência é também liberado de sua intenção autoral e o perigo é que ele começa a oferecer possibilidades que seu autor pode sequer ter imaginado. Quando se tem a efetuação da linguagem como discurso há um deslocamento do problema já que esse se desprende do texto para dar abertura à direção de um mundo. Mundo partilhado e alimentado por aqueles que reproduzem o discurso.

Ora é comum associarmos a escrita como forma de identificação e coligação as mensagens perpassadas no texto. É no texto que pode-se ficar próximo dos posicionamentos teóricos, das vinculações científicas que entremeiam os pensamentos dos autores.

A terceira pessoa do plural tão cobrada pelos ditames da academia no ato da escrita facilmente se transforma na primeira pessoa do singular no discurso falado. A leitura que fazemos desse “nós” é a de que podemos nos aproximar da subjetividade e personalidade do autor através do texto.

Por conseguinte, a intenção subjetiva do locutor e a significação do discurso sobrepõem-se um ao outro de tal modo que é a mesma coisa entender o que o locutor pretende dizer e o que o seu discurso significa. (RICOEUR, 1976, p 41)

Enfatizando a natureza ‘eventualista’ do discurso das “Escolas” e de seu lugar na Arqueologia Brasileira há um destaque para as possibilidades que estes representam no presente quando vistos sob o prisma de sua voz (como também o fato dos mesmos possibilitarem vozes autorais). Essa perspectiva chama atenção não só para o autor, mas para a dialética que ele estabelece com outros autores que o usam como base.

Quando se afirma as Escolas através de uma discursividade consubstanciada qual Evento na Arqueologia Brasileira se percebe um sistema que

é virtual e fora do tempo. Sendo assim o surgimento do discurso qual Evento, a “instância do discurso”, é o fato de ele ser sempre performático. O que por sua vez irá nos remeter a “quem fala”, a quem pronuncia o discurso.

Nesse sentido, diremos que a instância do discurso é auto-referencial. O caráter do Evento vincula-se agora, à pessoa daquele que fala. O Evento consiste no fato de alguém falar, de alguém se exprimir tomando a palavra. (Id. *Ibidem*; p 46)

O discurso não pode ser separado das interpretações através das quais ele chegou a nós. Se quisermos de alguma forma alcançá-lo é preciso tentar alcançar essas interpretações. Não se pode despi-lo da história que carrega e que se faz presente no hoje, no agora. Entender um texto significa entender sua história essencial;

A reconstrução das circunstâncias originais, como toda restauração do tipo, consiste numa realização sem sentido, tendo em vista a historicidade de nosso ser. O que é reconstruído, uma vida trazida do passado perdido, não é a original. Em sua continuação num estado alienado, ela adquire comumente uma existência cultural secundária.. mesmo a pintura retirada do museu e recolocada na igreja, ou uma construção restaurada à sua condição original já não são mais o que eram antes – tornam-se simplesmente atrações turísticas. De modo semelhante, uma hermenêutica que considera o entendimento como a reconstrução do original não seria mais que a recuperação de um significado morto. (GADAMER, 2008, p.245)

Ora, não se pode conceber um texto como uma estrutura, congelado e a espera de uma tradição interpretativa que possa dar conta da verdadeira experiência, abordagem ou intencionalidade inerente ao mesmo. É preciso dar conta que o texto como um “todo coerente” quando é atirado ao público é metaforicamente como algo atirado ao rio: nunca refaz o mesmo caminho, ao imergir num fluxo de águas que resistem a um domínio.

Aos complexos textuais somamos suas referências históricas originais, e suas referências históricas (textuais) contemporâneas. E, quanto às críticas, aos preconceitos historicamente condicionados é possível encará-los como obstáculos ao entendimento, porém estes são de fundamental importância ao entendimento das múltiplas interpretações gradualmente acumuladas e acondicionadas ao texto.

Por isso a intenção aqui é antes de tudo entender “como se deu a construção de significados” e não “recuperar determinados significados”. Ao se encarar o discurso qual Evento, se propõe mediar às problemáticas através do discurso em si, e não em uma possível recuperação de verdades.. Ora, assim o centro gravitacional é o discurso enquanto discurso em si!

A atitude é de reflexão (sem deixar de historicizar as problemáticas), mas, sobretudo compreender, tendo os textos das autoras aqui referenciadas como fontes primárias, acrescidos da fala e dos textos, *do que se diz* sobre as mesmas, como fontes secundárias e de aporte afim de se chegar ao paradigma fundamental e do qual eles são nossas principais testemunhas.

As problemáticas aqui suscitadas podem ser articuladas em torno dos cinco temas a que Ricoeur (1983, 1976, 1990, 1991) se refere como mediador do diálogo que se estabelece quando temos o texto mediador e testemunha desse discurso.

A efetuação da linguagem como *discurso*;

A efetuação do discurso como *obra estruturada*;

A relação da *fala com a escrita* no discurso e na obras de discurso;

A obra de discurso como *projeção de um mundo*;

O discurso e a obra de discurso como *mediação da compreensão em si* (RICOEUR, 1983, p 44)

Por isso seria contraditório verticalizarmos apenas nas fontes primárias deixando a sua audiência e os seus sinais (sua significação), a parte da discussão. Já que as questões estariam na dialética da fala, na reverberação da escrita, ou no discurso em si.

Já em relação aos seus sinais (sua significação) se é possível dizer que há um “*mundo partilhado*”, é possível também se questionar que *mundo* é esse...

(...) o discurso é evento: enquanto que os signos da linguagem só remetem a outros signos, no interior do mesmo sistema, e fazem com que a língua não possua mais mundo, como não possui tempo e subjetividade, o discurso é sempre discurso a respeito de algo: refere-se a um mundo que pretende descrever, exprimir ou representar. O evento, nesse terceiro sentido, é a vinda à linguagem de um mundo mediante o discurso (id., *ibidem*; p. 46).

Não há eventos que ocorram sem a presença de objetos, ou entidades. Evento é o diferencial: o evento ocorre num dado lugar e num dado espaço; os fatos por ele gerados permanecem no tempo e no espaço.

Objetivando produzir novas compreensões sobre esse fenômeno discursivos é válido salientar o caráter hermenêutico da tese, pois visa antes compreender os fenômenos de uma interpretação. Por isso que também foi usada como ferramenta analítica a Análise Textual Discursiva.

Não só fazendo parte da metodologia, mas a auxiliando na procura de movimentar os textos dentro desse processo auto-organizado na busca de novas compreensões. Na tentativa de montar nosso quebra-cabeça três movimentos são considerados processos; a desmontagem dos textos; o estabelecimento das relações e a captação de uma nova compreensão.

Assim a análise começa a se estruturar a partir de um conjunto de documentos (textos e entrevistas) que formou o *corpus* da pesquisa. É esse corpus que ao longo da tese passará por um processo de desconstrução e fragmentação, para em seguida poder estabelecer relações através de um processo de categorização que tivemos como fator norte sempre a organização através de uma análise qualitativa dessas categorias.

As unidades de análise foram sempre influenciadas e construídas a partir das proposições em relação ao objeto de pesquisa; identificar como se deu o estabelecimento desses dois Eventos, a Escola Americana, e a Escola Francesa.

Trabalha-se com leituras que geram interpretações, que podem ser compartilhadas ou não, mas que com certeza geram uma multiplicidade de significados. Como nos afirma Roque Moraes (2007) é possível construir a partir de um mesmo conjunto de significantes múltiplos significados.

Isso devido aos recortes e a teoria que se utiliza e que se fazem presente em qualquer leitura a partir de uma análise textual. Nossa leitura é manifesta, é a perspectiva de Eventos associados a essas Escolas.

Toda leitura é feita a partir de alguma perspectiva teórica, seja esta consciente ou não. Ainda que se possa admitir o esforço em pôr entre parênteses essas teorias, qualquer leitura implica ou exige algum tipo de teoria para poder concretizar-se. É impossível ler e interpretar sem ela. Diferentes teorias possibilitam os diferentes sentidos de um texto (MORAES, 2007: 15).

A teoria que embasa o texto, a metodologia qual ferramenta analítica orienta, paulatinamente, a expressão dos resultados obtidos. O primeiro passo, concretiza-se na tentativa de isolar esse conjunto de fenômenos, dentro de critérios que sejam possíveis e válidos, mas que nem por isso deixam de ser escolhas...

Nessas veleidades dar-se conta de que o programa aqui exposto se coloca como uma reflexão de um corpo teórico e metodológico que se tenta investigar como “Escolas” é importante à medida que tentamos entender ‘o porquê’ da Arqueologia Brasileira reconhecer a existência de ‘Escolas’ mesmo sem a validação destas por aquelas que são consideradas seus expoentes, Meggers e Emperaire.

Nosso pontapé inicial e que permeia toda a tese é a questão; *o que seria realmente relevante na prática arqueológica que pudesse alavancar um trabalho ao posto de corrente ou postulado teórico?*

O que significa produzir teoria na Arqueologia brasileira? Significa adotar posturas e concepções teóricas externas? No campo teórico da Arqueologia há muitas possibilidades de opções de escolha, categorizações e interpretações.

A teoria é totalmente subjetiva. Ela não é um produto técnico qualquer de um especialista, mas uma produção definida e localizada resultante de uma interação específica e contextualizada entre os indivíduos, e as experiências que esses indivíduos trazem, e a forma como eles interagem em suas vidas e em seu trabalho, e como os arqueólogos a constroem para chegar a ter uma imagem do passado com base nos restos de material contingente. (SHANKS E TILLEY, 1987: 212-213)

Na busca de respostas talvez certo fosse posicionar outra questão subjacente; O que seria imprescindível na Arqueologia ao fazer a distinção do que é senso comum, e do que é realmente uma explicação científica? Que argumentos poderiam, de uma maneira geral, ser comprovados e objetivados como confirmações empíricas no campo pertencentes a determinadas linhas de pesquisa? Quais seriam os critérios de verdade, as práticas essenciais ao se tomar como pertencentes a uma determinada teoria na Arqueologia sul-americana?

Ao encontrar respostas para essas questões vai se saber delinear quais foram os paradigmas estabelecidos através das normas e regras ditadas por essas “Escolas”, e que regem de alguma forma as condutas daqueles que as praticam em

campo, como operações e princípios válidos para se desenterrar e documentar a cultura material.

Para tanto, é preciso nos dirigir aos alicerces do edifício conceitual, imagético e político que nos remetem a essas Escolas. Nesse campo de investigação torna-se imprescindível voltar às circunstâncias históricas e todas as suas possíveis implicações.

Como se deu ao longo desse percurso a metodologia por elas empregada? Quais seus problemas epistemológicos, surgidos das elucubrações teóricas e também das problemáticas de campo? Como as mesmas se inserem, ou podem ser inseridas dentro do contexto por elas vivenciado na esfera do político, do social e cultural brasileiro?

A reflexão assim direciona-se há um conjunto de fenômenos que possivelmente podem ser definidos como uma teoria ou teorias explicativas particulares cuja metodologia é reconhecida como Escola. Por sua vez o conjunto “teoria + metodologia” daria lugar a modelos que por sua vez estão intrinsecamente relacionados a essas pesquisadoras e com seus trabalhos arqueológicos.

A noção de influência também pode criar um paradigma que seria compartilhado através da enumeração de pressupostos comuns, questões, temas, ou argumentos. Segundo La Capra (1983) *se faz necessário também elucidar como os empréstimos ou os pontos em comum funcionam de fato no texto*. Ou seja, como as idéias comuns operam diferentemente em distintos textos ou obras instituintes de uma dada “comunidade de discurso”.

Na visualização desse Evento outra perspectiva é a característica de ambas as trajetórias foram marcadas pelo pioneirismo na Arqueologia Brasileira. As pesquisadoras fazem parte de uma parcela de arqueólogos que teve sua trajetória marcada por pesquisas pioneiras nas terras da América do Sul. No caso elas foram pioneiras, não só porque aqui a arqueologia acadêmica era muito incipiente, mas também ao desbravar o território (sítios descobertos) e a pesquisa na América do Sul.

Em seu pioneirismo iremos atrás de enfatizar a transmissão de seus conhecimentos sociais, a fim de investigar se esse exercício nos trará a perspectiva de uma das unidades do Evento.

Já em sua retórica, ao tratar de temas globalizantes, inserindo a América na Pré-história mundial, há também possibilidade das mesmas terem sido vistas qual Eventos e, portanto, ao longo do tempo se deu a associação e leitura destas pesquisadoras como Escolas. O que representou a tomada de lugar, na medida em que, a voz e o poder, dessas arqueólogas na América do Sul passava a se fazer ouvir (esse continente transforma-se num grande sítio arqueológico conduzido pelo trabalho ou de Meggers ou de Emperaire)?

Na narrativa que as duas construíram ao longo de sua carreira são perceptíveis dois caminhos diferentes (duas vertentes) que perpassam a Pré-história Sul-americana. Vale a pena visitar esses caminhos por estarem relacionados aos objetivos que as duas pesquisadoras tinham previamente, antes de vir desbravar essas terras; “Des-cobrir” como se deu a entrada do homem no continente Americano! Pergunta-se: Existe uma representatividade das mesmas para a comunidade científica? Que tipo de representatividade é essa? Qual a importância dessa representatividade ao se ler as duas como Escolas teóricas?

Todos os traços aqui referenciados e dentro de um conjunto são as noções iniciais que nortearão a tese na tentativa de compreender o discurso “Escolas Arqueológicas”, qual Eventos na Arqueologia Brasileira. Essas pistas serão desenvolvidas ao longo do restante dos capítulos.

Ao se ter como premissa de que o discurso, como Evento assume sempre uma postura performática, já que o Evento é sempre uma performance, de constante atualização a partir de nossa competência lingüística, as Escolas não deixam de serem performáticas desenvolvidas como modelo discursivo que se refere aos seus locutores (quem fala é quem cria), criando assim um mundo próprio, atemporal e permeado de subjetividades.

É esse mundo que se pretende des-cobrir a fim de estabelecer um diálogo, no entendimento deste Evento para se entender ou mensurar sua significação. E se há a efetuação destas em correspondência a Eventos que enfim se possa compreender seu programa e conteúdo como um conjunto de significados dentro de um corpo teórico e metodológico reconhecido numa atitude de abertura a um “mundo discursivo” sem esquecer-se de nossos posicionamentos críticos perante tal.

Porém seria possível esquecer os ecos que adjetivam essas “Escolas” e suas “fundadoras”?

Existe, entretanto, uma diferença muito grande entre aquele tipo elementar de trabalho e a leitura crítica e interpretativa de documentos históricos, principalmente quando destinados a construção de um discurso teoricamente orientado, em uma monografia histórica de qualidade. Neste caso, não basta saber explicar o documento, mas torna-se fundamental expor claramente o conjunto de conhecimentos que nele se expressa, a partir de um sólido juízo crítico embasado, sobretudo na razão. (KERN, 2001: 9)

Há alguns textos que tentam confirmar e estabelecer um valor, um gênero, um sistema, ou criar ao menos uma determinada coerência que possa ser perpassada como princípio de verdade, mas estes acabam incorrendo a julgamentos ou interpretações redutivas que se tornam tão familiar que acabam por serem aceitas como verdades indiscutíveis.

O processo de reconhecimento dessas ‘Escolas’ ainda não atingiu um estágio de equilíbrio suficiente em que se pode afirmar sem se contestar, ou afirmar sem acusar. Afinal, podemos reconhecer nossos discursos em cima de todo um trabalho sem menosprezá-lo ou atacá-lo? Trata-se de buscar um ponto de equilíbrio.

Des-cobrir seria o ato de divulgar aquilo que é conhecido, porém, não entendido. Resolver no sentido de procurar um entendimento que possa desdobrar as Escolas num prisma cuja coerência pretende se distanciar de um discurso fechado, e de julgamentos e interpretações redutivas.

Será possível a adoção de uma perspectiva histórica em que se possa dar conta de uma construção social, acadêmica e de certa forma política que ganhou força num mundo partilhado e que hoje é vista sob prismas ‘morais’? Se há uma cadeia de reprodução desse mundo é possível romper com a mesma, ou será melhor manter sua legitimidade a partir de categorias próprias de percepção?

Decerto é que a mudança se faz necessária! A mudança no olhar não só referente à ‘como’ compreende-se (se há compreensão) as Escolas, mas como em determinados momentos a Arqueologia produziu e re-produziu estas Escolas. A historiografia em questão pode considerar olhar para estas ‘Escolas’ sob um aspecto particular; rever as discussões que estas pesquisadoras suscitam.

Podemos muitas e muitas vezes ‘descongelar’ este passado interpretando-o a partir de um novo viés. Re-significando um discurso estático e hermeticamente acondicionando. Assim esses discursos podem servir de trampolim para se ultrapassar barreiras invisíveis impostas por nossa própria ‘acomodação’. O objeto desse passado vai se tornar vivo e latente, e fará justiça ao trabalho dessas pesquisadoras. Bem como poderá se transformar em múltiplas vozes, múltiplas interpretações, enfim ‘outra verdades’, se não uma, aí sim se terá um salto científico.

As letras aqui reunidas marcam certos passos de um percurso que corresponde a duas décadas de investigação e trabalho associados à trajetória de duas vidas, de duas arqueólogas, de duas pesquisadoras. Esse percurso será feito com intuito de reagir, ora ao silêncio, ora ao barulho, que as duas, (ou melhor, pelas questões evocadas por elas) causam no meio arqueológico. Elas são, ou foram brasas...

Por méritos próprios, essas duas arqueólogas, tornam-se, em determinado momento, o que há de melhor, na arqueologia brasileira; a brasa incandescente que sai do fogo totalitário. Reconhecidas nessas chamas abrasivas, elas fazem parte desse continuum... Mas apagadas, conforme alijadas desse mesmo fogo...

O fogo pode e deve ser sempre alimentado, quem dá o sopro somos nós... Esse sopro também pode e deve correr em múltiplas direções.

“E eu que já fui uma brasa se assopramos posso acender de novo; a arqueologia enquanto Evento na trajetória de duas pioneiras...” Propõe a abertura ao diálogo com duas matrizes geradoras de significados na arqueologia brasileira, autoras e arqueólogas, transformadas aqui em objetos históricos, fizeram e fazem história. A elas é preciso dar especial atenção. Por isso vamos às apresentações.

1.1 ...DE ONDE VIERAM (DAS APRESENTAÇÕES)... BETTY JANE MEGGERS (1921-).

Betty Jane Meggers começou seus trabalhos acadêmicos na Universidade da Pensilvânia, graduando-se com título de bacharel em 1943 aos 22 anos. Seu pai foi um físico, bem como um entusiasta da arqueologia. Ele costumava levar a família para visitar sítios americanos nativos. Por isso a primeira experiência de Meggers com a antropologia foi antes de ela entrar para Universidade, quando ela tinha 16 anos. Ela se ofereceu ao Smithsonian Institution e trabalhou com objetos da Cultura Material escavados de Pueblo Bonito, no Novo México. (POPSON, 2003; 26)

Um ano após, conseguiu o título de mestre pela Universidade de Michigan. Antes de começar seu doutorado pela Universidade de Colúmbia casou-se com o curador e arqueólogo Clifford Evans (também colaborador do seu trabalho, tendo viajado com ela várias vezes à América do Sul, em expedições arqueológicas) em 1946. Sua tese, *The Archaeological Sequence on Marajo Island, Brazil, with Special Reference to the Marajoara Culture*, já indicava o grande interesse que desenvolveria pela arqueologia na América do Sul. (Idem, Ibidem; p 26)

Sua pesquisa de campo foi concentrada na América do Sul. Ela fez pesquisas na área da Amazônia, ao longo dos Andes, a Guiana, Equador, Venezuela, Peru e Chile. No Brasil, Meggers, concretizou seus primeiros trabalhos a partir de 1948, e é sem dúvida um nome de referência na teoria Neo-Evolucionista.

Uma das primeiras aplicações da teoria neo-evolucionista à arqueologia foi feita por B.J.Meggers em "The law of cultural evolution as a practical research tool"(TRIGGER, p. 160).

Em um balancete em comemoração aos 500 anos do aniversário de "descobrimento" da América em 1988, Meggers situava o também aniversário de 40 anos de sua colaboração com a Arqueologia Sul Americana. Esse também seria o momento em que ela situa como "*la oportunidad adicional de celebrar la madurez de la arqueología como una disciplina científica en Sudamérica* (MEGGERS, 1992, p.13)". Isso por que as investigações arqueológicas eram dominadas por visitantes estrangeiros e por imigrantes de formação européia.

Seu primeiro trabalho, de campo no Brasil, foi à boca do Amazonas com intuito de terminar a sua dissertação de doutorado. Essa experiência foi 'o divisor de águas' no campo profissional posto que a convenceu de que a Amazônia e sua pré-

história eram um complexo diferente quando comparado aos processos locais e influências regionais e vizinhas. (POPSON, 2003; p. 26)

B.J. Meggers e o marido C. Evans escavaram a foz do Amazonas entre 1949 a 1950, mas precisamente entre a Ilha do Marajó e o Amapá. Daí em diante seus trabalhos no Brasil foram quase que ininterruptos;

Después de incorporarnos al Smithsonian en 1950, formulamos un proyecto de largo alcance para explorar los ríos que con mayor probabilidad pudieran haber servido como rutas de comunicación hacia las tierras bajas. (MEGGERS, 1992, p.21)

Assim os trabalhos de campo foram intensificados na Amazônia. Entre 1952-53 foram seis meses na Guiana, já em 1956 se detiveram por todo um outono no rio Napo no Equador, para então explorar o Alto Orinoco a começar pela Venezuela e passando pela Colômbia.

Mas foi a partir de 1961 que começou a se pensar em montar uma arqueologia orientada a formação no Brasil. As bases foram criadas finalmente em 1964 por incentivo de uma bolsa Fulbright, Meggers e Evans, passaram a ministrar vários cursos aos brasileiros que fossem interessados em Arqueologia. (idem, *Ibidem*; p 22)

O seminário começaria em Curitiba, mas terminaria no Paranaguá, em que os participantes acabaram ficando conhecidos pela alcunha de 'irmãos Paranaguá'. Este era orientado a pesquisa em sítios cerâmicos, usando um método que ficaria associado aos trabalhos do casal; o método Ford.

Podemos considerar que, desde 1964-1966, a maior parte dos trabalhos sobre material lítico inspirou-se na orientação dos Emperaire, enquanto aqueles que se referem à cerâmica obedecem às normas elaboradas pelos Evans. (PROUS, 1992, p.14).

Foi justamente após o seminário que se pensou num projeto que pudesse explorar sistematicamente a costa brasileira de forma a se criar um desenho desta costa baseando-se no esquema espacial-temporal. Em colaboração com o Museu Goeldi, o Smithsonian Institution em 1965, patrocinou o PRONAPA: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Os métodos de campo e os critérios analíticos empregados foram os de uma análise quantitativa da cerâmica. Assim nos

esforços de se facilitar a comparação dos dados dentro da área caribenha se deu o último seminário do programa em 1973.

A la terminación del PRONAPA, algunos de los 'hermanos' propusieron un programa similar para la Amazonia. Esto suministró la oportunidad para completar el plan que habíamos iniciado casi 30 años atrás, con la intención de explorar los principales tributarios del Amazonas (MEGGERS, 1992, p. 22).

O PRONAPABA, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica tem seu início em 1977. O segundo e talvez último seminário do PRONAPABA, aconteceu no mesmo ano da criação da SAB (Sociedade de Arqueologia Brasileira).

É interessante que a própria Meggers em seu artigo faz menção dos ciclos contínuos de formação dos arqueólogos que tinham ligações diretas com os trabalhos do PRONAPA e PRONAPABA mediante bolsas americanas. Até o ponto que em 1981 o número de arqueólogos profissionais brasileiros havia aumentado consideravelmente. (MEGGERS, 1992)

As idéias propostas por Betty Meggers continuam vigentes até os dias de hoje. Grande parte dos arqueólogos que trabalham nas regiões da Amazônia, se baseia em suas teorias de adaptação humana na floresta tropical e expansão dos povos.

1.2 ANNETTE LAMING-EMPERAIRE (1917- 1977)

Nascida em São Petersburgo, na Rússia, Annette Laming-Emperaire, iniciou seus estudos acadêmicos em Paris cursando filosofia e biologia até o começo da Segunda Guerra Mundial. Durante o período da guerra ela se voltou para as atividades da Resistência Francesa (Também participou das atividades visitando prisioneiros e deportados na Alemanha com o fim da guerra). Em 1946 ocorreu seu ingresso, como pesquisadora, no recém criado *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS). (LAVALLÉE, 1978; p 224)

Após a guerra, começou a estudar arqueologia e se especializou em arte rupestre. Seu foco passou a ser a arte paleolítica da Europa Ocidental, onde procurou entender e demonstrar as características elaboradas das composições parietais do Paleolítico. Sua tese de doutorado, realizada sob a supervisão de André Leroi-Gourhan, é intitulada *La Signification de l'art rupestre paléolithique* que defendeu em 1951 (publicado em 1962). (idem, *Ibidem*; p 225)

E a partir de 1951, junto com seu marido, Joseph Emperaire (etnólogo e arqueólogo), que a pesquisadora começou suas incursões pela América do Sul, especificamente na Patagônia chilena. Essas incursões na sua maioria foram feitas a partir de “Missões Francesas”, acordos de pesquisa entre instituições de pesquisa da América do Sul e França, e começaram a tomar parte no Brasil em 1955, quando o casal começa a trabalhar com sambaquis no sul do Brasil. Joseph Emperaire tinha sido um estudante de Paul Rivet, teórico que acreditava na possibilidade do Homem ter chegado à América do Sul através da Ásia antes de chegar a América do Norte. (idem, *Ibidem*; p 225)

Foi Paul Rivet, então diretor do Musée de l'Homme que articulou a vinda do casal para América do Sul justamente para que os mesmos dessem o pontapé inicial das pesquisas em loco de sua teoria. As escavações se deram no sul da patagônia, a atividade visava antes de tudo os chamados “mares interiores” de Skyring e Otway, região vulcânica da fronteira chileno-argentina, e nas costas norte e sul do Estreito de Magalhães. Muitos locais pré-históricos importantes foram descobertos e estudados. As pesquisas do casal objetivavam reconstruir as principais etapas da ocupação dessas regiões pelo homem a fim de reconstruir a história dos contornos de uma das extremidades do mundo, como também o processo de adaptação desse homem e as possíveis influências exteriores.

Alternando suas estadias entre um período de pesquisa no extremo sul e outro na França, Annette Laming-Emperaire realiza com o marido a partir de 1955, missões freqüentes ao Brasil principalmente no sul, onde eles procuraram vários sambaquis no litoral de São Paulo e Paraná. Muito por conta da semelhança de grande parte da franja de sambaquis da costa atlântica da América do Sul, que tem fronteiras comuns com aqueles que estão nas margens da linha do extremo sul do Chile. (Idem, *Ibidem*, 224)

Porém Joseph Emperaire morreu precocemente na Patagônia em 1958, morte brutal a partir de um deslizamento de terra em um dos sítios escavados por ele; Ponsonby. É a partir desse momento que Emperaire se volta para uma perspectiva mais educacional. Pois ela retorna às missões no Brasil acolhendo estudantes Sul-americanos, franceses ou estrangeiros. Em 1960, trabalhou no Brasil, encabeçando seminários e escavações locais. Ela é uma das pesquisadoras que teve a primazia na formação dos arqueólogos brasileiros. Emperaire treinou uma equipe arqueólogos brasileiros cujas atividades continuarão se desenvolver.

Entre 1960-1966, Annette ocupou o cargo de Professora da Sorbonne, onde lecionou arqueologia pré-histórica. Em 1966 foi eleita diretora de estudos na seção 6 da École Pratique des Hautes Etudes, em que era responsável pelo seminário sobre antropologia e problemas da pré-história da América e sua população antiga. (LAVALEE, *Ibidem*; p 225)

Em 1971, a arqueóloga implementou um extenso programa de pesquisa arqueológica na região de Lagoa Santa, Minas Gerais (seis sítios) área que ficou famosa pelas descobertas de crânios humanos associados à fauna fóssil (área anteriormente escavada pelo paleontólogo dinamarquês Peter Wilhelm Lund sem seqüência estratigráfica pendente até então). Ela encontrou um abrigo rochoso no sítio IV, onde em 1974-1975 descobriu a maioria dos ossos do que foi chamado Hominídeo 1 do Lapa Vermelha IV, o mais antigo fóssil humano no Brasil, cerca de 11 mil anos de idade. Ao crânio foi dado o apelido de Luzia.

Em seus últimos anos, Annette foi responsável pela direção em duas frentes de pesquisa do CNRS (Centre National de Recherche social), o R.A. U. (Unidade de Investigação Arqueológica) trabalhando nos problemas da pré-história brasileira, e o RCP (Programa Cooperativo de Pesquisa), que tem como objetivo analisar do ponto de vista metodológico, as pinturas rupestres existentes no Brasil e no resto da América do Sul. (*id. Ibidem*; 225)

No último programa ela tornou-se a reencontrar com um de seus primeiros interesses, o estudo da arte. Sua insaciável curiosidade científica leva finalmente ao Nepal, onde realiza um dos primeiros levantamentos arqueológicos, e na Sibéria, onde pretende encontrar traços do fluxo dos primeiros povoadores da

América no final do Pleistoceno. Antes de morrer a U. N.E.S.C.O. e o governo do Uruguai, tinha lhe confiado à responsabilidade de um programa abrangente de arqueologia de resgate na região de Salto Grande, no Uruguai. Infelizmente esse foi um projeto no qual ela não pode finalizar, pois pouco tempo depois, Annette Laming-Emperaire morreu acidentalmente asfixiada em 1976. (idem, *Ibidem*; p 226)

O trabalho de Annette Laming-Emperaire dá um novo tom a “problemas antigos”. Sua reflexão arqueológica não perde o viés histórico no processo de povoamento das Américas. Por isso, torna-se fácil revisita-la nas suas leituras e sua autoria, em virtude de suas importantes contribuições para a arqueologia brasileira e sul-americana.

2 OS PROJETOS: CINZA? TALVEZ.... MAS SE ASSOPRAR AINDA TEM MUITA LENHA EMBAIXO PARA QUEIMAR....

Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmo, idéias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos. (DELEUZE E GUATARI, 1992:259)

Compreender, esse tem sido um esforço constante do homem. “Pôr ordem no caos” é uma invariável daqueles que buscam o conhecimento. Assim logo se estabelece uma relação entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido. Esse enredo vai se desenrolando sendo produto e produtor de historicidade.

Nessas circunstâncias, o ato do conhecer, tem em suas práticas, duas ferramentas que interessam em particular as ciências sociais cujo objeto é a História; a descrição e a definição.

Tomando tanto descrição como a definição ao passo de conceitos arqueológicos Robert C. Dunne salienta que a noção de “definição” pode ser introduzida como parte de uma oposição dicotômica a “descrição”. A primeira definida como as condições necessárias e suficientes para associação a uma unidade, e a segunda como uma compilação dos atributos variáveis de um caso individual ou de um grupo de casos. (DUNNELL, p, 35, 2007)

Assim na construção de uma dada história, a descrição e a definição são utilizadas de forma a sempre tangenciarem duas possibilidades. A primeira é que ao compilar atributos variáveis (seja de um caso individual ou um grupo de casos) eu posso admiti-los como características. A segunda é dar condições necessárias e suficientes para associações (principalmente as que nos remetem ao nosso presente).

Não se pode criar um intercâmbio com o passado se não se descrever, pessoas, objetos, e lugares, que fazem parte de uma cultura passada. Também não pode conectar-se a ele se não definir um entendimento que seja suficiente para entender o passado, mas associá-lo, ao vivido, ao presente. (CHARTIER, 1999)

De fato esse emaranhado de características e associações é o que torna viva e latente a dinâmica do passado ao qual, todo historiador e arqueólogo, se propõe a estudar, pesquisar e construir.

Os arqueólogos são treinados a revivificar emoções, despertar interesse e encorajar comprometimento a partir de descrições e definições. Talvez seja assim que os objetos da criação junto ao seu criador tornam-se tão próximos, o que faz questionar-se constantemente sobre as “objetividades” e “subjetividades”.

Nessas (in) certezas trabalha-se e se constrói rumo à formação de um corpus que possa estar dentro dos parâmetros científicos. Esse passado desenhado de acordo com as fontes não é menos passado por não ser tão objetivo quanto achávamos. Nas palavras de Shanks e Hodder , “*ele não é menos real ou objetivo*”;

We can expect some to dispute the reality of a past produced by such an interpretative archaeology which realizes the subjective and creative component of the present: such a product cannot be the real past, it might be said, because it has been tainted by the present and by the person of the archaeologist. (...) To ask whether it is real is a silly question. A far better question, and one that applies to the product of archaeological interpretation, is: Does it do what is required of it – does it work? The question of archaeological design is: what kind of archaeology do we want?” (SHANKS & HODDER, 1995, p 13)

Os contos do passado consistem em dois elementos. As declarações e os dados formam a fase inicial da pesquisa de um passado. Esse pode ser julgado por sua precisão; os dados brutos, mapas, e datas independentes que o mesmo apresenta. No entanto, nenhum relato publicado (nenhum conto publicado) consiste simplesmente numa “lista de dados”. Contos públicos são traduções destas declarações e dados díspares em um quadro completo. O quadro completo é um conjunto de dados dotados com significados, sugere muito mais que apenas “uma lista simples de dados”. Este é o processo resumido em que se transforma “dados brutos” em história. (PIRIE, 2004, p 02).

Assim pode-se questionar como algumas descobertas arqueológicas (em que se provou empiricamente sua antiguidade) foram legitimadas em seus lugares (convalidando por sua vez seus pesquisadores) nas Ciências Sociais?!

Nesta mesma ordem supõe-se que ao defender a arqueologia como autêntica Ciência do passado atenta-se para determinados créditos que embutimos a estratégias particulares na qual estuda-se as culturas pré-históricas e que muitas vezes ao traduzi-las há um beneficiamento das terminologias e convenções pré-desenvolvidas e disseminadas (DOBRES, 2000; 30).

Reconhecer “o passado” (qual objeto de discurso) que é transposto de geração a geração, através da linguagem arqueológica “neutra e técnica” é de alguma forma identificar a popularidade das fórmulas matemáticas, dos diagramas, dos dados estatísticos, que deixam a disciplina mais forte, formal e mediadora de racionalidade. É também reconhecer que muitas vezes se faz uso de modelos. (Idem, *Ibidem*; p 31)

O objetivo aqui não é discutir as estratégias de representação da disciplina arqueológica, mas uma das finalidades é chamar atenção para as estratégias que estas “Escolas” utilizaram ao chegar ao Brasil. A bagagem de terminologias e conceitos por elas trazidos foi gradativamente subsumida por seu público.

Questiona-se; uma vez identificados estes elementos seria possível traçar posicionamentos assumidos pelas mesmas e os possíveis endereços de suas mensagens? Talvez... Já que se parte do pressuposto que essas construções (escolas) já estão tão arraigadas consoantes a teorias e metodologias utilizadas no trabalho de campo, que se tornaram virtualmente invisíveis. É corrente na Arqueologia Brasileira menções a estas escolas, porém não se sabe explicar “de onde ela veio, para onde ela foi”.

Estas escolas tornaram-se acontecimentos ímpares no marco do desenvolvimento do pensamento arqueológico brasileiro, onde alguns dos métodos empregados estavam intrinsecamente relacionados à formação de alguns arqueólogos reservados à categoria de amadores. Encaradas deste modo, poderemos afirmar que as duas tornaram-se Eventos que interagem constantemente na Arqueologia Brasileira com a idéia de Escolas teóricas.

Segundo Reis (2003) a chamada ‘Escola Americana’ possui sua fundamentação teórica nos postulados da Arqueologia Histórico-Cultural. Impulsionada por três princípios básicos; invenção, difusão e migração.

Na Arqueologia Brasileira esta posição teórica, por aqui denominada de 'escola americana', teve bastante ascendência e influência através do PRONAPA (programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas/1965-1970) sob coordenação dos arqueólogos norte-americanos Clifford Evans e Betty Meggers (Barreto, 1998; Dias, 1995) (REIS, 2003; 83)".

Se a 'Escola Americana' encontra-se em interação com postulados teóricos que são de alguma forma, reconhecidos pela Arqueologia Brasileira, a chamada 'Escola Francesa' torna-se problemática justamente por não "encontrar" esta interação ou semelhança.

Esta denominação faz parte apenas da discursividade arqueológica brasileira. Não há tal 'escola francesa' na França e nem lá tem qualquer semelhante nome (Prous, 1996). Desta maneira, tal situação, diferentemente das outras posições teóricas que antes apresentei, dificulta a apresentação de um corpus teórico que possa ser consensual e congruente com esta peculiar denominação. Mesmo assim, corro este risco. (REIS, 2003; 91).

Há, sem dúvida, um destaque para as duas pesquisadoras em questão que são demarcadas e associadas na Arqueologia Brasileira as 'Escolas Teóricas'. Será que as mesmas se reconheceriam, ou reconheceriam tal associação? Para tais hipóteses levantadas, a proposta é começar a estudá-las a partir de suas interações. Quais os tipos de associações foram feitos a partir do momento em que as duas pesquisadoras, resguardadas cada uma em seu contexto e texto, foram tomadas segundo Eventos.

Texto e contexto serão os norteadores de nossos caminhos para se chegar a discursividade que se reverbera através dessas escolas. Tomando assim a linguagem como fator significativo na mediação entre as mentes e as coisas. Já que essa como mundo próprio possui elementos que se referem apenas a elementos de seu próprio sistema. (RICOEUR, 1976; 18)

A tese destaca a dialética de interação entre esses dois Eventos enquanto 'Escolas' e suas relações internas tratados aqui não como 'formas de vida' sobrenaturais e involuntárias, mas semelhante a um discurso que se faz presente na Arqueologia Brasileira, por motivos que até agora não foram questionados, nem conhecidos. Portanto, uma abordagem discursiva e não lingüística.

A vantagem de uma abordagem direta do fenômeno do discurso que omite o estágio lingüístico é que os traços próprios do discurso são reconhecidos em si mesmos, não sendo necessários opô-los a outra coisa. (...) A via indireta da oposição entre unidade de discurso e unidade de língua impõe-se hoje para quem se preocupa em situar sua investigação no espaço contemporâneo.”(RICOEUR, 1983; 109)

É a via que se segue tomando como objetos discursivos não só o texto (fala), mas seu contexto. Para tanto uma premissa emerge dessa relação; como foi impactante para a Arqueologia brasileira o pioneirismo das duas arqueólogas. É essa relação que tece a construção dessa trama.

2.1 O PIONEIRISMO; A PRIMEIRA TEMÁTICA A SER CONSIDERADA NA CONSTITUIÇÃO DO EVENTO.

No final dos anos 1990, Gabriela Martin, aponta a fase inicial do estudo sistemático da Arqueologia no Brasil a partir de 1950, assinaladas a partir de duas escolas.

A primeira, a escola francesa, dirigida por José e Annette Laming-Empeaire, que deu continuidade aos trabalhos pioneiros de Paul Rivet e seu discípulo Paulo Duarte, fundador do instituto da Pré-história da Universidade de São Paulo. Esta escola iniciou pesquisas arqueológicas sistemáticas no sudeste do país, especialmente em lagoa Santa (Minas Gerais), mas nunca realizou trabalhos arqueológicos na região Nordeste. A segunda, a escola americana, da Smithsonian Institution, dirigida por Clifford Evans e Betty Meggers, desenvolveu pesquisas principalmente na região amazônica (MARTÍN, 1997, p 44).

Ao que tudo indica o impacto foi causado justamente quando os dois projetos foram implantados no Brasil. Considerando que no resgate da história da Arqueologia brasileira as iniciativas anteriores a esses dois projetos foram consideradas amadoras, ou melhor, feitos na sua maioria por profissionais que não tinham formação acadêmica ou conhecimentos avançados na área, conforme referido anteriormente.

Ora se considerar esses dois eventos, que em sua existência temporal se tornaram mensagens sistematizadas pela Arqueologia brasileira, se tem uma

relação enquanto discurso que produz outra relação de continuidade entre “evento e significação”. (RICOEUR, 1976, 22)

O discurso considerado quer como um evento ou uma proposição, isto é, como uma função predicativa combinada com uma identificação, é uma abstração que depende do todo concreto que é a unidade dialética de Evento e Significação.(id.,Ibidem; 23)

Dessa forma ao atribuir uma função predicativa a essas duas damas da Arqueologia Brasileira logo se encontra uma associação, que se pode salientar como uma identificação primordial; As escolas. Ou seja, Betty Jane Meggers estaria como sujeito do objeto que seria a Escola Americana e Annette Laming-Emperaire como sujeito da Escola Francesa. A “instância do discurso” se torna mais elucidativa à medida que identificamos o pioneirismo das arqueólogas, como ponto alto da polarização, entre identificação e predicação.

A polaridade fundamental entre identificação singular e predicação universal proporciona um conteúdo específico à noção de proposição concebida como objeto do evento da fala (id,Ibidem; p 22).

O interessante é que a predicação de “Escolas Arqueológicas” arrasta-se qual mensagem mesmo que virtual, pois de alguma forma elas não foram “concretas” e nem mesmo identificadas pelos sujeitos (objetos) em questão enquanto tal. Assim “as Escolas Arqueológicas” existem quando discurso, ou prática discursiva numa constante atualização da mensagem. Elas estão em constante performance na Arqueologia brasileira. E, *se todo o discurso se atualiza como um evento, todo o discurso é compreendido como significação.*”(RICOEUR, 1976; P 23)

Segundo Ricoeur, o evento é tanto evento quanto significado. É evento no sentido de uma comunicação, ou de uma constante atualização as possíveis novas necessidades dessa comunicação, e da competência comunicativa de um sujeito.

O significado do discurso como evento seria: *a) efetuação histórico-social a partir de um “sistema da língua (...) virtual e fora do tempo”; b) o discurso remete à pessoa que o pronuncia; c) “o evento (...) é a vinda à linguagem de um mundo mediante o discurso”, no sentido que o discurso refere-se a um mundo que “pretende descrever, exprimir ou representar”; o discurso dirige-se ao interlocutor,*

constitui-se como diálogo. O discurso é evento “na atualização de nossa competência lingüística em performance” (RICOEUR, 1983, p. 46).

Sintetizando: O evento (as escolas) não é transitório na Arqueologia Brasileira, mas faz parte dela consoante a uma *performance*. Porém Ricoeur (1983) não ignora a participação do sujeito que *ouve* como anteriormente foi ressaltado; o discurso enquanto evento é entendido como significação. O Evento (discurso-evento), então, seria superado pela significação (evento-significação), situação “típica do discurso enquanto tal” (Idem, p. 47). Nesta superação (Evento x Significação), Ricoeur apela à teoria do *Sppech-Act*, segundo a qual o “ato de discurso (...) é constituído por uma hierarquia de atos subordinados” (p. 47).

Sendo distribuídos em três níveis: a) atos locucionários, atos *de* dizer, discerníveis sintaticamente pela forma proposicional do discurso, b) atos ilocucionários, aquilo que se faz *ao* dizer, que constituem a pragmática do falante, que opera a fala em modos (indicativo, subjuntivo, imperativo, jussivo, coortativo etc.); e c) atos perlocucionários, aquilo que se faz *pelo fato de* dizer, constituídos pela influência psicossomática do discurso sobre o ouvinte (Id, ibidem; p. 47-49).

Por isso torna-se necessário entender por significação do ato de discurso (...) não somente o correlato da frase, no sentido estrito do ato proposicional, mas também o da força ilucucionária, e, mesmo, o da ação perlocucionária (Id, ibidem; p. 49).

O que acontece quando se nega, ou se afirmam as Escolas? Como esse discurso se reverbera na Arqueologia Brasileira? Engendrar nesse mundo é tentar narrá-lo, ou seja, descrevê-lo, exprimi-lo ou representá-lo. O “mundo do texto” pode ser analisado a partir da linguagem, fala, discurso, escrita, texto, obra.

“A linguagem efetua-se como discurso. O discurso efetua-se como obra estruturada. Há uma relação entre fala e escrita no discurso e nas obras de discurso. A obra de discurso constitui uma projeção de mundo. O discurso e a obra de discurso constituem mediação da compreensão de si (RICOEUR, 1983; p. 44).”

Quando o discurso acontece, não se pode voltar atrás. O contexto discursivo no seu todo acaba tomando muitas formas. Essas criações reagem ao seu contexto e o ciclo recomeça. O discurso não é estático. O Evento (o movimento do autor), seu

mundo histórico social, bem como seus sujeitos histórico-sociais articulam-se consoante a uma performance. Mais quais os parâmetros balizadores da *performance em questão*? Para tanto teremos que analisar, caso por caso, a fim de descobrir ou descrever esses Eventos.

2.2 – ERA UMA VEZ... O PRONAPA.

Efetivamente a frase “muito se ouve falar...” soa em perfeita harmonia em relação ao PRONAPA e a Arqueologia Brasileira. Como bem nos coloca Hilbert;

“É interessante notar como, nos últimos anos, a memória desse programa de pesquisas arqueológicas ganhou o privilégio de uma permanente manutenção. Em artigos, livros, dissertações, teses, relatórios ou projetos acadêmicos, popularizou-se a constante lembrança do PRONAPA. Mesmo depois de 40 anos, permanece um signo poderoso e polissêmico. É evidente, também, que esse passado teórico e metodológico da arqueologia brasileira continua preocupando os arqueólogos brasileiros. (HILBERT, 2007; 01)”

Pode causar certa estranheza à intransigência do verbo “preocupar”, como ação da Arqueologia Brasileira para com o PRONAPA, mas será que se pode escolher outro verbo diferente ao denotar o extremismo com que o “caso” PRONAPA é tratado na Historiografia arqueológica.

Infelizmente não se pode aqui fazer citação a todos os textos que se reportam ao PRONAPA, mas dentro de um círculo de leituras contínuas na arqueologia, alguns se tornaram centro particular de interesse e estudo, pois tratava de explicar o *que teria sido o projeto* salientando seu parâmetro formativo em relação aos arqueólogos brasileiros.

É o caso de um ensaio intitulado “Arqueologia Brasileira; visão geral e reavaliação” de P. Funari que tinha como objetivo discutir a história da Arqueologia do Brasil e *“a maneira como ela é entendida pelas pessoas comuns e pelos estudiosos no Brasil”*. (FUNARI, 1994, p.24)

Segundo Funari, para se entender a história da Arqueologia no Brasil é preciso estudar as relações entre a sociedade e suas mudanças e a prática

científica. Especificamente as relações dadas entre as mudanças sociais, políticas e as resultantes transformações na Arqueologia.

Nesse ínterim o PRONAPA aparece como um programa criado pelo casal Clifford Evans e B. Meggers, responsáveis por treinar uma nova geração de pesquisadores de campo. Funari chamou atenção para o seu ensaio ao colocar o casal americano, bem como o programa associados ao período militar e a constituição de um *establishment* arqueológico.

Em termos de Arqueologia, os principais atores deste período foram dois americanos. O casal Clifford Evans e Betty Meggers (1947; 1954) estiveram na foz do Amazonas desde 1949 e produziram alguns papers antes de 1964. Entretanto, foi somente depois do golpe militar de abril de 1964 que eles foram capazes de criar toda uma rede de apoios que poderiam resultar no desenvolvimento de um *establishment* arqueológico. O *establishment* arqueológico criado pelos militares seguiu o curso da linha oficial,(...). A Arqueologia brasileira estava novamente nas mãos de diretores de museus e outros funcionários burocráticos.(FUNARI,1994 , p.28)

Ora, o ensaio não só associou o PRONAPA como um programa formativo de arqueólogos, como também, inegavelmente ao casal Evans e ao referido *establishment* arqueológico. A palavra “*establishment*” que dizer na língua inglesa estabelecimento, fundação. Então *establishment* estaria para a Arqueologia brasileira como algo que temporalmente resiste a mudanças e controlador de recursos para trabalhos arqueológicos.

Ocorre que nenhuma palavra pode ser jogada ao vento. *Nem tudo que é sólido, se desvanece no ar...* Se ocorrer uma falha (ou não) no ato da comunicação o impacto é sempre público e as ideias podem tomar rumos para além de nossa compreensão. Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objecções potenciais, procura apoio etc.

A questão aqui desdobra-se numa multiplicidade de caminhos e todos levam a uma só questão; Por que estranha-se tanto o PRONAPA? Porque este causa tanto incômodo? É certo que não se pode responder a essa questão a partir de respostas binárias! As criações singulares merecem pesquisas singulares... Este é um caso. No entanto, participar da leitura, da análise, da experimentação, e da teorização dos

dados ajuda a se entender o que foi e o que é o PRONAPA hoje para a Arqueologia brasileira.

Vejamos...

O PRONAPA tem seus primeiros ditames relacionados a uma Conferência que teve a duração de um mês em 1964. A mesma foi organizada pela Universidade Federal do Paraná com o apoio da Comissão Fullbright e da Capes (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). (PRONAPA, 1970)

Foi durante esta reunião, que os procedimentos de análise e descrição da cerâmica foram discutidos e acabaram por ser normalizados e sistematizados. Dessa discussão os participantes resolveram criar um glossário de termos arqueológicos. E as condições em que se encontrava a Arqueologia Brasileira, suas problemáticas, formas de investigação, seus problemas institucionais e apoio financeiro, também fizeram parte da pauta do debate.

A partir dessas discussões surgiu o Programa Nacional de Pesquisas arqueológicas (PRONAPA), que representa uma colaboração entre os representantes de 11 universidades brasileiras e museus sob o patrocínio conjunto do conselho Nacional de Pesquisas brasileira e o Smithsonian Institution, e com a colaboração da diretoria do Patrimônio Histórico e artístico Nacional. O trabalho de campo começou no outono de 1965 e estava previsto para cinco anos, três dos quais foram concluídos (PRONAPA, 1970).

O projeto primário tinha como objetivo principal a compreensão pelo qual grupos sucessivos de Imigrantes, com diferentes formas de subsistência, adaptaram-se as condições ambientais diversas no Brasil. Assim alguns fatores deveriam ser levados em consideração.. Nesse ínterim, para o grupo, tornava-se mister o estabelecimento prévio de um quadro de ordem cronológica. Bem como levar em consideração que a pesquisa deveria estar referenciada apenas nos lugares em que se tinha pessoal qualificado (já que o número de arqueólogos era limitado). (PRONAPA, 1970)

Since PRONAPA was planned for five years, the primary task was to select those areas within which intensive archaeological survey would produce the most significant results during that period of time(..) Within it, as many sites as could be discovered were to be recorded, mapped, and sampled, both by surface collections and by

stratigraphic excavation. Following each season of field work, the cultural materials collected were classified. For the pre-ceramic remains, this involved segregating distinctive groups of artifact types, which in most cases were found to be correlated with differences in settlement pattern. Pottery sherd samples were classified by the method of quantitative analysis developed principally by Ford (1962) as a preliminary to the construction of seriated sequences. Each seriated sequence represents an archaeological phase or culture, characterized by specific types of stone artifacts, settlement pattern, and burial pattern, as well as a distinctive ceramic complex. (PRONAPA, 1970, p. 2)

Como se viu anteriormente Meggers (1992) pontua que o PRONAPA surgiu pela necessidade de se desenvolver Arqueologia no Brasil nos ditames acadêmicos e, dado a insipiência de arqueólogos de formação que não fosse amadora. Sem dúvida o casal Evans foi um profundo influenciador do PRONAPA e por consequência responsável por repassar um arcabouço teórico que já trazia em sua bagagem.

Algumas palavras são velhas companheiras na Historiografia Arqueológica. Ambiente, análise quantitativa pelo princípio Ford, seqüências seriadas são fáceis de associar ao trabalho de Meggers e do PRONAPA.

O que não se pode acusar o PRONAPA é de não ter bases teóricas. Ao contrário, os pronapianos fazem questão de mostrar que antes de empunharem suas pás, trataram de estudar e aplicar o recente arcabouço teórico obtido, nos seus métodos de análise no trabalho de campo.

Klaus Hilbert (2007) traça uma importante perspectiva indo atrás dos conceitos básicos que permearam o PRONAPA. Para tanto foi preciso explicitar os conceitos que balizaram o programa.

Interessante nesse contexto de alinhamento de fronteiras é que Ford (1962), Meggers e Evans (1970) combinaram tanto modelos difusionistas quanto evolucionistas. A transição entre esses dois modelos é gradual e compartilha certos aspectos de tempo e espaço (TRIGGER, 1995, p.154). Ambos os modelos, evolucionistas e difusionistas, são perspectivas que explicam como culturas mudam. Na verdade, são perspectivas opostas e ao mesmo tempo complementares. São opostas porque a perspectiva evolucionista percebe o crescimento da complexidade em uma sociedade ao longo de uma linha de tempo, enquanto o Difusionismo enfatiza a transmissão de idéias de um lugar para outro como motivo das mudanças culturais. São complementares porque explicam

mudanças sociais de forma diacrônica, indicando a relação entre coisas através do tempo (HILBERT, 2007, p129).

Apesar de essas linhas serem difusas, pois ora se complementam e ora se afastam, a síntese estaria bem disposta no momento em que pudéssemos estabelecer um tripé. No tripé pronapiano as pontas seriam preenchidas pelo Evolucionismo Cultural, o Difusionismo e como método de escavação, os princípios fordistas.

Os alicerces do Neoevolucionismo estavam lançados e seguindo estas pegadas não fica muito difícil entender como o PRONAPA se comportaria mediante a separação e classificação da Cultura Material pesquisada durante a vigência do projeto.²

O tripé estaria quase desvendado se não fosse pelo último e importante ponto em que se baseou o PRONAPA. Trata-se da metodologia de campo; O método Ford.

² Eis um ponto que se deve guardar já que Meggers se coloca como uma autora cuja construção teórica é baseada no Neoevolucionismo. Dentre seus trabalhos o que ficaria mais famoso e se converteu em leitura importante para se entender a Arqueologia Amazônica e Brasileira é sem dúvida *“Man and Culture in a Counterfeit Paradise. 1971”*. A obra causa polêmica na literatura Arqueológica e separa a Arqueologia Amazônica numa vertente histórica (quando escolhida) que pode ser vista como o antes e o depois da obra. Em minha dissertação levantei a questão de como seria possível na Arqueologia Brasileira, à pesquisa de Meggers, ser entendida ora como determinista, ora como Histórico-culturalista, difusionista e assim por diante. O que fazer diante do que se diz? Para tanto era preciso explicitar não só os procedimentos metodológicos como os teóricos deixando claro, os princípios e conceitos por ela empregados em seu trabalho (levando em consideração o recorte temporal e espacial da dissertação). Seguindo adiante foi preciso delimitar a linha “tênue” que separa o Evolucionismo do Neo-evolucionismo. Entendendo que a *forma e o conteúdo* de uma, não seria uma extensão, tal e qual, da outra. As diferenças marcantes do Neo-evolucionismo de Meggers esta relacionada a três autores; Franz Boas, Leslie A. White e Julian H. Steward. Os referidos e suas ideias conduziram aos princípios e conceitos que Meggers utilizou no desenvolvimento de sua obra. Partilhar nesse caso da leitura (os autores que ela referenciou em seu trabalho) de Meggers é importante no entendimento apropriado da dicotomia estabelecida em seu trabalho: a relação cultura versus meio ambiente.

O método Ford tem seu nome tirado de seu criador James A. Ford (1911-1968) arqueólogo americano que em 1962 produziu um livro didático no qual explicou suas idéias evolucionistas sobre cultura em que afirma que a tarefa de um antropólogo não era estudar pessoas, mas culturas. Esse manual organizado por Ford foi resultado de um seminário que aconteceu na Colômbia em julho de 1961, com apoio da National Science Foundation e do Department of Social Affairs of the Pan American Union. (HILBERT, 2007, p. 127)

O método estatístico quantitativo para criar cronologias culturais, ou o “Método Ford”, que reunia idéias teóricas do evolucionismo cultural sugeria um procedimento útil de colocar elementos tipológicos em linhas de tempo. Com um simples cálculo de percentagens, os dados quantitativos dos tipos, agruparam-se em padrões, que poderiam ser interpretados como processos evolutivos. O manual de Betty Meggers e Clifford Evans (1970), Como interpretar a linguagem da cerâmica, e o manual de Ford se complementavam e formavam um instrumento prático que influenciou a arqueologia Sul-Americana nas décadas de 1960 e 1970. (Id.,Ibidem 2007, p 127)

Era dessa maneira que se constituía o tripé teórico e metodológico que tanto é discutido na Historiografia Arqueológica brasileira. Porém o mesmo não significa dizer que se esgotam as possibilidades de conceitos utilizados pelo programa.

A imensidão da região costeira do Brasil requeria investigação. O PRONAPA se estendeu da foz do Amazonas a costa Uruguiaia. Foi preciso maximizar os resultados por conta da escassez de fundos, e pessoal. (MEGGERS, 1985:368) O projeto de pesquisa partiu do pressuposto de que a costa e os principais rios serviram como principais rotas de circulação de pessoas e idéias. Nos estados com os arqueólogos residentes, os setores ao longo destas vias foram projetados para pesquisa intensiva.

Cada estado foi dividido em áreas para facilitar a padronização e a numeração dos sítios. Uma imensa gama de sítios, estendendo-se da fase pré-cerâmica aos neo- brasileiros (pós-europeus), foram registrados, mapeados em sua superfície, coletados e, quando foi possível, esses sítios foram testados estratigraficamente. (Id., Ibidem: p. 369)

A cerâmica foi classificada a partir de um critério e descrição uniformes, de acordo com o que os participantes haviam estudado no seminário que resultou no

projeto e no Manual para a classificação da cerâmica (Como Interpretar a Linguagem da *Cerâmica*: Manual para arqueólogos, 1970).

Meetings are held at the end of the first, third, and fifth years, at which each archeologist presented details of the data. Because multi-year funding could not be obtained, the participants had to do the fieldwork, analyze the materials, and prepare publishable reports each season as a basis for requesting continuing support, in addition to teaching and performing other duties for the Brazilian institutions that paid their salaries. (MEGGERS, 1985: 369)

Na última reunião do PRONAPA, em 1973 em Washington, o que se obteve foi um quadro geral estabelecido a partir da faixa costeira, que permitiria uma interpretação preliminar sobre o curso e o processo cultural desenvolvido antes do processo de colonização do século XVIII. (Id., Ibidem: p.369)

These years were exhausting but exhilarating for us as well as for the 11 Brazilian archeologist who did the work. More than 1,500 sites were investigated in Pará, Rio Grande do Norte, Bahia, Sao Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, Paraná, Santa Catarina, and Rio Grande do Sul. The ceramic sites were grouped into phases and tradition; dozens of seriated sequences provided relative chronologies, and some 150 carbon-14 dates permitted their alignment. (MEGGERS, 1985: p. 369)

A relação entre cultura e meio ambiente é uma relação complexa. Optar por tal relação é sempre optar por ter em mente que estará de certa forma “mexendo em casa de vespeiro”. Essa é uma das relações mais antigas da antropologia e arqueologia e causadora de inúmeras controvérsias.

As culturas quando enquadradas ou vistas sobre o prisma do ajuste as características ambientais locais em uma pesquisa são ajustadas ao conceito de determinismo ambiental. Se há uma variabilidade nos padrões esse determinismo é rejeitado. Há ainda a possibilidade dessa cultura em determinadas áreas serem reconhecidas como manifestações específicas de um padrão único e individual. De qualquer forma discutir essa relação é entrar num cabo-de-guerra em que ora rejeitando ou afirmando o papel do ambiente é tomado como ferramenta ímpar na busca de leis que expliquem essa relação. (PEDROSA, 2008)

Hilbert (2007) coloca em discussão a relação deste com o Histórico-Culturalismo. De acordo com essa abordagem, justamente em regiões de limites, manifestava-se a história dos grupos com mais clareza. No centro das áreas culturais, as diferenças eventualmente observadas não eram de interesse primário. Isso se explica pela forma como o conceito de cultura era definido. Cultura não era vista como a totalidade das manifestações materiais e ideais, mas apenas como um mundo representativo, compartilhado pela maioria do grupo. A arqueologia histórico-culturalista visava reconstruir normas, usando como base os elementos semelhantes dentro de um grande conjunto de artefatos.

A discussão é longa e tomaria outro rumo ao adentrar em outras questões menos importantes a tese. Por hora se faz necessário perceber que o estudo da relação entre padrões culturais e as condições físicas e ambientais era de grande importância para compreensão das sociedades estudadas pelos pronapianos.

A problemática estava no momento em que essas categorias e arquétipos fossem levados e elaborados a partir de uma padronização superficial em que os controles geográficos supostamente inidentificáveis a primeira vista exerciam um controle rígido na pesquisa.

O que faz lembrar um dos questionamentos iniciais: Por que parte da Arqueologia brasileira se debate tanto em relação ao PRONAPA. Sem dúvida a *“neve do ano passado”* é a melhor resposta! A grande realidade é que os Pronapistas fizeram muito barulho para poucos problemas.. Betty Meggers e Clifford Evans conseguiram um ganho: financiamento para uma pesquisa incipiente. Na realidade para uma disciplina incipiente. E talvez pela extensão de suas propostas tenham causado tanto barulho para pouco efeito. Pretendia-se muito! Esperava-se muito! Mas o que se viu é que se tiveram muitos levantamentos com poucos trabalhos mais acurados e aprofundados.

O PRONAPA até pela extensão do programa foi capaz de incidir e dominar sobre si por mais de duas décadas as verbas do principal órgão financiador das pesquisas científicas, o CNPq. Betty Meggers, já influente no Smithsonian Institution foi responsável por apadrinhar inúmeras bolsas de formação para os pesquisadores do PRONAPA.

A Arqueologia tinha necessidade de formação. Se essa formação foi bem-feita, ou que tipo de formação é (se apenas preconizou uma linha teórica), ou se o “todo” foi compreendido e aplicado pelos alunos em formação... ‘Isso já são outros 500’.

Ela é a madrinha e professora de grande parte da arqueologia brasileira! E durante muito tempo eles foram à voz da arqueologia brasileira. Não se tinha outra... E conseqüentemente eles aplicaram a arqueologia que tinham apreendido. Essa voz significava; poder autoral e poder financiador.

Infelizmente ainda se vivência (mesmo tendo alternativas, como a arqueologia de contrato) a cultura do poder autoral; quem os tem recebe financiamento.

A problemática muda de tom. O barulho passa ser uma questão política e não um debate em que a pesquisa deveria ser o centro. As vozes viram acusações e agressões... Por isso que constantemente ao se falar em PRONAPA se ouvem os vieses políticos ao invés de se discutir os contornos teóricos. Logo, por conseqüência se tem *a priori* a negação extremada... Perde-se muito tempo discutindo e pouco tempo se aprofundando...

Quem quiser trabalhar o problema das origens do homem nas Américas deverá procurar novos locais que ofereçam condições melhores para a interpretação, ou descobrir novos métodos para resolver as dúvidas surgidas nos ‘velhos’ sítios. São frustrantes o tempo e os esforços despendidos para tentar obter, nas mesmas condições, resultados sempre duvidosos. A ênfase deve ser na melhoria qualitativa e não na multiplicação quantitativa das pesquisas. (PROUS, 1997, 23)

Não é possível que ao procurar entender as múltiplas formas de arqueologias (e História) praticadas em nosso ofício se tenha que atacar todo um passado construído e vivenciado por aqueles que experienciaram o passado qual presente. Há um coro que tem como lema que na historiografia brasileira falta a procura por conhecer determinados conceitos teóricos, principalmente os que não estão em voga momentaneamente, com maior aprofundamento, tentando ao máximo se afastar da superficialidade.

Imaginem se continuar com essa cultura acadêmica de fazer “tabula rasa” de todo um instrumental heurístico? O que sobraria? Aparentemente o “atacar” como

ação teria, ou melhor, geraria debates e discussões. Esta é uma ação coerente quando se visa debater... Pois, não é assim que se faz ciência?

Destacam-se as palavras de MORIN (2006) sobre a discussão do papel da ciência na sociedade ao chegar às idéias conclusivas;

(..) devemos continuar a considerar a ciência como uma atividade de investigação e pesquisa da verdade, da realidade etc. Porém a ciência está longe de ser só isso e é aqui que muitos cientistas caem num idealismo vicioso, numa auto-idealização; eles se apresentam como pesquisadores puros, iguais aos anjos e aos santos que contemplam o Senhor nas reproduções da Idade Média... A ciência não é só isso e, constantemente, ela é submergida, inibida, embebida, bloqueada e abafada por efeito de manipulações, de prática, de poder, por interesses sociais etc. Contudo, repito, a despeito de todos os interesses, de todas as pressões, de todas as infiltrações, a ciência continua sendo uma atividade cognitiva. E, mesmo quando procurarmos, na atividade científica, fórmulas para manipular, para o poder e para agir, a dimensão cognitiva ainda persiste (MORIN, 2006, p 67)

E ai volta-se a questão; Até quando vai se ficar elucubrando sobre a neve do ano passado? Acho que é importante voltar à outra dama, ou ao outro projeto. Penso que sem dúvida, o pior dos males acadêmicos é negligenciar, ou esquecer... Tratemos um pouquinho sobre esquecimento.

2.3 COMO É POSSÍVEL ESQUECER A MISSÃO ARQUEOLÓGICA FRANCO-BRASILEIRA?

Como vimos entre os anos 1920 e os anos 1970, arqueólogos franceses, brasileiros e americanos encontraram aqui muitos achados, muitas vezes adotando metodologias diferentes para classificá-los e descrevê-los.

Também vimos que o PRONAPA fez e faz muito barulho na historiografia arqueológica brasileira. Talvez por isso estranha-se o fato de que outro projeto tão importante quanto ele passe porventura despercebido.

Talvez também porque esse projeto 'não foi' como o PRONAPA, mas ainda esta sendo. Nas palavras de André Prous a Missão Arqueológica Franco-Brasileira ainda é vigente na pesquisa;

Houve (e ainda há) várias Missões francesas (no Mato Grosso, no Piauí, em Minas Gerais).

Aquela que envolveu Mme Emperaire correspondeu a um acordo com o Museu Nacional do Rio de Janeiro; a coordenação administrativa era de M. C. Beltrão, enquanto a coordenação científica era de A. Laming-Emperaire. O financiamento era do Ministère des Affaires Etrangères francês; me parece que houve também uma participação financeira (muito restrita) do SPHAN (O IPHAN atual). Esta Missão durou de 1971 a 1977, quando morreu a pesquisadora francesa. O objetivo era retomar pesquisas arqueológicas na região de Lagoa Santa, para aproveitar o rico material preservado no ambiente cárstico, reconstituir as mudanças ambientais, verificar a antiguidade da presença humana e a eventual co-existência do Homem com a fauna extinta.³

A missão Arqueológica Franco-Brasileira tinha como objetivo produzir cadernos de Arqueologia da América do Sul no ritmo de quatro cadernos por ano. Esses cadernos conteriam documentos (inventários e análises de sítios, bibliografia crítica), monografias de sítios inéditos, trabalhos de síntese, metodologias orientadas, enfim uma súmula da pesquisa arqueológica americana. (LAMING-EMPERAIRE et al, 1975, p 02)

Ao longo do programa, uma parceria do *Centre de Recherches Archéologiques du Centre National de La recherche Scientifique* com as Universidades e centros de pesquisas brasileiras foram previstas, com o intuito de elaborar um Atlas etno-arqueológico da América do Sul, como publicação prioritária. (EMPERAIRE et al, 1975: 2)

Em meados de 1967 A. Laming-Emperaire fazia parte do corpo docente na Ecole Pratique des Hautes Etudes (EPHE) no departamento americanista em que lecionava um seminário sobre a entrada do Homem nas Américas. Como nos relata Andre Prous;

³ *Comunicação pessoal do professor André Prous, em 11 de Maio de 2012, recebida por correio eletrônico.

O seminário tratava da entrada do Homem nas Américas. Foi lá que ouvi falar pela primeira vez da “raça de Lagoa Santa” e da hipótese lançada no início do século por P. Rivet, segundo a qual os Homens de Lagoa Santa seriam aparentados aos Aborígenes australianos e não aos indígenas mongolizados que se teriam difundido mais tarde nas Américas. (André Prous, 2007; p 13).

Paul Rivet, etnólogo francês, pode não ter sido um dos autores que tenha influenciado A. Laming-Emperaire diretamente, mas em um dado momento as pesquisas dele foram subsumidas por ela. Fundador do *Musée de l'Homme*, em 1937, Rivet propôs uma teoria segundo a qual a América do Sul foi povoada por colonos da Austrália e da Melanésia. Treinado como um médico, ele participou da Segunda Missão Geodésica Francesa no Equador, em 1901. O que possibilitou sua permanência por seis anos na América do Sul.

Sua teoria afirma que a Ásia foi o berço do homem americano, mas também que as migrações tiveram lugar na Austrália e na Melanésia um pouco mais tarde. “*Les Origines de l'Homme Américain*” foi publicado em 1943, e contém argumentos linguísticos e antropológicos que sustentam sua tese.

L'hypothèse de la parenté des peuples océaniens et des Indiens américains a été émise, il y a déjà bien longtemps, soit qu'on ait soutenu l'origine océanienne d'une partie de la population du Nouveau-Monde, soit qu'on ait cherché à expliquer le peuplement des îles du Pacifique par des migrations venues de l'Est.

(...) Je suis convaincu que l'on pourrait, par une étude comparée plus poussée du groupe Hoka et du groupe Malayo-Polynésien, augmenter encore le nombre des concordances grammaticales que j'ai pu réunir. Celles-ci me semblent suffisantes pour confirmer la parenté des deux groupes, qui ne m'était apparue tout d'abord que du fait des concordances lexicales. (RIVET, 1926, 186)

Além da hipótese lançada por Paul Rivet, a região de Lagoa Santa já era bem conhecida na Arqueologia por conta das pesquisas e dos achados desenvolvidos a partir de 1836, pelo naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-1880).

Grande estudioso, de Botânica e Zoologia, veio ao Brasil em 1825. Nestas excursões, coletou grande quantidade de material, que enviava, em parte, para o Museu de História Natural da Dinamarca. Viajou pelo Rio de Janeiro, São Paulo,

Goiás e Minas Gerais. Os resultados dos estudos botânicos promovidos nesta expedição foram publicados em *Observações a respeito da vegetação dos campos no interior do Brasil, especialmente fito-históricas*, de 1835. (PROUS, 2003, p.120)

Em Minas Gerais estudou uma enormidade de fósseis encontrados nas cavernas próximas a Curvelo. Em 1843, Lund encontrou na região vestígios de homens pré-históricos, cujos estudos definiram as características daquele que ficaria conhecido posteriormente como o *Homem de Lagoa Santa*. As descobertas de fósseis humanos levaram Lund, em 1842, a escrever uma carta ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, publicada naquele mesmo ano e intitulada “Sobre a antiguidade do homem de Lagoa Santa”, onde ele discutiu se aquelas eram ossadas fósseis, uma vez que se encontravam em estratos geológicos que também continham fósseis da fauna extinta.

Lund fouilla de nombreuses grottes de la région et y découvrit des ossements humains associés à de la faune fossile. La découverte à cette époque ne pouvait être interprétée correctement. C'est seulement quelque dizaines d'années plus tard, lorsque la contemporanéité d'un homme préhistorique et de certaines espèces quaternaires fossiles fut démontrés pour l'Europe que “l'Homme de Lagoa Santa” devint célèbre. (LAMING-EMPERAIRE, 1975. p 2)

A partir de Lund ocorreu paulatinamente à destruição de sítios pré-históricos mineiros, por não se ter uma preparação científica nas escavações realizadas nas grutas e abrigos. Houve a destruição das riquezas pré-históricas da região sem a intervenção das autoridades administrativas ou dos centros universitários de pesquisa. (Id., Ibidem; p 3)

Mas em 1956 uma missão americana-brasileira liderada por Wesley R. Hurt comprometeu-se em verificar o problema da descoberta de ossadas fósseis e a fauna pleistocênica extinta. Porém, nada foi posto em evidência em relação à associação de restos humanos e fósseis de animais. No entanto, brasas de níveis mais baixos do abrigo No. 6 foram encontradas. Foi então a data mais antiga conhecida na pré-história do brasileira. (id.,Ibidem; p 2)

Foi impulsionada por essas pesquisas que nasceu por volta de 1969-70 às escavações do projeto franco-brasileiro em Lagoa Santa/MG com a participação de especialistas franceses e brasileiros.

Foi proposto como principais objetivos da missão franco-brasileira de Lagoa Santa;

a) Découvrir un abri ou une grotte intacts présentant une sequence stratigraphique suffisamment longue pour effectuer une mise en place chronologique des principales cultures qui se sont succédé dans la région depuis au moins 10.000 ans et de leurs corrélations avec l'évolution du milieu naturel. Cette étude ne doit pas s'interrompre artificiellement au moment de la coquête mais être prolongée et affinée par les données ethnologiques disponibles.

b) Etudier le type d'occupation du territoire dans la région de Lagoa Santa aux différentes époques tant par les chasseurs collecteurs sans céramique, nomade ou semi-nomades, que par les groupes avec céramique, probablement agriculteurs, qui leur ont succédé. L'ensemble des données actuellement connues montre en effet que les premiers utilisaient les grottes comme abris occasionnels et les seconds comme lieu de sépulture. Il reste à découvrir les campements plus permanents des chasseurs, les villages des agriculteurs, et à amorcer l'étude des modalités d'occupation du territoire des uns et des autres.

c) Entreprendre l'étude des oeuvres rupestres de la région en établissant les grandes lignes d'une méthode d'étude adaptée à leurs conditions particulières d'âge et de signification. (Id, Ibidem; p 4)

O projeto durou três anos, com possível prorrogação em função dos resultados. E que resultados; a descoberta de fósseis-guia que modificaram os cursos da Arqueologia Brasileira e que conseqüentemente acabou por chamar atenção para os trabalhos efetuados aqui!

Dentre os achados arqueológicos, ocorreram à constatação no sítio arqueológico de Santana do Riacho, na Serra do Cipó, e de um dos cemitérios mais antigos das Américas, com idade entre 8.200 e mais de 10 mil anos. Próximo dali, no sítio Lapa Vermelha, em Lagoa Santa, a equipe dirigida por A. Laming-Emperaire encontrou um esqueleto da raça Lagoa Santa, datado em cerca de 11 mil anos. Sendo possível assim traçar um perfil dos "homens" de Lagoa Santa, uma população muito homogênea, com feições bastante peculiares. (PROUS, 2002)

Achados semelhantes foram registrados também no Estado da Bahia e mesmo na Colômbia. Segundo a teoria recente de alguns antropólogos, seriam aparentados aos ancestrais das populações australianas, que teriam habitado a Ásia

continental e migrado tanto para o norte (Beríngia e América) quanto para o sul (Austrália), antes de serem substituídos na Ásia pelas atuais raças amarelas. (PROUS, 2002)

Essa foi a Missão Arqueológica Franco-Brasileira! E agora fica a questão inicial: Como é possível esquecer a Missão Arqueológica Franco-Brasileira? Como é possível esquecer o nome de Annette Laming-Emperaire, ou ao que tudo indica, relegá-la sempre há um segundo plano...

Vejamos...

A Missão Arqueológica Franco-Brasileira produziu textos de âmbito acadêmico. Foi uma pesquisa centrada cujos textos são resultados de algum dos diversos processos ligados à produção e transmissão de conhecimento.

Ao apresentar resultados, esses textos acadêmicos (fruto desta pesquisa) atende à necessidade de publicidade relativa ao processo de conhecimento. A pesquisa realizada, a idéia concebida ou a dedução feita parecem se não vierem a público; por esse motivo existem diversos canais de publicidade adequados aos diferentes trabalhos. A demonstração do conhecimento é necessidade na comunidade acadêmica, onde esse conhecimento é o critério de mérito e acesso.

Talvez a grande questão é que há uma contínua revisão dos textos relativos aos trabalhos do PRONAPA e por consequência um debate contínuo sobre os trabalhos de Meggers. O que se vê (e se questiona) em relação à Missão Arqueológica Franco-brasileira é que se reconhece como um projeto que trouxe bons frutos, deixando um legado (os projetos arqueológicos de Minas Gerais e do Nordeste), porém o nome de Annette Laming-Emperaire foi eclipsado.

A recuperação do conhecimento é um exercício acadêmico. É uma das finalidades do texto acadêmico. Com bastante freqüência, parcelas significativas do conhecimento caem no esquecimento das comunidades e das pessoas; a recuperação e manutenção ativa da maior diversidade de saberes é finalidade importante de atividades científicas objeto da produção de texto.

Quase todo conhecimento produzido é contestado. Essa contestação, em que não constitui conhecimento diferenciado, certamente é etapa contribuinte no processo da construção do saber que contesta, quer por validá-lo, quer por refutá-lo. Mas quando não há argumentos, objeções e contestações, fica um vácuo

acadêmico, simbolizado neste caso pela própria dificuldade de se encontrar material teórico representativo das bases em que se solidificou o referido projeto.

E voltamos à superficialidade, pois identificar um projeto não por suas bases teóricas e sim associando seus pesquisadores à esfera da orientação de determinados teóricos (vozes mais preponderantes da Arqueologia mundial) de alguma forma é tornar menos manifesto todo um trabalho construído.

Sobre memória e identidade social Pollak (1992) nos diz que para além dos acontecimentos, a memória é constituída por *peessoas, personagens*. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. Mas neste caso os personagens parecem obscuros e apenas lembrados por uma parcela da Arqueologia que vivenciou o período.

Neste caso ao tratar sobre memória coletiva Pollak (1989) nos explica que há um processo de “negociação” para conciliar memória coletiva e memórias individuais. É preciso que haja pontos suficientes de contato e concordância entre as duas. A fim de que essa lembrança possa ser construída sobre uma base comum. Neste caso ao que tudo indica uma memória que vem sendo produzida e que pode vir a ser subentendida como esquecimento.

Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, e ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. (POLLAK, ,1989, p 8)

O problema que se coloca em longo prazo para as memórias construídas ou não dessas duas pesquisadoras, é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “dito” ou “não-dito” à contestação e à reivindicação;

2.4 HERDEIROS DE NARRATIVAS QUE SEMPRE PERMANECEM PRESENTES...

Uma cultura esta bem morta quando a defendem em vez de inventá-la. (Paul Veyne, O inventario das diferenças)

Na arqueologia é comum a discussão de trabalhos que envolvam os mesmos interesses. A procura pelos pares é constante... Como comunicador-narrador essa procura pode significar um encontro de um mesmo entendimento, ou de uma mesma interpretação para os fatos, atos e palavras.

Ora dados e idéias aqui se transformaram em narrativas. Dos dados temos a criação de dois projetos; o PRONAPA, e a Missão Arqueológica Franco-brasileira. Já das idéias... Têm-se então portas largas... De dados e idéias temos narrativas arqueológicas sobre pré-história. Temos material suficiente para adentrarmos na discussão entre os ditames da ciência, e da narrativa.

Como bem nos coloca Pirie (2000 p 678): Como os fatos envolvendo Cultura Material, que conhecemos e amamos, são transformados em narrativas? A construção dos dados arqueológicos, como eles vão se dando, se posicionando através do tempo e do espaço social, faz-nos refletir sobre a posição, no mínimo peculiar, da arqueologia.

Já nos afirmava Hodder *“critical reflexivity has to deal not just with writing but also with those aspects of method which involve scientific observation and natural science techniques”* (2000: 5).

Os arqueólogos pesquisam sobre cultura material objetivando encontrar pistas sobre o humano que foi deixado e impresso no material, e secundariamente passam a intentar compreender sobre as sociedades passadas. Naturalmente há uma exigência em relação aos posicionamentos que se toma constantemente do embate e relação entre o social e o material. Já que o social, afeta diretamente em nossas afirmações e, nessa construção de um passado, cujo *status* é de legitimo.

This begins to break down any idealist notion that language and symbols operate in a rarefied cognitive realm, separate from material reality. Signification, or discourse, is something which happens in the

real world, in which articulates relationships between real things.”(THOMAS, 2005, p 17)

Assim, os argumentos de que algumas práticas que foram significativas na arqueologia e que são influenciadoras de poder e conhecimento, e que influem diametralmente na maneira em que se articula e se posiciona nossos trabalhos acadêmicos sejam eles de valor empírico ou teórico, são válidos.

Estamos diante de dois fenômenos sociais e acadêmicos cheios de significado e força não só para um passado acadêmico-arqueológico como influenciador e significativo para a cultura material que foi construída a partir delas.

As idéias, os tópicos, as teorias e as metodologias por elas utilizadas fazem parte de todo o trabalho desenvolvido por essas pesquisadoras e do caminho que as transformaram em Eventos na Arqueologia brasileira. Esse passado mediado, forjado, escrito e descrito faz parte de um longo trabalho que tomou significado construindo-se no dia-a-dia dessas arqueólogas.

E assim fomos atrás não só da prática, mas como elas fizeram uso dos argumentos utilizados ao longo de seus trabalhos como um todo. Atentando que a questão não só perpassa o arcabouço teórico e metodológico, mas atravessa as relações interpessoais e a forma como elas transformaram ou construíram um mundo de leitores e consumidores de suas idéias. Elas criam em torno de si uma comunidade não só de idéias, mas também de prática.

As the reader will see, this is not a matter of semantics. I see a profound difference between saying that artifacts mediate social relationships, and saying that people mediate their relationships through the production and use of artifacts. (DOBRES, 2000,p 1)

Atrás dos Eventos que se constituíram qual atos que fazem parte desse todo, encontram-se o PRONAPA e a Missão Arqueológica Franco-Brasileira. Logo se confirmou uma situação impar como problema científico. A dissociação “do que foram os projetos” e “o que falam dos projetos”.

Nesse sentido de um lado se tem o projeto; a ação concreta, intencional e voluntária. Destaca-se a responsabilidade e a participação do sujeito que intenciona o projeto. Na outra ponta há um destaque sobre ‘o que se fala’ dos projetos. Esse ‘falar’ não deixa de fazer parte da história que constitui os projetos.

Tanto a ênfase no aspecto ativo do sujeito, quanto no seu caráter relacional e negociado, não significa que pretensamente estamos tentando dirimir sua prerrogativa responsiva/responsável. Mas essa noção de sujeito (eu-para-si e o eu-para-outros) implica num exercício em que pensar o contexto fica mais complexo, portanto, mais rico.

No momento em que a historiografia brasileira enquadrou as pesquisadoras como precursoras na introdução da Arqueologia em seus ditames científicos ocorreu um eco em que as padronizou como “Escolas”. Essas “Escolas” percebidas qual Eventos foram reconhecidas por conta dos projetos pioneiros (instituídos e desbravados por estrangeiros). No entanto a *bagagem* das “Escolas” não se esgota nos Eventos... Não se esgota apenas por que as mesmas foram precursoras...

Os elementos constitutivos do discurso não se esgotam aí. Há elementos sociais, históricos, teóricos, embasados nos elementos textuais, verbais e etc.. Esses elementos formam o contexto mais amplo e interativo. São vários pontos de vista no discurso, que naturalmente podem ser escamoteados, ou podem ser descobertos, isso dependerá da abordagem, embora não deixem de estar presentes.

O evento/acontecimento é nesse sentido o ato concreto e dinâmico de instauração do ser no mundo, de apresentação do ser à consciência dos sujeitos, destacando-se nessa formulação que a consciência apreende o ser como evento, ação, do ser, como postulado. Por outro lado se tem o evento/acontecimento também como um modelo essencialista, ou teórico, como conteúdo, como dado, em que a consciência do discurso se orienta com relação a este, tomando-o como evento e substância. Os atos aqui podem ser traduzidos de outra forma, tomando outros caminhos na prática imagética daquele que a interpreta.

O discurso considerado quer como um evento ou uma proposição, isto é, como uma função predicativa combinada com uma identificação, é uma abstração que depende do todo concreto que é a unidade dialética de evento e significação na frase (RICOEUR,1979,p 23).

O PRONAPA na sua função de sujeito foi tido como um projeto precursor e de formação na interpretação daqueles que o tiveram conforme experiência. Num outro

viés transpondo o tempo e o espaço depara-se com outra interpretação; a de um paradigma a ser transposto.

Segundo Schwarcz (1989) esses *paradigmas de pensamento* no começo do século XIX foram considerados idéias novas possíveis de alterar padrões, visões e costumes.

Paradigmas de pensamento, tais como o evolucionismo, o positivismo e o naturalismo começam a penetrar a partir dos anos setenta, tendo como horizonte de referência o debate romântico sobre os fundamentos de uma cultura nacional em oposição aos legados metropolitanos e à origem colonial (SCHWARCZ, 1989, p 26).

Nesse ínterim ia-se fomentando a pesquisa arqueológica no Brasil, que ainda era muito amadora. Classificar e organizar o conhecimento para além do intuito de fomentar a intelectualidade tinha uma postura política, a de assegurar a imagem de um Brasil que estava se modernizando (SEVCENKO 1995).

O PRONAPA à época propôs ou intentou posturas novas. Toda a roupagem que se dava ao Neoevolucionismo, à disposição de toda uma pesquisa enviesada pelos moldes pragmáticos de uma pesquisa científica significava um momento novo. Momento de vivenciar a disciplina rompendo com a tradição amadora e selando de vez a disciplina dentro dos muros acadêmicos.

Já a Missão Arqueológica Franco-brasileira vinha com uma postura de inserir definitivamente o Brasil no âmbito acadêmico mundial. Ou seja, a comunidade arqueológica científica brasileira para além de ser reconhecida (ultrapassando definitivamente o status de amadora) seus temas passariam a circular nas esferas e discussões da pré-história empírica.

Tanto na estrutura teórico-metodológica quanto na estrutura sociopolítica o PRONAPA e a Missão significaram avanços (cada qual a sua medida). O valor teórico-metodológico que esses dois projetos tiveram pode estar sempre em pauta e é por isso que vale a pena revê-los e estudá-los segundo um dos elementos de escolas formativas.

Mas sermos herdeiros de narrativas que persistem... É darmos atestado de permanência a narrativas que se farão sempre presentes num círculo de escrita e leitura que não propõe o debate, mas sim a crítica esvaziadora e silenciadora. Rever

os trabalhos sob outra ótica é bem diferente do que permanecer sob o julgo de narrativas que se fazem presente.

É criar uma memória coletiva que se refere a duas pesquisadoras esvaziando o que poderia ser tratado num âmbito mais qualitativo e menos desqualificador.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros (POLLAK, 1999, p 9).

Isto é, ao se tratar das Escolas imediatamente nos reportamos à imagem das duas pesquisadoras. Está se referindo a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, bem como a imagem que os outros têm dela, na sua própria representação.

Segundo Plucienick, embora o termo, “narrativa”, seja usado como sinônimo de texto, pode-se restringir a definição de narrativa, a de “estória” (ou história). Cronologicamente ou de alguma forma relacionada há uma seqüência de eventos com um começo, meio e final.

Narrativas nem sempre têm de ser apresentados em uma seqüência linear, embora unicamente esta deva ser capaz de apresentar uma seqüência cronológica que é sempre intencional e eficaz em seu final ou conclusão; no presente e nas situações apresentadas. Todos nós estamos acostumados a fazer sentido narrativo da cena e argumentos e isso pode incluir distorções (exageros e compressões), e formas temporais, por exemplo, os flashbacks, as memórias, e as biografias condensadas, os novos caracteres. Assim narrativas sempre incluem descrições, passagens explanatórias, e narrativas subsidiárias, não necessariamente apresentadas na ordem cronológica (PLUCIENICK, 1999, p 4).

A nossa ‘estória’ iniciou com o pioneirismo, tendo sempre a perspectiva de que estas mulheres tornaram-se Eventos na Arqueologia brasileira. Mas é preciso investigar os caracteres. O enredo está apenas começando...

3 “QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO”; DO PORQUE AS AUTORAS SEREM CONSIDERADAS ESCOLAS NA VOZ DE SEUS LEITORES.

(...) “enquanto houver homens, não haverá fins sem meios, os meios só serão meios em relação aos fins e o acaso existirá apenas pela ação humana”. (Veyne 1992, p. 56)

Os pesquisadores das humanidades estão constantemente preocupados em discutir trabalhos num raio abrangente, compartilhando com variados grupos, o interesse na cultura humana. O homem, objetivado e subjetivado, é tema recorrente no trabalho, e é dessa forma que se intensifica uma cadeia de partilha e herança nas pesquisas a fim de se alargar o conhecimento sobre tal. Já como comunicadores, às vezes, esbarramos na habilidade de retratar nossas pesquisas e idéias com total precisão.

No caso da arqueologia a dificuldade é justamente encontrar esse homem, aparentemente, por trás do objeto. Esse objeto constantemente retratado (nos jargões cansativos, ou no fascínio pela tecnologia, ou também na quantificação de peças que por si, provoca um maravilhamento alienante), pode fazer com que momentaneamente (ou às vezes permanentemente), se perca a atenção no foco; o homem e sua cultura.

E mesmo quando não se confunde ou confunde-se o outro com as regras, siglas, sinais e fases, freqüentemente se dá como certo que a comunicação foi compreendida na forma pretendida; e então se perde novamente. Alguns mal-entendidos vão além dos tópicos pretendidos, nomeando, categorizando determinados processos cujas implicações podem erigir determinados emblemas.

Mas “o mal-entendido” a sua maneira não poderia ser tratado como entendimento? Quando se aceita a acepção de que o entendimento é uma associação de idéias teremos a concepção de que esse entendimento indica um movimento. Esse movimento muitas vezes é pautado em interesses sociais por isso é um movimento cuja engrenagem é alimentada por idéias, cujas ações e reações podem nos levar a um lugar fixo; ao do entendimento.

Como poderíamos atribuir princípios que pudessem levar ao lugar-comum de um mesmo entendimento? Se a escolha for o caminho empírico, forçosamente atenta-se para os princípios de contigüidade, semelhança e causalidade. Mas se o caminho for subjetivo... A pergunta nesse caso é; o que pode fazer com que se aceite um determinado ponto de vista, que nos é próprio, sem uma simples inspeção ou sem inferências sobre tal?

O que torna singular este estudo de caso é a maneira como essas arqueólogas foram associadas a uma posição que as desdobrou em personagens associadas à representação, ao conceito, a uma condição de uma miríade de ensinamentos especializados. Ou ainda ao *entendimento* da existência de uma doutrina com adeptos e mestres. Volta-se à questão do sujeito... Nesse caso especificamente de uma existência determinada a partir de certos pensamentos.

São correntes na Arqueologia Brasileira menções a estas escolas, porém não se sabe explicar “de onde ela veio, para onde ela foi”. Estas Escolas tornaram-se Eventos no marco do desenvolvimento do pensamento arqueológico brasileiro, onde alguns dos métodos empregados estavam intrinsecamente relacionados à formação de alguns arqueólogos reservados à categoria de amadores. Deste modo, podemos afirmar que as duas tornaram-se Eventos que interagem constantemente na Arqueologia Brasileira com a idéia de Escolas teóricas.

Novamente volta-se à condição de investigação sobre a compreensão. Como refletir sobre a imagem de um *Mundo* no qual *seu* sentido, é extraído através de outros sentidos? Como compreender tal redundância? Há, sem dúvida, um destaque para as duas pesquisadoras em questão que são demarcadas e associadas na Arqueologia Brasileira as ‘Escolas Teóricas’. Será que as mesmas se reconheceriam na sua vertente de ‘Escolas’?

Essa constante associação criou uma identidade simbólica; As arqueólogas e as Escolas. No entanto a partir da prerrogativa de que não se sabe “de onde veio, e para onde foi” o emblema de escolas, pode-se partir do pressuposto de que esse simbolismo também seria vinculado a uma identidade narrativa. O que não deixaria de satisfazer o seu postulado enquanto Evento, *posto que só se tem um Evento, quando alguém fala. (Ricoeur, 1988, p 45)*

Ressalta-se que estes agentes atuam em determinadas circunstâncias que estão produzindo e nesta interação sofrem intervenções como agentes históricos que são. Por sua vez suas obras estão sempre em interação com outras obras. Escrever é sempre escrever com outros e para os outros. Essa interação observa Ricoeur (1983) pode tomar o rumo de cooperação, ou de competição, ou ainda de luta. As contingências de interação se juntam com as circunstâncias e que podem assumir um caráter de ajuda ou adversidade.

No ato de escrita uma determinada obra, todo um trabalho, muitas vezes se torna imortal, pois não importa o autor real, de carne e osso, mas a obra em si, ou a reverberação deste trabalho, que por sua vez passa a defender sozinha uma determinada causa que lhe escapa à medida que é construída.

Assim é comum que as ações (a escrita e o trabalho tomado como um todo) acabam sendo valoradas e julgadas dentro de uma determinada moral adquirindo um valor relativo; até o ponto de uma determinada ação valer, mas que a outra. Estes graus de valor podem também ser atribuídos aos próprios *agentes* que são tidos ora como bons, ora como maus, ou como melhores e, ou piores. Não há ação que não suscite, por pouco que seja aprovação ou reprovação, segundo uma hierarquia de valores cujos pólos são a bondade ou a maldade. (RICOEUR, 1983; p 122)

Neste caso a problemática nos traz dois ausentes que podem ser considerados idênticos: um é o personagem irreal, visualizado a partir de uma imagem, ou um emblema, ou um paradigma; o outro é o personagem real, mas hoje esquecido ou ultrapassado. O abismo é criado justamente por que se tem uma Obra (todo um trabalho), que pode não ser atestado pelo autor da obra (por sua assinatura), mas que é atestado e ratificado a partir de seus leitores. Assim não é evidente a identidade da Obra em si.

Contemplo este rosto. E de repente, vendo-o olhar-me, faço-me uma pergunta absurda: o que é que me faz dizer que esse rosto é o do próprio pintor? Onde aprendi que o personagem aqui representado é o mesmo que aquele que o pintou? Apenas uma inscrição exterior ao quadro me ensina isso, um texto a ser lido – uma legenda, como se diz tão bem. Sem essa legenda, eu não saberia que o homem pintado e o homem que o pintou têm o mesmo nome: Rembrandt. (RICOEUR, 1996,p 13)

Como é possível identificar “o que se é”, “do que se diz” (se é que isso é possível)? É preciso perceber o instante em que a Obra, se viu condensada no espaço móvel de uma narrativa (um pedaço de vidas). A construção de um discurso só se pode descrever-se, se for levado em consideração, o ato de se valorar, junto às imaginações criadoras, ao longo da obra total, em que se reúnem o texto e seu leitor. Então se terá a sensação de uma obra comum, ao que deu sentido, e ao que sente. (RICOEUR, 1995, p 147)

Em outras palavras estaríamos nos desdobrando em perguntas tais quais “o que”, “por que”, e “quem” ou “como”, ou “com” e “contra quem”. Essas perguntas teriam como função principal dar conta das intencionalidades do discurso, dentro de sua menor unidade, ou seja, se, as escolas estão associadas aos nomes das pesquisadoras (se a menor unidade do discurso é; Meggers é a representante da Escola Americanista, e Emperaire é a representante da Escola Francesa), questionando-se a menor unidade discursiva, o discurso em si deixa de confundir-se com o seu significado. Explicando a frase, a comunicação, a como muitos chamam o sistema lingüístico, passa a ter maior clareza no sentido que nos leva a pensar que a mesma não passa de “*algo que se diz sobre algo*”. (Ricoeur, 1996; 149).

O discurso passa a ter como referência seu caráter de acontecimento e seu funcionamento dialogal. O acontecimento completo não só consiste em “*alguém tomar a palavra e se dirigir a um interlocutor*”, mas também, “*em alguém que deseje levar esta comunicação e compartilhar com um outro uma nova experiência, que por sua vez, se abre ao mundo por horizonte*” (id, *Ibidem*; p 149).

Ao afirmar que a historiografia brasileira atestou e ratificou duas Escolas, americana e francesa, como escolas que, de uma maneira ou outra estão vinculadas à implantação da arqueologia como uma ciência acadêmica, se torna possível verificar, antes de tudo, quais as referências, que informam e balizam sobre tal.

Não se trata de cogitar se as legendas são ou não verdadeiras, mas identificá-las. Identificar que essas referências têm uma existência real e que por si só possuem um funcionamento dialogal provocando *novas experiências* com um horizonte de potencialidades.

De onde saem às legendas? Elas possuem um endereço certo? Para tais hipóteses levantadas, o ponto de partida pode ser pensar nas interações. Quais

associações (de que tipo são essas associações) foram feitas a partir do momento em que as duas pesquisadoras, resguardadas cada uma em seu contexto e texto, foram tomadas como Eventos e em sua narratividade são vistas como tal.

É preciso garantias quando se tem legendas... No geral estas são encontradas nos especialistas. Ou nos arqueólogos que vivenciaram o período em questão (talvez até como membros das escolas, ou que se debruçaram sobre alguma pesquisa que envolvesse o assunto).

Tendo como cerne uma teoria interpretativa se faz necessário conjugar a relação ou o efeito produzido no ato de leitura. Mesmo sendo individual ou coletiva, a leitura vai produzir determinados efeitos em seu leitor ou na sua referência. A problemática da comunicação produz outra que é a referência.

O que é comunicado em última instância, é, para além do sentido de uma obra, o mundo que ela projeta e que constitui seu horizonte. (...)

O acontecimento completo é não apenas que alguém tome a palavra e dirija-se a um interlocutor, é também que ambicione levar à linguagem e partilhar com outro uma nova experiência. É essa experiência que, por sua vez tem o mundo como horizonte. Referência e horizonte são correlativos como o são a forma e o fundo. (Ricoeur, 1994; p 119)

Estes pesquisadores são de fato os agentes, que atuam e que sabem sobre arqueologia, são os dotados da prática, são eles os detentores do fazer arqueológico. E como tal, são possuidores dos fundamentos de visão e divisão (eles também valoram e julgam atribuem valores relativos a determinados princípios), possuem suas referências ou preferências. São eles que porventura podem vir a orientar a percepção de uma dada situação e a resposta adequada à mesma.

As referências tanto são comunicadores, quanto são comunicados. Eles também abrem o círculo que lê e entende as arqueólogas como Escolas a um horizonte que pode, ou não lê-las da mesma forma.

A fim de facilitar o esclarecimento da pesquisa foram escolhidos exemplos representativos de vozes coletivas divididas a partir de duas gerações. Os casos não foram escolhidos sem um objetivo, mas intencionalmente a fim de mostrar como as gerações da Historiografia arqueológica brasileira procurou ver e narrar essas duas

pesquisadoras. A começar com a geração mais recente e termina-se com a geração que vivenciou o trabalho dessas duas pesquisadoras mais de perto.

3.1 DA GERAÇÃO QUE OUVIU....

Uma rápida revisão do desenvolvimento dos argumentos e problemáticas que caracterizam a Arqueologia Brasileira nas duas últimas décadas mostra uma série de posições que vem sendo administradas e advogadas em favor de algumas direções tanto na teoria quanto na prática arqueológica.

O ponto alto dos assuntos sem dúvida assinala a problemática do “dar sentido” muito corrente na prática arqueológica. Tudo isso com o auxílio de teorias, metodologias e tecnologias arqueológicas mais avançadas do que as que certamente os pioneiros utilizavam no passado. As questões são concernentes com a prerrogativa de se questionar como os arqueólogos tradicionalmente davam significado ao material arqueológico. Ao longo desse percurso a arqueologia contou com algumas contribuições como bem acena Kern;

Esta tarefa foi também facilitada por dois importantes aspectos teóricos. Por um lado, realizou-se um distanciamento progressivo e crítico em relação às filosofias metafísicas e especulativas do desenvolvimento humano, históricas ou antropológicas, com seus rígidos estágios evolucionistas e suas leis deterministas. (...) Por outro lado, os textos de apresentação de resultados ou mesmo o de discussão mais teórica, tem dado uma crescente confiança na aplicação possível das mais recentes teorias de alcance médio, sobretudo de caráter contextual ou explorando as relações sócio-ambientais. (KERN, 1998, p 364)

Essa nova direção às pesquisas acaba por sua vez, por evidenciar inúmeros questionamentos e problemáticas de uma ciência em constante desenvolvimento teórico e metodológico. E toma seus rumos mediante o movimento processual e pós que faz parte de um momento histórico-cultural do pensamento arqueológico brasileiro.

O intuito não é evidenciar ou fazer um balanço historiográfico da arqueologia brasileira, mas deve-se destacar alguns fatos para que se possa mergulhar no contexto em que alguns dos textos citados podem estar caracterizados.

Os debates e argumentos vão ao encontro de uma atmosfera no qual discutir arqueologia no Brasil é ter como parâmetro fundamental o estudo de culturas “diferentes” e não como o estudo caracterizado por considerar as culturas que aqui são encontradas, como “resíduo de um passado revoluto” (PROUS, 1992, p 575).

Vejamos; segundo Prous (1992), em seu trabalho *Arqueologia Brasileira*, depois de um *período da arqueologia moderna (1950-1965)* marcado pela atuação na arqueologia de amadores e pela criação das instituições oficiais com a ajuda de arqueólogos estrangeiros, há um *período de pesquisa recente (1965-1980)* cujo *evento*⁴ mais significativo seria a criação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), que teria sido responsável pela criação e síntese de boa parte das fazes e tradições utilizadas nos trabalhos arqueológicos desse período.

Acontece que no Brasil assim como em âmbito mundial dentro de uma prerrogativa processual e pós (tendo em vista que contextualizar essas correntes teóricas dentro de períodos bem demarcados na arqueologia brasileira se torna uma tarefa difícil) as teorias e metodologias utilizadas pelo PRONAPA começam a ser discutidas e criticadas.

Lembrando que as críticas foram fortemente direcionadas a sua vertente evolucionista e difusionista. Muito embora o programa tivesse em suas correntes teóricas mais do que somente essas duas vertentes. Isso se deve a emergência do movimento Processual (movimento posterior ao Histórico-Culturalismo que tinham como princípios o evolucionismo e o difusionismo) na década de 1960, nos Estados Unidos, que criticava veementemente os conceitos normativos e reducionistas de migração e difusão, bem como o apego exagerado aos artefatos, pois conseqüentemente esquecia-se que por trás destes existiam os homens, objetivo da Arqueologia. O movimento Processual fica demarcado, principalmente, por uma característica de sua pesquisa: deduzir como os artefatos funcionavam no contexto do sítio arqueológico. Os Processualistas se perguntavam como era o sistema social da cultura estudada. (TRIGGER, 1992, 195).

E assim como os processualistas a crítica ao Histórico-Culturalismo continua com o movimento Pós-processualista no que diz respeito ao caráter monolítico e

⁴ Grifo da autora.

estático das culturas abordadas pelos arqueólogos tradicionais. Romper com o positivismo e o funcionalismo esses são seus principais objetivos. Segundo os pós-processualistas a arqueologia não é uma ciência neutra e objetiva. Para eles “toda arqueologia é contextual” (SHANKS E TILLEY, 1987: 53, 199).

Parte da Arqueologia brasileira, levando em consideração as duas últimas décadas, pode não só interagir com esse contexto ou estar familiarizada com tal já que é nessa movimentação que tem se constituído (obviamente resguardando-se as devidas peculiaridades).

Pois bem, o que interessa realmente é contextualizar, ainda que superficialmente as legendas. Por hora é preciso entender que estas agem motivadas por essas novas, e não tão novas vertentes teóricas. Muito do que *se fala e do que se houve falar* sobre as Escolas é motivado, ou está inserido num ensejo de se criticar uma Arqueologia Tradicional ou uma abordagem tradicional.

De fato haverá sempre a deliberação por parte da historiografia recente de novas reflexões envolvendo ou questionando-se sobre as “antigas” abordagens de uma historiografia anterior. Muito por que esses debates fazem parte de uma dinâmica textual envolvendo as revoluções da leitura ou as construções históricas. No entanto, é preciso atentar que essas reflexões precisam ser prudentes, como nos coloca Chartier;

O olhar voltado para trás tem outra função: ajudar a compreender quais são os significados e os efeitos das rupturas que implicam os usos, ainda minoritários e desiguais, mas a cada dia mais vencedor, de novas modalidades de composição, de difusão e de apropriação do escrito.” (CHARTIER, 2002: 9).

Esse parece ser o viés do autor José Alberione Reis(2003) que em seu livro “Não pense muito que dói – Um palimpsesto da Arqueologia Brasileira” propõe investigar a existência ou não de Teoria na Arqueologia brasileira tecendo reflexões sobre o início de uma “teorização” na Arqueologia Brasileira. Ele entrevistou alguns arqueólogos que ocupam lugares de destaque no cenário arqueológico brasileiro e formadores de novos pesquisadores que segundo ele; (...) *podem representar uma síntese de opiniões em âmbito nacional*”.(REIS, 2003; p 43) Em um resumo da fala dos arqueólogos o autor chega a duas proposições:

1)em sua unanimidade, acentua a presença atuante e dominante das tais duas escolas – a americana e a francesa; a primeira com maior poder hegemônico; ambas desinteressadas em incentivar interpretações e reflexões teóricas; (...) Outra fala contrapõe o isolamento. Diz-se que foram as tais escolas apontadas que contribuíram para com a cientificidade e inclusão internacional da Arqueologia Brasileira (REIS,2003:46)

Salientando que sua tese vem a fazer coro numa leitura pós-processualista Reis, tenta responder a um questionamento em que marca a presença das Escolas teóricas na Arqueologia Brasileira. Assim acaba por fazer um breve resumo de características da Arqueologia Histórico-cultural, Processual e da “Escola Francesa”.

As atenções se voltam particularmente ao olhar lançado sobre “Arqueologia Histórico-cultural e a Escola Francesa”. No caso do Histórico-culturalismo, na Arqueologia brasileira, esse posicionamento teórico seria demarcado como “*Escola Americana*”. Cujas *ascendência e influência* se deve ao PRONAPA, sob a coordenação dos Evans. (REIS, 2003; 58)

Impulsionada por três princípios básicos; invenção, difusão e migração, a ‘Escola Americana’, segundo o autor encontra-se em interação com postulados teóricos que de alguma forma são reconhecidos pela Arqueologia Brasileira. Já a chamada ‘Escola Francesa’ torna-se problemática justamente por não “encontrar” esta interação ou semelhança.

Esta denominação faz parte apenas da discursividade arqueológica brasileira. Não há tal ‘escola francesa’ na França e nem lá tem qualquer semelhante nome (Prous, 1996). Desta maneira, tal situação, diferentemente das outras posições teóricas que antes apresentei, dificulta a apresentação de um corpus teórico que possa ser consensual e congruente com esta peculiar denominação. Mesmo assim, corro este risco. (REIS, 2003; 91).

Mesmo problemática e por conta de suas importantes contribuições, Reis acredita que vale a pena tecer considerações sobre essa escola.

Da mesma maneira, em relação a tal ‘escola americana’, a denominação de ‘escola francesa’ está implantada, mesmo com ressalvas ou discordâncias entre seus seguidores, na Arqueologia Brasileira. (REIS, 2003; 63)

Ainda segundo Reis, a denominação de ‘Escola Francesa’ tem seu início demarcado a partir dos treinamentos e trabalhos de campo exercidos no Brasil pelo

casal Joseph e Anette Laming-Emperaire. Mas seu mentor (que é associado a uma posição teórica) seria o arqueólogo francês André Leroi-Gourhan, cuja doutrina poderia ser resumida a partir da escavação; o registro deveria ter prioridade sobre a escavação e, na escavação, a pesquisa das estruturas deveria predominar sobre a estratigrafia. (REIS, 2003; 92)

Em verdade, as Escolas são temas que produzem debates que envolvem distintos assuntos, tais como; a arqueologia (teoria e metodologia) produzida pela mesma, e o contexto institucional em que essa arqueologia foi produzida. Muitos dessas problemáticas podem estar associados ao problema de identificação da teoria, ou teorias e suas respectivas metodologias.

Tendo em vista que a instituição da Arqueologia no Brasil foi tardia, e implantada de forma a gerar arqueólogos “do dia pra noite”, os questionamentos foram ao encontro da existência de modelos teóricos que pudessem ser reconhecidos nas metodologias e práticas de campo utilizadas pelos arqueólogos brasileiros.

As dúvidas surgem justamente quando se passa a questionar “do que” sabemos sobre quem foi realmente importante nessa formação de arqueólogos no Brasil? Quais as instituições que definiram a identidade profissional da Arqueologia Brasileira? Quem foram os profissionais responsáveis pela introdução de um ensino ‘profissionalizante’ (contrapondo as práticas amadoras)?

No instante em que essas perguntas são formuladas as reflexões se voltam para a formulação de um ‘professorado’ em que os nomes de Laming-Emperaire e Meggers são uma constante. O interessante é que as reflexões se voltam ao ‘professorado’ deixando os ‘centros’ de ensino quase que esquecidos nesses regates na historiografia arqueológica. Pode-se inclusive dizer que o motivo incide em suas participações secundárias, ou mesmo por suas fracas participações. O certo é que por quaisquer motivos percebe-se a transferência de valores em que o peso maior cai sobre os ombros desse ‘professorado’.

Pela inexistência da Arqueologia (curso ou disciplina acadêmica nas Universidades) volta-se para uma identificação de um coletivo profissional onde esse ‘professorado’ é bem demarcado e enfatizado a partir dos inúmeros cursos aplicados. É como se tivéssemos uma memória coletiva que caminha em direção,

seja a partir de seus silêncios, de suas alusões ou metáforas, ao reconhecimento desse “professorado”.

A memória essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra como vimos em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes. (POLLACK, 1989; 9)

Esse ‘professorado’ é reconhecido e enfatizado da sua formação didática, seus intuítos pedagógicos, e sua ligação com instituições reconhecidas por seu caráter universitário e conseqüentemente profissionalizante. O caráter profissionalizante, a nova formação de arqueólogos foi sedimentada por docentes que tinham estatuto para tal; métodos e procedimentos, natureza pública e funções civis formativos, junto aos compromissos éticos e sociais.

Seria errôneo crer que esse coletivo homogêneo não possui uma identificação comum na História da Arqueologia; o ‘professorado’ existiu e parte importante dessa existência é reconhecida nas duas arqueólogas, Emperaire e Meggers. Por outro lado essa afirmação/identificação nos faz pensar em que consiste ensinar arqueologia? O que tem que saber, e saber fazer um professor ou uma professora de Arqueologia para ter seu ensino reconhecido ao ponto de ser eleito como Escola?

A discussão dessas questões será enfatizada no próximo capítulo, por ora é importante frisar que a prática do ensino-aprendizagem leva, no mínimo, ao movimento de associação com as práticas teórico-metodológicas que envolveriam uma Escola teórica.

Outro ponto a ser investigado e discutido que pode levar a trilha do fundamento em nossa investigação é o tema de como a arqueologia se institucionalizou. Nessa premissa um dos ensaios comentados cujo objetivo é explicar como as pessoas comuns e os estudiosos no Brasil e no exterior entendiam a história da Arqueologia foi o do arqueólogo Funari (1994).

Entendendo que o caminho para se estudar o desenvolvimento da Arqueologia no Brasil perpassa entre as relações entre sociedade e suas mudanças e a prática científica, Funari, desenvolve seu ensaio através dos períodos históricos da arqueologia brasileira e dos esquemas de tendências teóricas. (FUNARI, 1994; 24)

Segundo o autor, depois de um período amador da Arqueologia no Brasil os ditames passam a ser universitários entre 1950 a 1964, sob um contexto de democracia e pela ajuda do humanista brasileiro Paulo Duarte (que criou a comissão de Pré-história da Universidade de São Paulo em 1952). (Id., *Ibidem*: 27)

Funari destaca que Paulo Duarte, matinha relações de amizade com Paul Rivet, diretor do musée de l'Homme, em Paris, França e que também trabalhou para persuadir Joseph Emperaire e Annette Laming-Emperaire (1975) a realizarem trabalhos de campo no Brasil.

A Arqueologia Brasileira estava sendo conduzida para um novo importante conceito emprestado diretamente do humanismo francês: Deontologia.(FUNARI, 1994;27)

Deontologia diz respeito à filosofia moral, teoria normativa segundo em que as escolhas são moralmente necessárias, proibidas ou permitidas. Essas teorias orientam as escolhas sobre o que deve ser feito. Por isso que o conceito também é usado em referência ao conjunto de princípios e regras de conduta- os deveres- inerentes a cada profissão.

Assim nasce a Arqueologia acadêmica, influenciada pelos Emperaire, mas esta sofreria profundo abalo a começar pela ética com o período posterior; o período militar. Os mais de vinte anos de governo autoritário tanto significaram abusos contra os direitos humanos, como também a constituição de um *establishment* arqueológico.

(...) os principais atores deste período foram dois americanos. O casal Clifford Evans e Betty Meggers..(Idem, *Ibidem*; p ;27)

O *establishment* seguiria o curso da linha oficial, a Arqueologia brasileira estava novamente em mãos de diretores de museus e funcionários burocráticos. (Id: 28) Segundo o autor Evans e Meggers, entre 1965-71 organizaram o Pronapa, reunindo o museu Goeldi, o patrimônio brasileiro e a maior parte dos profissionais do sul e nordeste. "*Além de treinar uma nova geração de pesquisadores de campo*", conclui o mesmo.

No texto percebe-se uma linha de pensamento que remete a idéia de que a Arqueologia acadêmica no Brasil ora desenvolveu-se sob os auspícios humanistas

da influência francesa dos Emperaire, ora sob o *establishment* no período dos Evans.

Em que medida nossas formas sociais, aquilo que somos no mundo perpassa por um reconhecimento ou aceitação social? O 'poder de agir', muitas vezes corresponde a um vínculo estabelecido a partir de sua prática social e, conseqüentemente como esta se dará a partir de sua representação no mundo.

Aquilo que pode ser 'aceito' se difere daquilo que 'não pode ser aceito', e dessa forma se tem 'tácitas' representações e porventura aceitações... Será que por isso, hoje, contemporaneamente falando temos muito mais as representações de correntes da chamada 'Escola Francesa' ao invés da 'Escola Americana'?

Esse vínculo entre representações e práticas sociais se expressa no papel de mediação simbólica que as primeira exercem quando as segundas tem um conteúdo determinado, a saber, a instauração do vínculo social e das modalidades de identidade que estão ligadas a ele. As representações não são, pois, idéias flutuantes que se movem em um espaço autônomo, mas, como acabamos de dizer, mediações simbólicas que contribuem para a instauração do vínculo social; elas simbolizam identidades que conferem uma configuração determinada a esses vínculos sociais em instauração. De acordo com isso, é preciso assentir que "as identidades sociais ou os vínculos sociais não tem natureza e sim apenas usos". (RICOEUR, 2006,; 149)

Já no texto em que o autor questiona a existência de teoria arqueológica no Brasil, Funari (1995) em sua explanação desenvolve e enfatiza o trabalho dos Evans dentro de uma prática formativa;

As early 1964, Clifford Evans and Betty Meggers had organized what they called 'an intensive seminar teaching archeological theory, methodology, ceramic classification and interpretation' to twelve pupils from seven different Brazilian states (Evans 1967:7). Immediately after the seminar, Evans and Meggers spent the month of November 1964 traveling through eleven Brazilian states and visiting university presidents and museum directors. A naive positivism was at the heart of this archeological team outlook. (FUNARI, 1995: p. 240)

O autor indica que Meggers ensinou e treinou uma geração de praticantes de uma arqueologia cujo trabalho de campo estava sob os auspícios do positivismo

americano e determinista. Esse “bando” de Meggers, os irmãos, “controlaram” as escavações, os fundos, as publicações, os museus, e os postos universitários limitando as iniciativas de outras perspectivas. (Id., Ibidem:p 241)

Muito embora, o autor ressalte que a arqueologia clássica tenha desempenhado um papel especial na discussão teórica. Ressaltando que, pelo fato da Arqueologia clássica precisar trabalhar no exterior, a mesma se encontra em contato com diferentes idéias e mais independente. Nesse ínterim a exceção no Brasil ficou por conta da série Nouvelle clio, que não foi confiada a estudiosos brasileiros, e sim a arqueólogos franceses, dentre eles destacou-se Laming-Emperaire. (Id., Ibidem: p 244)

Pedro Paulo Funari possui outros textos que tratam do tema tornando-se um autor que é referência ao abordar em seu tema o histórico da implantação da Arqueologia no Brasil.

A Arqueologia por se sobressair como uma ciência que tem auxiliado na recuperação e aquisição, por parte da sociedade brasileira, de novos parâmetros balizadores de uma nova educação, reagrupa discussões centrais e um dos temas é a formação sócio-política do país.

Não é de se estranhar que exista sempre a discussão questionando-se como a disciplina tenha se desenvolvido aos meandros do viés político. O tema ou o questionamento não se detêm apenas às discussões nacionais, mas como uma questão para além dos muros brasileiros, ganha destaque internacional e é concernente ao próprio desenvolvimento da disciplina.

Nessa miríade, é preciso destacar três pólos concernentes ao estudo das Escolas; a expansão, associada a, vestígios de idéias trazidas de outro contexto e que sofreram adaptações ou que foram de certa forma, impostas; o agenciamento que estas instituições ou, que estes arqueólogos de base receberam a fim de responder as exigências de um procedimento técnico e profissional; e como isso impactou nos trabalhos desenvolvidos durante o período onde a arqueologia foi estabelecida e reconhecida como disciplina.

O impacto do tema é o questionar, que tipo de representação foi associado à identidade do passado pré-colonial (sua cultura material e imaterial), quando e na duração desse trajeto de solidificação da ciência no Brasil. Tema que também é

recorrente em uma das autoras que se torna leitura obrigatória para quem busca entender um pouco sobre essa trajetória.

É o caso da autora Cristiana Barreto sobre as Escolas. Salientando que a Arqueologia Acadêmica no Brasil surgiu a partir de projetos e campanhas preservacionistas promovidas por alguns intelectuais brasileiros, Barreto, argumenta que o embasamento teórico da Arqueologia Brasileira a partir da década de 30 era fraco. A quem se deve a inserção das principais inspirações teóricas e papel decisivo na formação das futuras gerações foram os especialistas estrangeiros. (BARRETO, 1999; 41)

É nela que se percebe a associação do saber técnico-metológico (inseridos através dos especialistas estrangeiros) as tradições teóricas da origem de cada especialista.

As conseqüências dessas tradições teóricas se refletiram no legado das escolas estrangeiras na arqueologia brasileira contemporânea de diversas maneiras, iniciando-se pelo próprio conceito de arqueologia como disciplina acadêmica. (BARRETO, 1999: 41)

A autora ainda acentua a “marca” do modelo europeu, sobretudo o francês, na arqueologia universitária, em que nessa transposição, a Arqueologia Brasileira acabara de herdar as ambigüidades e problemas conceituais de uma arqueologia européia. Distanciando-se das ciências humanas para cair no “tecnicismo” na pesquisa, a formação de novos arqueólogos no Brasil foi influenciada por franceses e norte-americanos por toda a segunda metade do século XX. (Idem, Ibidem: p 42)

É o que ela chama de legado das Escolas Estrangeiras. É exatamente nesse momento que a autora coloca em destaque as figuras de Annette Laming-Emperaire e Betty Jane Meggers. E ao destacar a participação de Emperaire não surpreende em seu histórico, com menções a importância do papel das missões arqueológicas no Brasil, e a influência do Musée de L’Homme de Paris, e suas ligações com Paul Rivet. Por outro lado é Barreto que reconhece a introdução dos métodos científicos na formação de arqueólogos, no qual por sua parte ela trata de explicar. É a bagagem metodológica que Barreto destaca em sua fala;

Na bagagem metodológica trazida para o Brasil pelo casal estavam fatalmente os ensinamentos de mestres como Leroi-Gourhan

aplicados ao contexto de sítios paleolíticos franceses. (BARRETO, 1999:41)

Ainda segundo a autora;

Empeaire and his wife Annette Laming, directed the first systematic excavations in Brazil, introducing the most refined methods of decoupage and reconstruction of occupational floors. (BARRETO, 1998: 575)

Da influência francesa a maior contribuição foi treinar os arqueólogos brasileiros. Esse treinamento foi desenvolvido ao longo da década de 60, por Empeaire através de aulas e seminários com enorme impacto nas gerações posteriores.

“This resulted is the rigid reproduction of their single-site excavation approach in several parts of Brazil, as well as in her manual for the study of litchis (Empeaire 1997), still widely used by Brazilians. (Id., Ibidem: p 575)”

Segundo ela a Escola francesa ainda continua viva liderada por duas instituições; a Universidade de São Paulo (Museu paulista e o Instituto de Pré-história) e o Museu de História Natural da UFMG. E ainda no trabalho da arqueóloga Niéde Guidon no nordeste do Brasil. (Id., Ibidem: p 576)

No entanto a perspectiva francesa parece não ter sido tão abrangente em detrimento da perspectiva norte-americana. A Escola Americana encabeçada pelo casal Evans vai ser atuante em caráter formativo a partir de 1960. Seus seminários atendendo a maioria dos arqueólogos brasileiros ensinavam técnicas de salvamento, seriação com intuito de obter seqüências cronológicas e a distribuição dos complexos culturais, e o método quantitativo Ford.

Essa perspectiva americana ganhou força entre os arqueólogos brasileiros por conta de seu engajamento em um projeto organizado e administrado pelos Evans; o PRONAPA (1965-71). A metodologia ambígua pronapiana, continuaria segundo Barreto, a ser um guia dos arqueólogos brasileiros que operam em escala regional. Essa maior absorção dessas percepções teóricas estariam diametralmente vinculadas ao “vácuo teórico” da arqueologia brasileira.

In this theoretical Vacuum the preconceptions of individual agendas. Ironically , the powerful theories developed to explain cultural development in the Amazon basin by Meggers & Evans, which had prompted the enthusiastic embracing of American school by Brazilian students, were not attempted by PRONAPA. We think that this lack of theory was due to a genuine belief that archaeologists first needed to know the conditions and nature of a large archaeological heritage and only later develop theories to interpret it, rather than to 'authoritarian empiricism' as argued by Funari. (BARRETO,1998:578)

3.2 DA GERAÇÃO QUE VIU...

Dentre as estratégias narrativas há a existência daquelas em que o autor narra uma história da qual o próprio faz parte. A prerrogativa desses textos é que esse narrador deixa entrever em sua fala, sem medo de determinados “julgamentos”, seus “pontos de vista”. Assim chega-se ao ponto em que tempo e lugar estão intrinsecamente ligados. As lembranças aparecem constantemente e por vezes nos levam a interagir com o presente (o que se escreve) com o passado lembrado.

Sem dúvida a perspectiva mais intimista de como se dava a metodologia dessas mulheres em campo pode ser oferecida através dos depoimentos dos arqueólogos que tiveram oportunidade de trabalhar com as mesmas.

É o caso de Igor Chmyz, que traz um pouco da metodologia por elas empregada na prática do dia a dia, ao relatar sua trajetória como arqueólogo. Seus primeiros contatos foram como aluno em cursos ministrados no CEPA (Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas) da Universidade Federal do Paraná e com Mme Annette. Chmyz passou a integrar na equipe de Emperaire a partir do Curso intensivo de Arqueologia Pré-histórica ministrado pela mesma na época.

“A divisão de tarefas entre os membros da equipe era uma das características de Mme. Annette. Embora todos participassem das escavações e das discussões dos problemas surgidos, a cada um era atribuída uma função específica como a topografia dos sítios e arredores, ou estruturas, etc. A limpeza e a marcação das peças

eram feitas no local, por revezamento. Para o arrolamento e análise do material escavado, a arqueóloga francesa utilizava folhas de papel almaço quadriculado, nas quais, por assunto, representava esquematicamente as peças, descrevendo-as pormenorizadamente conforme o setor, quadra e profundidade da escavação. O rigor metodológico e o detalhamento nos procedimentos eram outras de suas características. (CHYMZ, 2010; 67)”

Com Meggers não foi diferente ele também teve seus primeiro contatos com a arqueóloga a partir de cursos formativos. Chymz fez parte de um seminário organizado pelo casal Evans em 1964. O tema do seminário era “O ensino e a Pesquisa em Sítios Cerâmicos”. Foi a partir desse curso que Meggers começou a esboçar o projeto que viria a ser o PRONAPA;

Coordenou, em 1964, um dos mais importantes cursos promovidos pelo Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas na Universidade do Paraná porque, além do conhecimento transmitido, nele foi concebido um projeto de pesquisa integrado que permitiu a primeira radiografia da arqueologia brasileira. (CHMYZ; 2007b; p 22)

A vinda de Meggers ao Paraná estava vinculada a um propósito: a formação de arqueólogos. Pelo menos essa era a meta da intuição (CEPA) que estava em campanha para o aperfeiçoamento da pesquisa e do contingente de nível superior. O curso foi estruturado para aulas teóricas e práticas de maneira intensiva a 15 graduados de onze estados brasileiros.

O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, esboçado durante o curso ministrado pelos profs. Evans e Meggers foi implantado em 1965 e passou a ser desenvolvido nos estados de origem de seus participantes. Sob a coordenação científica do casal e técnica de um dos alunos pertencente a uma instituição vinculada ao CNPq, todos tiveram autonomia no planejamento e execução dos trabalhos. (id., Ibidem;p 23)

De fato o seminário funcionou como um curso de formação intensiva: leituras sobre teoria arqueológica e a pré-história do Novo Mundo, classificação cerâmica, análise quantitativa e seriação, descrição de tipos cerâmicos e outros métodos laboratoriais, discussão acerca dos problemas da arqueologia Brasileira,

planejamento de trabalhos de campo e interpretação de dados, suporte de pesquisa e oportunidades em sua instituição. (MEGGERS, 2006:34)

O que fica evidente é que ao longo dessas reverberações, a história dessas arqueólogas mistura-se a história daqueles que um dia foram alunos, e hoje são renomados arqueólogos. Depara-se com a idéia de uma construção cujos diferentes contextos históricos, mesmo levando-nos a lugares diversos e a regras múltiplas, produzem uma mesma linha de proposições que podem esclarecer a persistência de determinadas idéias na Arqueologia Brasileira.

Ora, a memória individual, fenômeno íntimo, quando projetado qual fenômeno coletivo e individual acaba marcando pontos relativamente invariantes ou imutáveis.

Se destacarmos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Todos que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, (...) em que os entrevistados voltam várias vezes aos acontecimentos, há nessas voltas determinados períodos de vida, ou certos fatos, algo de invariante. (POLLAK: 1992; 2)

É assim que quando indagado sobre a existência ou não de Escolas arqueológicas, Chmyz reconhece tanto em Meggers, quanto em Emperaire escolas arqueológicas no sentido de que as mesmas eram frutos da formação de seus países de origem e como tal passaram sua formação teórica e metodológica adiante⁵. O espírito das escolas para o arqueólogo em Meggers e Emperaire estava ao repassar princípios formativos através de uma bagagem previamente adquirida. Elas foram professoras da prática arqueológica para uma classe incipiente em relação ao ofício.

O arqueólogo Prous (1992), ao analisar a história da pesquisa e da bibliografia arqueológica no Brasil, reconhece que o período formativo de pesquisadores especializados tem seus ditames ligados a um movimento de instituições oficiais que ao procurar criar centros universitários de pesquisa

⁵ Chmyz em comunicação pessoal, no dia 02 de junho de 2011, através de entrevista.

arqueológica contaram com a colaboração de profissionais estrangeiros. Assim o mesmo destaca;

Quase todos os arqueólogos que assumem postos de responsabilidade no Brasil devem sua formação, e por vezes sua vocação, aos Emperaire, aos Evans ou a Hurt, pesquisadores cujas qualidades humanas e científicas tornaram-nos tanto amigos quanto mestres dos que trabalharam com eles. (PROUS; 1992: 14)

Prous foi orientado em sua tese de doutorado por Annette Laming-Emperaire com o tema sobre os sambaquis do litoral brasileiro.

Quando acabei o mestrado na universidade de Poitiers, estava procurando um orientador para fazer uma tese de arqueologia americana. naquele momento, era a orientadora disponível, na Ecole Pratique Des Hautes Etudes.⁶

Sinteticamente, Prous destaca que na história da pesquisa arqueológica no Brasil a atuação do casal Emperaire e as missões estrangeiras foram importantes no período formativo de pesquisadores especializados e na proteção dos sítios arqueológicos.

Entre esses importa mencionar o geógrafo José Emperaire e sua esposa A. Laming. Convidados por Paulo Duarte, escavaram sambaquis do Paraná e de São Paulo (1954-1956), proporcionando as primeiras datações radio-carbônicas no Brasil. Trabalharam também em sítios do interior do Paraná e originaram as primeiras tentativas de analisarem microfósseis de sedimentos arqueológicos. Foram depois trabalhar no Chile, onde José Emperaire morreu acidentalmente. Tendo revolucionado os estudos sobre arte rupestre no Velho Mundo, através de sua tese, A. Laming-Emperaire voltou ao Paraná onde lecionou vários anos, dirigindo estágios de escavação de treinamento. Em 1966, orientou um seminário sobre indústria lítica, o qual fica como referência para o assunto entre arqueólogos brasileiros. Após ter de novo pesquisado em outros países, voltou ao Brasil somente em 1971. (PROUS, 1979/80: 19)

Prous, trabalhou em Lagoa Santa dentro da Missão Francesa dirigido por Annette Laming-Emperaire. Ele relata que na chegada dela no Brasil foi nos anos 50, quando acompanhou o marido, José Emperaire, em suas escavações em

⁶ Comunicação pessoal do professor André Prous, em 11 de Maio de 2012, recebida por correio eletrônico

sambaquis (nos estados do Paraná e de São Paulo). Na segunda vinda ao Brasil (nos anos 60) continuou este trabalho, ao mesmo tempo em que começou a se interessar a desenvolver uma metodologia de análise do instrumental lítico sul-americano. Num terceiro período, se deu a pesquisa em Lagoa Santa.⁷

A pesquisa tratava-se de verificar a antiguidade da presença humana (dando continuidade à pesquisa que já tinha realizada no Chile meridional com o marido). Casualmente, o descobrimento de pinturas enterradas no sítio de Lapa Vermelha IV e vendo a quantidade de registro rupestre na região, renovou seu interesse por este tema.

Vem trabalhando desde 1971 na região de lagoa santa uma missão arqueológica franco-brasileira. Esta zona é celebre desde o século XIX por achados paleontológicos e arqueológicos. Já em 1840, W. P. Lund pensava que vestígios humanos por ele encontrados nesta região podiam ser associados à fauna extinta quaternária. (PROUS, 1977: 51)ⁱ

Sobre as 'Escolas arqueológicas' Prous é radicalmente contra aquilo que ele chama de "enquadramento" dos pensamentos de pesquisadores. Até por que essa inexistente, 'Escola francesa', estaria mais para a associação de uma arqueologia pré-histórica europeia que nasce numa perspectiva de história natural, e se desenvolve utilizando os métodos da geologia e da paleontologia.

Isso numa diferenciação a uma pretensa 'Escola Americana', ou melhor, da arqueologia pré-histórica americana que nasce como uma antropologia do passado. Desta forma, tanto perspectivas como abordagens, métodos de campo e forma de interpretação eram distintos, levando a práticas diferenciadas.⁸

Esta mania de "enquadrar" o pensamento dos pesquisadores num quadro restrito é absolutamente tola; convém quando se fala de técnicos que apenas aplicam receitas, e não quando se

⁷ Comunicação pessoal do professor André Prous, em 11 de Maio de 2012, recebida por correio eletrônico

⁸ Comunicação pessoal do professor André Prous, em 11 de Maio de 2012, recebida por correio eletrônico

trata de pesquisadores com um pensamento minimamente rico e, portanto, complexo.⁹

No entanto, o pesquisador assinala que tais parâmetros podem ter sido associados no momento em que se tem uma fase caracterizada principalmente por prospecções extensivas e sondagens rápidas destinadas a esboçar o quadro cronológico geral. Isso tudo num momento em que algumas equipes começam a se interessar, pelos métodos de escavações mais complexos que necessitam uma familiarização maior com os sedimentos e um maior intercâmbio com especialistas em diversas disciplinas. (PROUS, 1978)

Tal evolução deve muito ao exemplo de José Emperaire e logo depois, de sua esposa Annette Laming-Emperaire, que em 1973 usou a Lapa Vermelha como uma verdadeira escola de escavação.

(...) foi ela que iniciou a experiência de colaboração entre os arqueólogos e geomorfólogos na região de lagoa santa e incitou vários arqueólogos brasileiros a montar grupos pluridisciplinares. (PROUS, 1978: 20-21)ⁱⁱ

Muito se discutia por tentar opor as duas técnicas de prospecção usadas durante o período formativo de pesquisadores: a prospecção sistemática e pequenas sondagens por um lado, e as escavações de grandes superfícies por outro.

Estas divergências levaram alguns autores a oporem duas “filosofias” de trabalho; na verdade, as duas são complementares e a divisão encontrada no Brasil, como no restante da America Latina, entre a “Escola Ford”, propagada por Evans e outras escolas é uma das pragas que atrasam o desenvolvimento harmonioso da arqueologia nacional. (PROUS, 1979-80; 21)

Na verdade ambas se completam. (...) não existe regra absoluta: o arqueólogo pode ter suas preferências, o sedimento é que deve impor solução. (id., *Ibidem*)

A respeito contamos também com o exemplo da Lapa Vermelha, para ilustrar outra polemica entre “escolas arqueológicas” existentes

⁹ Comunicação pessoal do professor André Prous, em 11 de Maio de 2012, recebida por correio eletrônico

no Brasil; trata-se da oposição entre os que pretendem usar em regiões tropicais exclusivamente o método de escavação por níveis arbitrários (estratigrafia artificial), que correspondem grosso modo aos arqueólogos que se especializaram em prospecções, e os que só acham válida a escavação por níveis naturais. (Prous, *Ibidem*, 18-19)

Porém assiná-la que a geração de Annette Laming-Emperaire, aquela que se seguiu a segunda guerra mundial, foi muito influenciada pelo exemplo das escavações que poderíamos dizer “paleo-etnográficas”, cujo auge foi exemplificado nas escavações de Leroi-Gourhan em Arcy-sur-Cure (e , finalmente, em Pincevent); o próprio Leroi-Gourhan se inspirou no exemplo dos pesquisadores paleolíticos russos e ucranianos.

É obvio, no entanto, que o ambiente estruturalista foi muito importante para toda a geração francesa do pós-guerra e se expressa, principalmente, em sua tese sobre arte rupestre paleolítico; de qualquer forma, não foi em si muito relevante para atuação específica de A. Emperaire no Brasil.¹⁰

Segundo o pesquisador, Annette Laming-Emperaire, na posição de professora, era antes de tudo, aberta. Muito clara e sistemática na organização do pensamento e dos conhecimentos. Numa discussão, sabia escutar; levava em conta a opinião de todos, mesmo de estudantes, como se fossem pesquisadores maduros. Mesmo assim ele assiná-la as dificuldades de se fazer pesquisa num Brasil em que Arqueologia era embrionária.

A situação para ela, em Lagoa Santa, ficou muito complicada a partir de 1973, quando ela dirigia tinha uma equipe enorme (o SPHAN pediu para ela aceitar muita gente de vários estados, muitos deles sem nenhuma formação), com até 7 ou 8 nacionalidades diferentes; e com pessoas já tarimbadas e com nome (por exemplo, o Pe Rohr) junto com estudantes, ou responsáveis por políticas patrimoniais no Mato Grosso que eram mais para aventureiros que para arqueólogos... E ela, voltando de muitos anos pesquisando em países de língua espanhola, tinha dificuldades de comunicação em português. Foi um peso muito grande para ela assumir a coordenação científica, ter que cuidar da infra-estrutura, da verba

¹⁰ Comunicação pessoal do professor André Prous, em 11 de Maio de 2012, recebida por correio eletrônico

(modesta) e dos problemas de relacionamento entre os participantes.
¹¹

O arqueólogo reconhece em Emperaire um esforço metodológico ao longo de todo seu trabalho motivado sem dúvida pelos avanços da Arqueologia Brasileira, ela conseguiu deixar um legado.

Nos últimos dez anos, houve um interesse renovado pela arte rupestre, com a realização nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e no Piauí, de levantamentos sistemáticos. Em 1970, um artigo de D. Aytai oferecia, já, uma interpretação estruturalista que apresenta uma nítida convergência de pensamento com as teorias de A. Laming-Emperaire e A. Leroi-gourhan. Os trabalhos mais complexos nesta área são provavelmente os da Missão Franco-Brasileira, a partir de 1973. Um grupo do “Centre Natcional de La Recherche Scientifique”, Frances, orientado por A. Laming-Emperaire, trabalhou em Minas Gerais em convenio com o Museu Nacional e a Universidade Federal de Minas Gerais, e no Piauí em convenio com o Museu Paulista e a Universidade do Piauí. Estas Missões deviam proporcionar as primeiras datações para obras rupestres e sua inserção no contexto cultural pré-histórico. A. Laming-Emperaire faleceu acidentalmente em Curitiba em 1977, mas seu trabalho, apesar de inacabado, permitiu cristalizar os esforços isolados, numa tentativa de unificação metodológica. Suas escavações em Minas Gerais também demonstraram a grande antiguidade da presença do Homem no Brasil, enquanto estudos pioneiros sobre o paleo-ambiente de Lagoa Santa foram iniciados. Vários estudantes e pesquisadores brasileiros estagiaram na escavação principal de Lapa Vermelha em 1973-1974, abrindo-se novas perspectivas em relação às técnicas de escavações. (PROUS, 1979-80: 22)

A outra voz dessas perspectivas e que pode e muito ajudar a salientar a perspectiva teórica e metodológica dessas mulheres é Pedro Ignácio Schmitz.

Num panorama rápido sobre a Arqueologia no Brasil, Pedro Ignácio Schmitz, salienta que ao longo de quarenta anos escassos de vida, a disciplina percorreu etapas que podem ser consideradas costumeiras em busca de maturidade pessoal e institucional, científica e emocional. Durante essas quatro décadas ele enfatiza a importância do período que considera pioneiro na arqueologia entre 1960-1980.

¹¹ Comunicação pessoal do professor André Prous, em 11 de Maio de 2012, recebida por correio eletrônico

É durante esse período que ele destaca a importância do casal, Emperaire no estudo dos sambaquis do Paraná e em São Paulo, bem como dos abrigos rochosos em Minas gerais, e do casal Evans, como pais fundadores na pesquisa dos ceramistas. Para Schmitz, Annette, especialista em arte rupestre, foi responsável por trazer a metodologia francesa, no exercício de documentação e análise. Já, Meggers, foi precursora na execução de projetos importantes (PRONAPA e PRONAPABA). (SCHMITZ, 2009)

O casal Francês trouxe elementos teóricos e metodológicos em uso na França; o casal americano implantou uma das escolas dos Estados Unidos. Ambos os casais tiveram numerosos 'filhos', dos quais muitos se reconhecem ligados tanto a um par como a outro. (SCHMITZ, 2003: 263)

Schmitz teve a oportunidade de aprender com essas duas pesquisadoras que segundo ele, estão nas raízes de sua formação. Em 1962, durante um mês junto a outros universitários brasileiros, participou dos trabalhos de Annette Laming-Emperaire no sambaqui do Toral 51, na baía do Paranaguá, e depois em 1963, no sambaqui da Ilha do Rosas, na baía de Antonina. E a partir de 1965, embora não ligado ao PRONAPA manteve contato regular com Betty Jane Meggers, que mais tarde proporcionou dois curtos estágios na Smithsonian Institution em Washington. (SCHMITZ, 2009; 62.)

Apesar da 'maternidade', Schmitz, acredita que a alcunha de 'Escolas Teóricas' precisa de melhor compreensão já que o termo é inapropriado, posto que não há a existência dessas numa perspectiva teórica e sim discursiva. Isso evidencia que em determinado momento é preciso compreender o caráter formativo de ambas que é muito mais complexo. A formação arqueológica européia, por exemplo, estaria ligada as ciências da natureza, a uma história natural. Enquanto que a formação arqueológica acadêmica americana seria holística e em geral voltada para a evolução do homem.

A Betty não representa a Escola americana, ela representa um dos aspectos num determinado momento, nem a Annette representa a Escola francesa.¹²

Na falta de um curso de graduação e de um programa pós-graduado, a formação arqueológica desses pioneiros brasileiros era construída penosamente juntando fragmentos variados por meio de estágios, cursos em disciplinas afins, participação em programas orientados do exterior, leituras e experimentação. (SCHMITZ, 2003)

Daí não se pode negar a 'maternidade' dessas duas pioneiras. Pois mediante a incipiente formação quem buscou uma especialização foi ao exterior e teve como opções preferidas e facilitadas a França e os Estados Unidos. Reforçam-se as tendências das 'mães' fundadoras.

Durante esses primeiros vinte anos, muitos professores, ligadas a instituições públicas e privadas, dedicaram-se a atividades do campo da arqueologia, utilizando o modelo americano ou diversificados modelos franceses. (SCHMITZ, 2003; 264)

Schmitz atenta que em relação às duas mães e sua metodologia de trabalho é importante entender que são objetivos, e tempos diferentes. Objetivos, porque os europeus querem saber com detalhes como foi a ocupação do lugar. A escavação é minuciosa, procurando saber exatamente onde estava cada lasca.. São projetos de longa duração. É sempre um projeto abrangente, em que eles querem abranger o mesmo fenômeno no mundo inteiro. Então eles formam gente, pra ir trabalhando, com esse método para alcançar no fim algum tipo de resultado depois de 200 anos. Como, por exemplo, o projeto Paranapanema. Já a formação da arqueologia americana esta preocupada com evolução do homem, tem pressa, por isso opta muitas vezes pelo trabalho sintético.¹³

A Annette vem com um objetivo de saber a dos caçadores coletores. A Betty Meggers é outra coisa; Como se dá a colonização tupi-guarani por isso tem o projeto PRONAPA. Previsto pra três anos e durou cinco. O que o PRONAPA não produziu os outros projetos não produzem, mas era rápido... A Betty não podia ficar escavando 20

¹² Comunicação pessoal concedida por Pedro Ignácio Schmitz, em 21 de Junho de 2012.

¹³ Comunicação pessoal concedida por Pedro Ignácio Schmitz, em 21 de Junho de 2012.

anos um sítio. Então o que ela vai fazer? Pequenas amostragens em que de imediato você percebe seqüências e se você jogar as seqüências num quadro você tem distribuição, e era o que ela queria a história e a distribuição... como esses grupos se espalharam pelo Brasil... ¹⁴

Nesse ínterim a pré-história no Brasil era pouco conhecida. O território estava praticamente virgem havendo a necessidade de pesquisa antes que esses sítios, principalmente os litorâneos, fossem destruídos. Foi o momento que a arqueologia foi fomentada, ela recebe incentivos dos principais órgãos de pesquisa na época (IPHAN, Conselho Nacional de pesquisas, Finep). As verbas e bolsas de estudo vieram mesmo para aqueles que não tinham formação em nível de graduação. (SCHMITZ, 2003; 264)

O resultado foi que, nesse período, grande parte do território foi devassado, milhares de sítios foram visitados no litoral, no planalto e na Amazônia. Surgiram os conhecimentos básicos dos grupos ceramistas, dos caçadores-coletores do interior e do litoral, inúmeros sítios com arte rupestre foram documentados e um primeiro mosaico das culturas pré-coloniais começou a se delinear, mostrando as características básicas e a distribuição no tempo e no espaço. (SCHMITZ, 2003; 264)

Em suma se tivesse que se destacar uma das palavras de Schmitz, ao classificar a arqueologia, sem dúvida tende-se a dar um destaque especial ao “Nós estamos na adolescência”. Isso porque segundo o arqueólogo a arqueologia tem muitos ingredientes, das duas bases, das duas mães, das duas professoras, Betty Meggers, Annette Laming Emperaire, mas ainda teima em reconhecê-las. Vai levar um tempo até que a arqueologia possa ter um entendimento em relação a essa memória. Esse salto pode ser alcançado no real e não superficial reconhecimento das vertentes e escolas teóricas, sem agressividade. Afinal elas foram responsáveis pelo pontapé inicial da Arqueologia Brasileira e vivenciaram a dificuldade de uma arqueologia ainda na infância. ¹⁵

¹⁴ Comunicação pessoal concedida por Pedro Ignácio Schmitz, em 21 de Junho de 2012

¹⁵ Comunicação pessoal concedida por Pedro Ignácio Schmitz, em 21 de Junho de 2012

A maior parte das atividades dos arqueólogos era voluntária e não era remunerada. A rede que unia os grupos de pesquisadores era tênue e limitada, com pouca estrutura institucional e um mínimo de bibliografia especializada.

(...) Não se insistia, ainda, em grandes discussões teóricas e metodológicas, mas se apresentavam resultados concretos e esboços iniciais de organização dessas informações. A arqueologia processual ia chegando, atrasada, mas ainda não atingia muitas pessoas. (SCHMITZ, 2003; 265)

3.3 “LUPUS IN FABULA”

Nesses traços distintivos entre uma geração e outra algumas considerações merecem ser feitas. A primeira ponderação a ser feita é entender que não se trouxe esses leitores ao acaso; em todas as histórias há sempre um leitor e estes são basilares no processo de se contar uma determinada história, e também para a própria história.

A segunda é ressaltar a existência de um acontecimento fundador, aquele considerado como a abertura de uma nova era, ou como um acontecimento datado como um marco zero na Arqueologia Brasileira; o estabelecimento de uma Arqueologia acadêmica.

Nesse repertório de referências se distinguem duas direções: o primeiro, a de um presente falando sobre um passado, e o segundo, de um passado que fala sobre um presente, em sua experiência (os contemporâneos que vivenciaram esse passado). A visão dessas Escolas faz parte desses acontecimentos, ora percorrendo numa, ou noutra direção.

O olhar observador percorre ambos os sentidos a fim de poder ao menos mensurar ou tentar fazer uma correspondência com o ouvido no presente. As memórias, portanto estão numa permanente interação entre o vivido, o apreendido e o transmitido. Já disse Pollak, não existe memória intacta quando pública. O não-dito dentro de sua transmissão passa a ser contestado e reivindicado;

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes (...). (POLLAK, 1989: 9)

Essa referência ao passado serve não só de identificação ou associações e coesões entre grupos, definindo um lugar-comum, como também oposições irreduzíveis entre grupos diferentes. A memória sem dúvida pode ser interpretada e combinada a um sem número de referências trabalhadas incessantemente em função dos combates do presente e do futuro. (id., *Ibidem*: p 10)

No reconhecimento de “memórias” e seu caráter potencialmente problemático a perspectiva ora como tempo presente, tempo vivido, ora como tempo passado, o tempo contado, nos traz a perspectiva do “agora” de gerações diferenciadas. A memória dessas arqueólogas e seu papel na Arqueologia Brasileira estariam sob disputa. Esta disputa pode ser projetada dentro da mediação proposta pela prática histórica e natural de uma seqüência de gerações: os predecessores e os sucessores.

Sobre esta sucessão nos fala Ricoeur, ela só entraria numa trama narrativa dentro de sua seqüência, tomando o campo histórico, mas, sobretudo resguardando a relação entre os indivíduos e sua dimensão temporal. A substituição das gerações subtende-se que faz parte do próprio processo de continuidade histórica, dentro da dicotomia; tradição e inovação. (RICOEUR, 1997; 188)

Nessa dinâmica pertencem a uma mesma geração aqueles que foram expostos as mesmas influências, marcados pelos mesmos acontecimentos e pelas mesmas mudanças. Sendo assim uma mesma geração compartilharia de uma orientação comum. (RICOEUR, 1997; 188)

Essa noção não é o verdadeiro objeto de interesse da tese, mas o que esta se tentando entender é se há um encadeamento de pensamento que levaria a entender a motivação nas e pelas quais as arqueólogas são reconhecidas como Escolas teóricas.

Ricoeur chama atenção para o encadeamento sucessivo dessa dinâmica; há sempre os que chegam, e os que partem e então, se tem o confronto entre herança e inovação na transmissão da bagagem cultural. (RICOEUR, 1997; 190)

“Ora, a ampliação progressiva da esfera das relações interpessoais diretas para as relações anônimas toca todas as relações temporais entre passado, presente e futuro. Com efeito, a relação direta do eu ao tu e, ao nós é desde o começo estruturada: somos orientados, como agentes e pacientes da ação, para o passado rememorado, para o presente vivido e para o futuro antecipado da conduta do outro.” (RICOEUR, 1997: 191)

Nesse conflito de gerações é preciso prudência para se poder olhar com especial aplicação a duas conseqüências dessa dinâmica. A primeira diz respeito ao lugar, cuja significação é ambígua, daqueles que “morrem” na escrita da história; em que se misturam a referência à intimidade da mortalidade, e a referência ao caráter público da substituição dos mortos pelos vivos. (RICOEUR, 1997; 194)

Nesse sentido a substituição das gerações significaria que quando os vivos tomam lugar dos mortos passam a serem os sobreviventes. Assim a idéia de geração seria a metáfora para uma história da história dos mortais. Os papéis jamais seriam deixados sem herdeiros, mas atribuídos a novos atores. Por isso a morte não pode ser eliminada já que a história não pode perder sua qualidade histórica. (RICOEUR, 1997; 194)

A segunda conseqüência diz respeito à vertente simbólica; os antepassados e sucessores, portadores de um simbolismo opaco deixam seu *rastro* através da história. De forma a gerar uma dinâmica aonde aqueles que ainda não são tão conhecidos viriam a ocupar o lugar de Outros, já conhecidos, mas não reconhecidos por aqueles que os sucedem. Enquanto sucessores são testemunhas, reconhecendo seu passado, porém a representação desses antepassados, mesmo ausentes do continuum histórico, vive assombrando o presente histórico. (RICOEUR, 1997; 195)

As gerações posteriores aos trabalhos de Meggers e Emperaire dividem-se a partir de duas visões; existe uma vertente que as reconhecendo consoante a um postulado, as trata como correntes paradigmáticas na Arqueologia Brasileira; já que,

a outra dá ênfase à importância que as mesmas tiveram na implantação da arqueologia no Brasil e no seu caráter metodológico (os métodos que ainda são utilizados).

Mas uma visão comum mesmo que simbólica é a de que essas mulheres apesar de sua importância, merecida ou não por alguns, transformaram-se em marcos da Arqueologia Brasileira, no qual teve seu início acadêmico preliminar nos trabalhos dessas arqueólogas.

No entanto, resguardadas as diferenças, ao mesmo tempo em que, a historiografia as coloca como cerne e marco, também afasta-se das arqueólogas, as tratando como algo paradigmático e ultrapassado. Uma das perspectivas solidificadas na Arqueologia brasileira é de que arqueólogas fazem parte de um passado cujo contexto teve como palco a implantação da arqueologia como disciplina acadêmica aos moldes de algo implantado dentro de um processo de confrontos políticos onde não se resguardaram as especificidades da cultura material brasileira.

A constituição da arqueologia teria sido um processo cujos moldes estariam ligados a uma metodologia que se construiu ainda sob a vertente de “algo que é de fora e se implantou dentro”. Não é de se estranhar que esse arcabouço teórico fosse rapidamente identificado com as bandeiras dos países de origem das duas, ou de formação e poderíamos até dizer de representação das duas¹⁶.

Ora, conforme preocupação identitária a geração mais recente tratou de empunhar a bandeira contra a retórica da recolonização. Transformando em mito, ou polêmica, ou “que quer que seja”, mas chamando atenção para a arqueologia que as duas fizeram. E dentro dessa intersubjetividade surge o conflito de gerações numa luta pelo reconhecimento de uma identidade nacional para nossa cultura material. Reconhecendo esse referencial teórico como paradigma que se quer ou se almeja afastar.

Numa atitude ambígua, ora o reconhecendo, porém negando-o. Mas sem dúvida marcando o trabalho das duas dentro de uma alusão que as sistematiza

¹⁶ É interessante, pois Annette Laming Emperaire não é francesa. É sim Russa, mas são poucos os que lembram tal.

como Escolas ou centros difusores de ensino. Como marco conceitual e teórico as contribuições dessas duas arqueólogas se resultam indispensáveis para todos aqueles que pretendem analisar e compreender os ditames da Arqueologia brasileira mesmo que isso gere diferentes ações.

Isso se percebe na negociação dos conflitos, no diagnóstico de uma geração que vivenciou o trabalho das mesmas. O testemunho histórico dessa geração os conecta como os *jovens da época* que interagiram com esse aporte teórico.

Na negociação de uma memória em que ao mesmo tempo se confronta o construtor e aquele que recebe por herança entra a geração que participou ativamente do trabalho das arqueólogas. Essas discussões englobam dinâmicas implícitas de um mover-se em busca do original, porém conciliando uma herança de fora. Isso por que ao incluir essas narrativas, as fontes participaram ativamente dos trabalhos das arqueólogas num cotidiano que muitas vezes os colocava como aprendizes desse professorado.

Nesses relatos é possível captar uma memória viva e latente de um cotidiano de problemáticas e venturas de um tempo onde o importante era apreender o “labor” arqueológico. Legitimadas pelas posturas e nuances desse “professorado”, como também pelas expectativas desses discentes que aos poucos articulam em torno da mesma uma dialética de ensino-aprendizado.

As escolas necessariamente não se apresentaram como “escolas” no sentido lato da palavra. Mas aos poucos elas foram se apresentando ou se representando ao longo dos sentidos, das fermentações e das perspectivas de implantação de uma Arqueologia Brasileira.

Conforme nos diz Chartier, o conceito de representação pode ser visto em duas acepções: *“é algo que dá a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e o que é representado, e, como exibição de uma presença ou apresentação pública de algo ou alguém”*. (Chartier, 1992 : p 17).

Os desdobramentos dos embates diários tornam a leitura dessa geração como àquela que observou de perto a rotina de trabalho das duas arqueólogas. O que nos leva a refletir que essas vozes não só são produtores, mas testemunhas de uma versão historiográfica.

Afinal como esses relatos, tanto de uma primeira geração, ou como a de uma geração recente, contribuem na construção da idéia de “Escolas teóricas” em torno do pensar acerca ou sobre o trabalho das arqueólogas Betty Jane Meggers e Annette Laming Emperaire? O que é o ato de narrar histórias de vida?

“Narrar é a tradução do conhecimento objetivo e subjetivo do mundo, o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, os valores, as crenças, as identidades e representações em relatos”.
(MOTTA, 2007: p 23)

Através da narração nos tornamos aptos a arranjar um mundo de coisas, trabalharmos as ordens e as perspectivas e compreendemos esse mundo. Narrar é acima de tudo uma ação do presente com embates constantes com as ações do passado.

A narrativa nos coloca diante das ações históricas e nos ajuda a exercitar nossa memória. Quem organiza essa narração é o autor da narrativa e como tal solicita determinadas interpretações de seus leitores. Assim nenhum texto em si é ingênuo, ela nos evoca a determinados processos e construções de memórias num processo pari-passo. O leitor recebe e reestrutura esses elementos paulatinamente.

Assim lançamos mão de alguns dos leitores que possivelmente vimos como fontes cuja interpretação pudesse desenvolver alguma idéia ou associação das mesmas com a alcunha de “escolas”. É claro que essas interpretações são circunstânciadas dentro de determinados cenários, mas que nem por isso perdem sua credibilidade.

Mas nas duas é perceptível, a naturalização da idéia de uma função teórico-metodológica, associado à imagem das duas arqueólogas e justificadas pelo teor de seu trabalho e pioneirismo. A recepção e a produção dessas idéias atuam como instrumentos discursivos que corroboram com essa imagem. Porém tenhamos claro que há efetivamente uma lacuna entre “o que se diz” e “o que se tem”.

Rompemos uma primeira vez com essa colocação do problema pondo em questão o conceito de “realidade” aplicado ao passado. Dizer que determinado acontecimento relatado pelo historiador pôde ser observado por testemunhas do passado não resolve nada: o enigma da passadidade é simplesmente transferido do acontecimento relatado à testemunha que o relata. O ter-sido é problemático, na medida exata em que não é observável, quer se

trate do ter-sido do acontecimento, quer se trate do ter-sido do testemunho. A passadidade de uma observação no passado não é ela própria observável, mas memorável. (RICOEUR, 1997: 274)

Se sublinharmos o caráter formativo dessas duas arqueólogas, logo teremos que re-considerar essa alcunha de “Escolas teóricas”. A ‘Escola Americana’ na qual pertence Betty Jane Meggers poderia de fato estar estruturada a um pertencimento ou uma ordem de reconhecimento em que a arqueologia atrelada à antropologia, que busca no físico uma explicação para a Evolução do Homem, enquanto animal racional. Já a ‘Escola Francesa’ poderia ser reconhecida a um caráter distintivo da ligação que os arqueólogos mantêm com História Natural.

As Escolas também podem ser vistas de acordo com a formação distintiva das duas arqueólogas, ou seja, sublinhando as características de um sistema europeu e americano concluiremos que na alcunha ‘Escolas’ há uma falha de entendimento.

Relembrando nossa posição às ‘Escolas’ a qual podemos entender como tal só possuem uma existência apenas na sua vertente discursiva. Nessa ordem de reconhecimento as histórias de vida (mesmo as que não são tomadas como vivências) fazem parte de uma narrativa que se enredam umas nas outras. Aquilo que se toma como Evento passa a fazer parte da própria narrativa daquele sujeito que constrói essa história.

Para essa noção de capacidade, ora como referente, ora como referido pode estar atrelada a noção de identidade pessoal ou coletiva.

A forma mais direta de fazer surgir esse laço é tratar as diferentes asserções respeitantes à identidade pessoal ou coletiva como outras tantas respostas a uma série de questões que implicam o pronome relativo quem? Quem é aquele que fala? Quem realizou esta ou aquela ação? Esta narrativa é a história de quem? Quem é responsável a este dano ou este mal feito a outro? (RICOEUR, 1999 ; p 26)

A solução para resolver o enigma, segundo Ricoeur, é sempre termos como noção a “representância” ou o que ele chama de “lugar-tenência”, à medida que as construções da história tem ambição de serem reconstruções que respondem a uma demanda. Nos entremeios existe uma relação de dívida, que se coloca entre os homens do presente perante os homens do passado, os mortos; a tarefa de restituir

aos homens do passado o que lhes é devido. A estrutura fundamental da dialética de representância confirmaria, ora a representância, ora a redução, ora o reconhecimento da alteridade e ainda uma apreensão analogizante. (RICOEUR,1997: 274)

De qualquer maneira a “realidade ou a irrealidade” vem de encontro com as projeções que cercam as mediações das nossas leituras. E assim fazem parte da noção de “mundo texto” que tentamos averiguar. Sem dúvida essa é uma pequena parte daquilo que é, ou não, a representação do que foram as Escolas. Porém é a parte da leitura no qual identificamos o “outro” também e ao mesmo tempo como construtor e constituinte desse mundo que são as Escolas.

Nesses ajustamentos se configura o percurso de configuração dessas Escolas, por parte a historiografia arqueológica. Julgando como verdadeiro ou não, o fato é que a proposição existe; mesmo se a tratar como o que é, ou o que não é...

Mas ao decompor os acontecimentos na prerrogativa de ter o outro falando, se tem caracterizado um dos termos, ou elementos estruturais de se perceber as Escolas numa análise que leve a considerar um discurso numa perspectiva eventualista.

A responsabilidade define-se no momento que concebe-se determinadas obrigações quando se faz uso das palavras. Ora, observando o *lugar* de *onde* se referêcia determinadas atribuições, ora no domínio *conceitual* que se deve ter ao atribuir determinadas concepções.

Caminhamos, hoje, em direção à pesquisa de uma razão aberta, e não mais de uma razão fechada nos princípios da lógica clássica. É preciso tentar penetrar nesse universo novo. O problema que se coloca atualmente não é substituir a certeza pela incerteza, a separação pela inseparabilidade ou a lógica clássica por não sei o que... trata-se de saber como vamos fazer para dialogar entre certeza e incerteza, separação e inseparabilidade etc. (Morin, 2006: p 27)”

4 DE UM MUNDO PARTILHADO; DAS ESCOLAS COMO REPRODUÇÃO DE UM DISCURSO! QUE MUNDO É ESSE!?

Acompanhando as hipóteses e suas respectivas explicações sobre as Escolas Arqueológicas é preciso entender que se chega a um ponto interessante da tese: a ligação das mesmas com tradições arqueológicas que lhes imprimem singularidade. Por certo se torna importante distingui-las.

Quando se fala de tradições em Arqueologia é comum associarmos o termo a noção arqueológica que alguns autores utilizam ao sistematizar a cultura material. Segundo Prous, baseando-se nas definições propostas na “Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica”, obra que ele cita como referência no assunto, tradição é o termo dado ao grupo de elementos ou técnicas, com persistência temporal. (PROUS, 1992: 111)

Não cabe aqui uma definição mais acurada do termo, nem um aprofundamento na matéria. O importante é distinguir o termo “tradição arqueológica”. A tradição deve ser entendida, como o legado ou herança metodológica, identificado no trabalho das arqueólogas e utilizado por aqueles que as tiveram como professoras.

Para começar, é preciso entender que essas tradições estão associadas com a prática arqueológica que definiram e delinearão o trabalho das arqueólogas em questão, mas que em certo sentido ainda estão ocorrendo. As tradições, nessa acepção ainda estão em voga na prática de determinados arqueólogos.

É preciso pensar e analisar o aparato conceitual criado ou utilizado por essas arqueólogas que vem sendo identificado como a metodologia e métodos das Escolas Arqueológicas. Certos conceitos, por exemplo, foram não só incorporados ao trabalho dessas mulheres, que modificados ou não, serão identificadores de suas assinaturas na cultura material brasileira.

Na perspectiva de cintilar a compreensão sobre a tese neste momento pretende-se dar conta de alguns “elementos explicativos”, que podem ser levados em consideração num contexto quando se fala de “Escolas Arqueológicas”. Isso levando em consideração que o exame de algumas práticas arqueológicas foram ou

são, vistas como representações dessas Escolas. Essas representações são reproduzidas ao longo da disciplina (tanto na teoria como na prática) e são constantemente associadas ao trabalho dessas duas pesquisadoras criando narrativas que fortalecem a idéia de Escola em torno das duas.

Ao reconhecer a importância dessas representações associadas ao trabalho das arqueólogas, para a sociedade arqueológica, pode-se ter um quadro dos principais conceitos que poderiam dar conta do processo de estruturação pelo qual se reconhecem as Escolas, ou se facultar as arqueólogas qual Escolas.

Esses mecanismos e postulados simplesmente interagem com a história particular, as tradições que cada pesquisadora carrega a partir de sua origem, e com os mecanismos e até adaptações que as mesmas aplicaram em seus trabalhos.

A seguir, descreve-se o percurso dessas duas representações de teoria e metodologia arqueológicas brasileira, tão importantes no entendimento da institucionalização da Arqueologia enquanto disciplina acadêmica no Brasil, como também para o entendimento de como se dá a associação dessas mulheres com a idéia de Escolas.

Os estudos sobre a teoria e metodologia utilizados por Betty J. Meggers e Annete Laming-Emperaire mostram ainda como se deu a institucionalização da Arqueologia Brasileira enquanto disciplina aos moldes acadêmicos.

O objetivo do capítulo é analisar não só como a Arqueologia Brasileira passou a entender ou associar o trabalho das duas pesquisadoras como Escolas, através do exame da arqueologia praticada pelas mesmas, bem como suas articulações e associações, e por tabela entender a sedimentação da Arqueologia como disciplina científica e revestida de identidade acadêmica.

Trata-se de duas figuras que caminham para dois modos diferentes de lidar com a Arqueologia. Ora, no sentido concreto do termo é a filiação de duas pesquisadoras que trazem e adaptam a arqueologia nacional, duas linhas de interpretação diferentes.

As iniciativas giram em torno de algumas questões. O que é ser um professor? Como ser um bom professor? Já que sem dúvida ao se tratar de duas trajetórias diferentes se entende duas pedagogias diferentes... As arqueólogas eram ditadas por problemas concretos a espera de solução. O que por sua vez parecia ser

promissor para suas carreiras, já que se tinha um vasto campo de pesquisa, e até então o mesmo havia sido pouco explorado em âmbito internacional; o vasto continente sul-americano, especialmente quando se tratava do território brasileiro.

É fato que desde o século XIX havia um debate sobre a entrada do homem nas Américas, mas o mesmo é intensificado a partir de meados do século XX com a descoberta das pontas de pedras lascadas “as pontas de Clóvis”. As análises radiocarbônicas permitiram datar esta “cultura Clóvis” entre 10.500 e 11.000 anos atrás. Aceitou-se então 11.500 anos como o novo limite para a presença do homem no continente. (PROUS, 1997; 02)

A partir daí intensificou-se a corrida de hipóteses que coadunam e as que contrapõem a data mais aceita na comunidade científica para a entrada do homem no continente americano. Essencialmente estarem inseridas em um debate internacional e motivadas por novas possibilidades propiciadas por um território vasto como o brasileiro, significaria para essas jovens pesquisadoras ganhar terreno e firmar-se profissionalmente.

Contudo por serem estrangeiras, uma de matriz europeia e a outra de matriz norte-americana, e levando-se em consideração o contexto político e principalmente, o contexto acadêmico brasileiro, era preciso que as mesmas viessem imbuídas de um espírito precursor. Possivelmente as arqueólogas só se compreenderam como desbravadoras numa terra em que a Arqueologia era embrionária, no momento que se viram imersas no contexto brasileiro.

A ampliação, a diversificação e a especialização científica na arqueologia sem dúvida vai se intensificar com a chegada dessas professoras/pesquisadoras, que já possuíam aportes teóricos e metodológicos ligados as suas matrizes.

Essa ligação com as matrizes vai determinar as escolhas, variações e principalmente as singularidades de cada, em seus trabalhos práticos (Meggers é conhecida por todo o trabalho desenvolvido com a cerâmica, posto que Emperaire marcou profundamente a arte rupestre e a cultura lítica), bem como em seus modelos autorais. Pois é consenso que se entenda que seus conhecimentos científicos tiveram que passar por um processo de adaptação aos contextos locais tomadas às devidas proporções e adequações críticas.

Por isso se faz imperativo o enfoque ao trabalho das duas arqueólogas direcionado, a uma tentativa de visualizar as apropriações historicamente situadas e de contextos específicos de produção científica que possivelmente gerem repostas as hipóteses suscitadas. Parte-se do pressuposto que o primeiro ponto será tentar trabalhar com essa filiação a uma linha de interpretação internacional: que conceitos teóricos fundamentais elas tinham como basilares em seus trabalhos.

O segundo passo é destrinchar quais desses conceitos bases foram assimilados, apreendidos e são usados pela arqueologia brasileira como uma metodologia de quem segue uma Escola Teórica.

Opta-se por conceitos teóricos e não por teorias científicas, uniformes e dominantes, a fim de evitar ambiguidades científicas devido às mesclas de concepções diferentes de uma mesma teoria.

A noção de Escolas Teóricas dentro da concepção de Evento, numa reconstrução de dois contextos (a trajetória de duas arqueólogas) cujos acontecimentos foram marcos na historiografia arqueológica brasileira, emite uma sensação de identificação ou até mesmo filiação com o que outrora um dia foi; daí a associação das arqueólogas com as suas respectivas Escolas.

Seguindo o mesmo raciocínio chega-se a um ponto em que mapear o arcabouço teórico que essas mulheres utilizaram em seus trabalhos, por vezes significará identificar que “tipo” de arqueologia foi produzido e se produz em campo. É como se o discurso se mostrasse mais claramente aos que o praticam.

É como nos questiona Ricoeur: *remontar o rastro não é tornar os acontecimentos passados a que ele conduz contemporâneos de seu próprio rastro?* (RICOEUR, 1997: 244)

Ora, como o próprio autor sugere para se ter uma concepção de uma formulação identitária do pensamento do passado é preciso, sobre outras coisas, considerar o pensamento do historiador, que reconstrói uma cadeia de acontecimentos, como uma maneira de re-pensar o que foi uma vez pensado. Essa concepção identitária pode ser pensada como uma concepção da história como re-efetuação, já que de certa maneira toda história é a re-efetuação do pensamento passado na mente do historiador. Dessa forma uma atitude é considerar o passado

morto e ultrapassado, mas esse passado visto como acontecimento, historicamente conhecido, consegue sobreviver ao presente. (Id., *Ibidem*)

Mas que significa sobreviver? Nada afora o de re-efetuação. Só tem sentido afinal, a posse atual da atividade do passado. Dir-se-á que foi preciso que o passado sobrevivesse deixando um rastro, e que nos tornássemos seus herdeiros para que pudéssemos re-efetuar os pensamentos passados? Sobrevivência, herança são processos naturais. O conhecimento histórico só começa com a maneira como entramos em sua posse. Poder-se-ia dizer, em forma de paradoxo, que um rastro só se torna rastro do passado no momento que seu caráter de passado é abolido pelo ato intemporal de repensar o acontecimento em seu interior pensado. (RICOEUR, 1997; p 247)

Logicamente que neste sentido as objeções virão ao encontro de uma análise em que se pode dizer que o historiador não conhece de forma alguma o passado, mas apenas seu próprio pensamento sobre o passado; a história, contudo, só tem sentido se o historiador sabe que re-efetua um ato que não é o seu.

E aí Ricoeur volta a nos questionar: O que ocorre com as noções de processo, de aquisição, de incorporação, de desenvolvimento e até de crítica, se o caráter eventual (*événementiel*) do próprio ato de re-efetuação é abolido?

Volta-se a estaca zero já que de muitas maneiras o retorno de uma determinada efetuação resiste à operação para anular sua distância temporal. É preciso reabrir o passado, nele reviver potencialidades não realizadas contrariadas ou até massacradas. (RICOEUR, 1997: 372)

(...) é preciso nossas expectativas mais determinadas e nossa experiência mais indeterminada. Ora, essas são as duas faces de uma mesma tarefa: pois só, expectativas determinadas podem ter sobre o passado o efeito retroativo de revelá-lo como tradição viva. (Idem, *Ibidem*: p 372)

Continuando com a prerrogativa de tomar as arqueólogas como Eventos, na Arqueologia brasileira, apresenta-se um mapeamento de determinadas concepções (num recorte que, outrora, é tido como os principais ao longo de suas carreiras) que ocupam posição de relevo dentro de uma categoria de associação às Escolas.

Para tanto se tem como ponto de apoio, ou seja, tendo como parâmetro, suas narrativas textuais, ou o que poderíamos chamar de manuais, exemplos; o *Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul*, de 1967, por Annette

Laming-Emperaire, e *Como interpretar a linguagem cerâmica: manual para arqueólogos*, de 1970 por Betty Jane Meggers. Descreve-se este percurso de duas instâncias de representação reforçando os seus manuais bem como outros textos das autoras.

4.1 OS MECANISMOS DE MEGGERS - A ESCOLA AMERICANA

Nessa exploração de mecanismos dois processos são importantes na busca por uma Escola Americana; primeiro desmembrar ou destrinchar ao longo do trabalho de Meggers os pontos que seus leitores elegeram como importantes na Escola Americana; o segundo processo, a se destacar é a categorização desses pontos ou conceitos que podem evidenciar a marca de uma Escola Americanista aos moldes de Meggers.

Algumas questões foram cruciais nesse pontapé inicial. Dentre elas há uma questão em particular que permeia a leitura direcionada: qual teoria fundamental na arqueologia de Meggers? Muito porque a mesma como se destacou no capítulo anterior tem seus trabalhos reconhecidos e relacionados com o histórico-culturalismo.

Meggers assume seu viés neo-evolucionista, pontuando que antes de tudo é uma ecologista.¹⁷ No entanto seu trabalho como um todo assume na Arqueologia Brasileira várias legendas, dentre algumas; o de determinista, de histórico-culturalista, de difusionista, e etc.

Como entender a gama de rótulos existentes em torno dessa autora? A primeira iniciativa é procurar nesses rótulos algo de fundamental, de característico e taxativo aos que fazem ou faziam uma arqueologia cujo modelo principal é Meggers. Assim é essencial o entendimento das ferramentas utilizadas por Meggers ao longo de seu trabalho a fim de poder entender como a arqueóloga lê, entende e interpreta

¹⁷ Entrevista pessoal concedida por B. J. Meggers no cinqüentenário do CEPA, em Curitiba, em 2006.

a Cultura Material trabalhada por ela. E se essas ferramentas são lidas enquanto tal podem, ter sido transformadas, em soluções para problemáticas concretas identificadas por aqueles que ainda estavam andando num terreno muito incipiente.

Mesmo num exame primário é facilmente identificada uma ferramenta basal ao entendimento da arqueologia de Meggers; a tradicional fórmula Evolucionista foi lida e reformulada pelo Neo-Evolucionismo feito pela arqueóloga mantendo seus princípios, mas com acréscimos que darão um toque particular para os que pretensamente são da Escola Americana.

Ora, em linhas gerais tanto o Evolucionismo como o Neo-evolucionismo busca descobrir leis uniformes da evolução, partindo da hipótese basal de uma igualdade geral da natureza humana. Todos os diferentes povos deveriam progredir segundo os mesmos estágios sucessivos, únicos e obrigatórios. A comparação entre tais elementos permitiria esclarecer, não só esse caminho único da evolução da humanidade, como também o estágio no tempo em que cada povo se encontra.

A evolução é um processo universal de mudança unidirecional, inerente a todas as categorias dos fenômenos biológicos e culturais. A mudança se realiza mediante dois principais processos: (1) a seleção natural e (2) a deriva. Características que afetam a sobrevivência e reprodução dos indivíduos são sujeitas à seleção natural, enquanto que as características neutras são sujeitas à deriva. A deriva tem sido reconhecida durante muitos anos pelos lingüistas como o processo responsável pelas alterações graduais na pronúncia, sentido e gramática” (Meggers, 1990: 185).¹⁸

Para Meggers, uma abordagem evolutiva, utilizando uma perspectiva histórica e conceitos de nível superior de análise, permitiria encontrar uma explicação mais concreta e convincente, bem como relacionar melhor o caso estudado no seu campo social, além de fornecer uma base mais fecunda para previsões e pesquisas futuras. A arqueologia não pode fugir, ou melhor, ignorar questões que necessariamente devem ser respondidas em conjunto.

la teoría antropológica permanece dominada por una visión de la evolución del siglo 19, que la entiende como la creciente complejidad jerárquica, y por una perspectiva antropocéntrica que atribuye el cambio cultural a las ambiciones y deseos humanos (Mayr 1982; Robarchek 1989; Blanton et al 1996).

Esto conduce a la búsqueda de “fuerzas primordiales” en la forma de actividades que acrecientan el poder y el prestigio de unos pocos individuos, a expensas de la mayoría (Haas 1982). Las sociedades que no exhiben estratificación social se consideran estancadas o atrasadas.

Desde la perspectiva de la moderna teoría de la evolución, no obstante, el factor fundamental es la sobrevivencia.

Diferentes clases de organización social son inferiores o superiores en la medida que permitan a una población mantener o incrementar su densidad sin degradar los recursos que la sostiene. (...)

Las condiciones edáficas e climatológicas diferentes presentaron oportunidades e y desafíos distintos a los grupos humanos (MEGGERS, 1999; 383)¹⁹

Pode-se tratar sobre o trabalho de Meggers fazendo um recorte sobre a maneira particular que ela encontrava na teoria evolucionista de estudar seus casos. Mas para se ter uma idéia de Evento e significação, acredita-se que igualmente interessante é frisar, como as leis culturais e a aplicação das mesmas como ferramentas práticas, são imprescindíveis no reconhecimento da autora como expoente da Escola Americana.

Meggers pode ser a arqueóloga que literalmente tenha colocado o ambiente em pauta e forçado às pessoas a prestarem atenção e discutirem sobre o mesmo. Independentemente de uma possível concordância com sua interpretação ou não, as questões de Meggers, todo seu trabalho voltado para a arqueologia da América Sul, permeia obrigatoriamente os debates sobre o meio ambiente.

É a partir de 1940 que, Meggers, volta seu olhar para a América do Sul. Havia um vasto campo a ser estudado e explorado.... A América do Sul. Quando Meggers começou a estudar para o mestrado na Universidade de Michigan deparou-se com

¹⁹ MEGGERS. El contexto ecológico del formativo. Formative sudamericano, Una Revaluacion. Ed. Paulina Iedergerber – Crespo, Quito, 1999.

um conjunto de cerâmica coletados na década de 1870 na Ilha de Marajó, uma ilha na foz do Amazonas, a partir daí, podemos ser categóricos ao afirmar que tanto, a cerâmica, como Marajó, tornam-se o principal foco de trabalho da sua vida acadêmica. (PONPSON, 2003)

As únicas publicações sobre as cerâmicas em Marajó eram em português, portanto, ela aprendeu sozinha a língua e publicou um relatório, o seu primeiro artigo científico, em 1945, *The Beal-Steere collection of pottery from Marajo Island, Brazil. Papers of the Michigan Academy of Science*. Naquele ano, Meggers, iniciou o estudo para sua tese de doutorado na Universidade de Columbia. Enquanto estava lá, ela conheceu Clifford Evans, parceiro no campo e marido, que tinha trabalhado em escavações no Peru e no sudoeste dos Estados Unidos. (idem, *Ibidem*, 2003)

O trabalho de Meggers ainda girava em torno de coleções de Marajó, e ela sabia que um trabalho acurado pediria um trabalho de campo adicional. O objetivo era estabelecer o grau de complexidade, a duração da cultura, sua possível origem, e a razão para seu desaparecimento. Os dois puseram-se a caminho do Brasil a fim de coletar dados para suas dissertações. Eles navegaram tributários em todo o Brasil, Guiana, Venezuela e Equador. Meggers fez a maior parte da análise e da escrita; Evans era responsável pela logística e escavação.²⁰

Em 1952 sai um trabalho que até hoje causa impacto; nas investigações arqueológicas na foz do Amazonas, ela concluiu, com base em sua pesquisa arqueológica e levando em consideração os fatores, solo e biologia, que a floresta da Amazônia tropical nunca poderia ter sido suporte, em longo prazo, de sociedades complexas, ou chefaturas.

No Brasil este talvez tenha sido o maior barulho que Meggers tenha causado, mas no exterior sem dúvida o frisson ficou por conta da controversa afirmação de uma relação pré-histórica, entre os povos da América do Sul e do noroeste do Japão.

²⁰ Entrevista pessoal concedida por B. J. Meggers no cinquentenário do CEPA, em Curitiba, em 2006.

When we suggested more than 40 years ago that pottery making was introduced to the coast of Ecuador from the southernmost island of Japan around 6000 years ago, the reaction among U.S. archeologists was mixed. A few thought the evidence was convincing, but the majority did not (MEGGERS, 2005; 22).

Muito havia a ser explorado... principalmente em relação aos questionamentos sobre o povoamento da América. Era realmente um vasto campo que prometia àqueles que procuravam certo reconhecimento pela academia.

É por volta de 1964, que Meggers surge no Brasil, não como uma pesquisadora, mas, revestida e investida de um projeto de ensino. O Brasil precisava de arqueólogos, ou de uma formação acadêmica direcionada aqueles que queriam ser arqueólogos. Existia um vasto território a ser desbravado, catalogado e entendido.. Era preciso mãos e mentes com o mesmo objetivo: descobrir.

Por volta das primeiras incursões de Meggers na América do Sul, em 1948, era facilmente perceptível que a Arqueologia era dominada por visitantes estrangeiros e por imigrantes com formação européia. (MEGGERS, 1992; 13). Foi a partir de um seminário de treinamento sobre análise da cerâmica e seriação na Universidade do Paraná.

El crédito por la organización de lo que llegaría a ser un hito en la arqueología brasileña pertenece a J. Loureiro Fernandes da Universidade Federal do Paraná. En 1964 la arqueología allí era básicamente una actividade amateur, orientada a los enormes conchales costeros y los abrigos rocosos de los alrededores de Lagoa Santa en Minas Gerais" (MEGGERS, 1992, 17).

O seminário foi composto por quinze brasileiros em Curitiba, mas terminou em Paranaguá onde também foi montado um centro de operações para o trabalho de campo. Segundo a autora falava-se de arqueologia pela manhã, à tarde e a noite. Os "irmãos Paranaguá" como ficaram conhecidos posteriormente selaram a partir do seminário uma amizade que iria perdurar até os dias atuais, como também iria marcar profundamente a arqueologia brasileira. Meggers passou a desenvolver não só um trabalho com esses profissionais, como também passou a agir como madrinha na busca por bolsas de pesquisa e aperfeiçoamento dos conhecimentos acadêmicos em arqueologia desses participantes. (Idem. Ibidem, 17)

Foi também a partir do seminário que surge o projeto de pesquisa para a exploração sistemática da costa, de forma a criar um esquema temporal e espacial, empregando os métodos de campo e os critérios analíticos discutidos e apreendidos durante o encontro no Paranaguá: o PRONAPA. Se no seminário os participantes aprenderam sobre as teorias que Meggers carregava consigo, no Programa de Pesquisas Arqueológicas eles os puseram em prática.

Meggers tinha pressa por duas razões práticas; a primeira concernente à própria dinâmica da leitura do seu método (a análise cerâmica feita a partir de poços testes) que tinha um objetivo afinal e exposto mais adiante; a segunda tinha haver com as questões financeiras (os participantes, a princípio, tinham apenas cinco anos para mostrar resultados). (MEGGERS, 1992)

A metodologia pronapiana hoje é reconhecida naqueles que trabalharam no PRONAPA ou que de alguma forma trabalharam com Meggers em outros projetos. Os pronapianos, hoje, para a historiografia arqueológica são aqueles que trabalham, ou melhor, que fazem Arqueologia da Escola Americana.

Se sintetizarmos em linhas gerais, alguns dos principais conceitos que permearam os trabalhos do PRONAPA poderemos dialogar com as pistas de Hilbert (2007), que se posiciona a diferenciar os três importantes conceitos de Evolucionismo relacionados ao Pronapa; o Boasiano, o Unilinear e o Multilinear²¹.

No entanto entender o que foi vinculado a 'Escola Americana' é assimilar alguns conceitos vinculados a linhas menores. Acreditamos que a metodologia lida como a representação dessa Escola estaria associada à análise quantitativa da cerâmica ou pelo menos ficou ilustrada a partir dos trabalhos com a cerâmica. A Escola Americana estaria intimamente vinculada à análise quantitativa; a tipologia e seriação, ao método Ford, ao determinismo e ao difusionismo.

Meggers em seu viés evolucionista estava preocupada com a construção detalhada e confiável da sequência cronológica, questão importante para o seu trabalho, já que é pré-requisito para a reconstrução da pré-história e de um possível desenho da difusão cultural, e imprescindível para o estudo da mudança cultural.²²

²¹ Para mais informações ver Hilbert (2007) ou Pedrosa (2008).

Para o estudo desse passado era importante ter como princípio de que a mudança era ao mesmo tempo universal e padronizada. Seja nas unidades biológicas ou culturais, nas espécies ou características, todas tendiam a ter um começo, um aumento gradual da freqüência, uma maximização, um período de declínio, e um desaparecimento. (MEGGERS, 1992)

Essa 'validade' cronológica poderia ser demonstrada a partir da análise quantitativa, da seriação, da classificação, em suma do rastreamento de uma possível ou não, mudança na freqüência dos elementos estudados. Esse cuidado na técnica de coleta, no método de análise permitiria a reconstrução de aspectos sócio-políticos e religiosos.

A cerâmica tem sido uma fonte primária de inferência por duas razões: (1) abrange uma vasta classe de funções em contextos domésticos, rituais, mortuários, estéticos e comerciais, e (2) é um tipo abundante, durável e diversificado de remanescente arqueológico. As variações na pasta, na decoração, na forma e no tamanho dos vasos, proporcionam evidências indiretas de muitos tipos de comportamento. A padronização das dimensões e das formas de vasilhames, por exemplo, indicam a sua produção por especialistas, enquanto que a variação implica na sua manufatura quando necessário pelos indivíduos que os utilizaram. As diferenças na quantidade e na elaboração dos vasos que acompanham os enterramentos refletem estratificação social; do mesmo modo, poucas oferendas, de quantidade similar, indicam uma ordem social igualitária. As concentrações de cerâmica bem feita e de decoração elaborada identificam centros cerimoniais e lugares sagrados ou, ainda, as residências de pessoas com altos postos ou status na comunidade (MEGGERS, 1980; 228).²³

A esperança lançada na cerâmica não era à toa, pois com esta como fonte de pesquisa possuía maior probabilidade de aparecer em qualquer lugar, a qualquer momento, além de ser muito mais favorável as aceções críticas e acuradas do método do carbono 14.

Por outro lado o "o método Ford", método quantitativo, tinha o impulso teórico e a aplicação prática, necessários a essa empreitada. As potencialidades desse

método foram largamente apreciadas entre os jovens arqueólogos da América Latina, pois se constituía num método reconhecidamente científico, relativamente fácil e que propiciaria resultados levando-se em consideração o prazo da pesquisa.

O método Ford é um método quantitativo para obter cronologias culturais embasados na consideração de que a cultura é afetada por forças evolutivas similares as que operam em biologia; mutação, fluxo genético (recombinação), e seleção e deriva genética (MEGGERS, 1988: 26).

Com o método Ford se tinha os recursos necessários para familiarizar os recentes arqueólogos nos aspectos científicos da teoria e prática da disciplina arqueológica. Era preciso que esses jovens fossem familiarizados com o método Ford no intento de facilitar as conclusões do material de coleta, bem como facilitar o treinamento dos mesmos e a uniformização de uma metodologia que os auxiliassem em campo.

A Escola Americana tinha pressa... Pensar numa arqueologia de Meggers é pensar numa curta duração mesmo que a pesquisa objetivasse ao final o tempo de uma longa duração, a pré-história. Sem contar no programa que só se teria cinco anos de financiamento... É a partir dessas expectativas que poderemos responder, como e por que, o “Manual para arqueólogos”, *Como interpretar a linguagem cerâmica*, surge.

Pensemos a partir de um manual qualquer... Por que e como um manual é desenvolvido?

Se fazia necessário otimizar a construção da Cultura material, a fim de prevenir problemáticas prematuras. Por conta de uma arqueologia sul americana muito incipiente era indispensável sedimentar “pavimentos”, etapas necessárias na arqueologia como “labor” científico. Ao final do projeto certamente se tinha de avaliar ou até mesmo desenvolver um conjunto de testes e rotinas que se relacionam ao desempenho e correlacioná-los a todo um processo estudado. E por último e não menos importante em se tratando de jovens arqueólogos, levando em consideração a inexperiência, era preciso criar alternativas para solução de problemas.

O delineamento geral do manual se deu a partir de seis pontos principais; a classificação, a tipologia, a descrição, a técnica de seriação, a definição das fases arqueológicas, e a interpretação de seqüências seriadas.

Para Meggers, o instrumento básico para a ciência, a classificação, é um pré-requisito necessário já que permite o intercâmbio e comparação de resultados experimentais. Muito em virtude de que na classificação poderiam ser omitidas as diferenças de linguagem e nacionalidade facilitando a comunicação de idéias entre aqueles que buscam refinamento de aspectos teóricos e o reconhecimento de leis científicas (MEGGERS, 1970: 5).

No entanto na arqueologia a classificação da cerâmica tem como desafio a continua mudança a variação geográfica e temporal (diferenças culturais, função, produção, estilo e etc.). A adoção de regras universais na classificação arqueológica facilita a comparação dos procedimentos descritivos e classificatórios de restos arqueológicos.

Mesmo em virtude da dificuldade de se classificar a cerâmica por conta de seus numerosos detalhes, tal proeza seria possível a partir do método quantitativo. Esse método poderia ser a solução para os problemas descritivos e classificatórios que Arqueologia possui assim como outras ciências que tiveram que enfrentar as mesmas dificuldades (exemplos dados seriam a biologia e a física). (MEGGERS, 1970: 5)

Muitos dos problemas específicos com que se defrontam durante várias décadas os taxonomistas biólogos são similares aqueles que preocupam os arqueólogos, tais como os argumentos entre os “divisionistas” que criaram tipos cerâmicos, tendo por base um único fragmento, e os “amontoadores” que colocam todos os fragmentos simples num único tipo, e entre aqueles que visualizam os tipos cerâmicos como construções do arqueólogo, e os que acreditam terem eles sido conscientemente criados pelos oleiros aborígenes ou serem inerentes ao material. (MEGGERS, 1970: 8)

Assim a definição evolucionista de uma tipologia simplificada para classificação na arqueologia seria procurar semelhanças e não diferenças. Um tipo cerâmico é uma tradição, uma seqüência temporal de vasilhame, evoluído separadamente de outras, com o seu próprio papel evolutivo e tendências.

(...) O raro vasilhame intacto ou o fragmento excepcional interessa-lhe menos do que a maioria dos cacos, que tendem a agrupar-se em torno de um certo numero de normas. (MEGGERS, 1970: 8).

(...) A observação dos padrões de mudança de popularidade dos diferentes tipos cerâmicos fornece a base para a construção de uma escala relativa de tempo que pode ser usada para estabelecer a relação cronológica de qualquer sítio com todos os outros que apresentem o mesmo conjunto de tipos cerâmicos. (MEGGERS, 1970: 10)

O manual elege como critérios válidos seis pontos que os arqueólogos precisam para a realização da classificação, como pré-requisitos de indicadores na construção de uma cronologia relativa; as características da amostra, os métodos para a coleta de amostras, a classificação de cacos simples, e de cacos decorados, e o conceito de gênero como instrumento para a classificação.

“Naturalmente, a completa interpretação histórica de um sítio não pode ser obtida a partir de uma pequena escavação, pois indubitavelmente haverá algum intervalo na história. Em testes estratigráficos preliminares, diversos cortes são usualmente localizados em diferentes partes de cada sítio profundo, com o fim de derivar informações suplementares. O mesmo se aplica à informação que se pode ter de sítios vizinhos que sejam contemporâneos.”(FORD, 1962: 46)

Uma vez classificados passa-se a construir os diagramas de seriação, estes prontos prepara-se para as descrições dos tipos cerâmicos. Em linhas gerais é preciso que o investigador atente para duas proposições; a descrição (enunciação das características tipológicas tais como pasta, superfície e o grau de variação) e o diagnóstico (enunciação das características que diferenciam um tipo de outros). (MEGGERS, 1970: 43)

Seguindo esses passos estaria-se pronto para a construção de um seqüência seriada. Se os passos anteriores forem feitos de acordo com os moldes irão se ter as tiras gráficas para se montar os gráficos estratigráficos que ao final se constituirão num único gráfico que reconstrói a seqüência cronológica das mudanças na cerâmica do complexo estudado, chegando-se ao objetivo.

Como um quebra-cabeça se chega aos dois pontos finais do Manual; a definição de fases arqueológicas e a interpretação de seqüência seriadas. A obra foi concebida para ajudar a alcançar objetivos específicos, mas tinha um objetivo geral, ou seja, compreender profundamente e interpretar a vida coletiva através da Cultura Material estudada e inferir sobre as questões da arqueologia Americana.

O que importava acima de tudo era que este arqueólogo e investigador fosse capaz de conceber e de por em prática todos esses dispositivos para elucidação dessa Cultura Material que precisava ser desvelada.

O que implicaria a construção de um Manual se ao final do trabalho esse profissional principiante nessa investigação chegasse a se perguntar, “tenho muitos dados, mas não sei o que fazer com eles”. O manual foi feito para que esse profissional ainda principiante não tivesse dificuldades de ordem metodológica dai todos os critérios de recolha, tratamento, classificação e análise. Mas antes de tudo o trabalho exploratório era preciso ter ou seguir um projeto de investigação; o plano de pesquisa estava sendo construído.

É nos dois últimos itens que se vê claramente o ponto de chegada de toda essa corrida. Em todo manual o termo complexo cerâmico foi usado com a intuitiva de indicar tipos cerâmicos associados em espaço e tempo. No entanto o complexo cerâmico seria uma dentre as várias categorias de artefatos (complexo lítico, objetos materiais, arquitetura e etc.) que formariam um complexo cultural, a cultura pré-histórica ou a “fase” arqueológica. O termo “fase” é preferido por que estaria livre de conotações etnográficas, permitindo referências a entidades arqueologicamente reconhecíveis, sem implicar em nenhuma conotação tribal ou lingüística. (MEGGERS, 1970: 87)

No último item “Interpretação de seqüência seriadas” é definido pela autora “não como um fim, mas um meio para fins mais importantes”, já que a ordem relativa, da ocupação de cada sítio da fase, permitiria investigar um grande número de problemas em ecologia, evolução cultural e difusão. É preciso saber “ler” o gráfico de seriação. (MEGGERS, 1970: 95)

E é nesse ponto, que Meggers explicita alguns conceitos importantes ao longo de seu trabalho todos fortemente ligados a teoria Evolucionista e suas curiosidades de pesquisadora no intuito de alargar as investigações em relação a um período pré-europeu nesse Novo Mundo.

Assim ela termina tentando passar um recado claro; se faz necessário antes de tudo visar às reconstruções de Evolução e Difusão Cultural das áreas estudadas. Para tanto extenuamente esse pesquisador tome cuidado em determinados conceitos ao finalizar sua interpretação; padrão de povoamento e reocupação do

sítio; deriva geográfica na área de povoamento; aculturação ou influência estranha (a incorporação de influências externas na estrutura de uma cultura), difusão (que considera o movimento de traços de uma cultura para outra), declínio cultural, e estabilidade cultural e ritmo de mudança.

“(...) A prospecção de caráter nacional, agora em progresso no Brasil, abrangendo a construção de 30 a 40 seriações regionais, desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul, e várias partes da Bacia Amazônica, fornecerá a base para a investigação de migrações, difusões, adaptação ecológica, e muitos outros aspectos da situação cultural pré-européia. Em resumo o potencial de análise quantitativa será realizado, de um modo tal, somente depois de se adquirirem seqüência seriadas em grande quantidade de todas as partes do Novo Mundo. (MEGGERS, 1970: 105).

De maneira geral essas seriam as linhas mestras a serem seguidas num processo para se levar em consideração conceitos, ou melhor, os elementos significativos de um rastro da “Escola Americana”.

Num processo de ensino e aprendizagem há um complemento importante, o entendimento. Entender o trabalho de Meggers é um processo, entender o que é lido dentro do discurso como uma Escola que é associada à Meggers é outro percurso. Na configuração do que seria a “biblioteca Meggers” vamos ter outra configuração diferente da que foi desenhada como a Escola Americana.

Pode-se afirmar em linhas gerais que a problemática faz parte do próprio processo ensino-aprendizagem ou na configuração texto-leitor. O que se teria a questionar em relação ao ensino-aprendizagem seria em torno do entendimento; como essa professora foi entendida, e se foi entendida...

Mais ainda numa prerrogativa entre texto e leitor a discussão parece concernente à medida que tenta-se questionar o que foi entendido como metodologia da Escola Americana. Afinal...

(...) sem leitor que o acompanhe, não há ato configurante em ação no texto; e sem leitor que se aproprie dele, não há mundo desdobrado diante do texto. E, no entanto, renasce continuamente a ilusão de que o texto é estruturado em si e por si, e de que a leitura acontece ao texto como um evento extrínseco e contingente. (RICOEUR, 1997, 234)

Não se procura denotar a dinâmica num processo de pretensão e retenção de um texto ou de sua leitura, mas sim o que pode ser lido no discurso como um elemento significativo ao se dar o Evento.

Porém essa trajetória do que seria a Escola Americana leva a refletir nas estratégias que foram tomadas, mediante a necessidade urgente de se formar arqueólogos e o quanto isso vai se dar na prática; uma configuração imediata em que se montou uma estratégia com tarefas que produziram determinadas expectativas nem sempre condizentes com sua concretude e realidades.

Como resultado de tarefas impróprias as perspectivas, se tem a frustração e então se tem posições que além de não enxergar todo o processo histórico passa a assumir um tom acusador e agressor.

E ai se criam lugares indeterminados, em que eu não consigo reconhecer o discurso, a pessoa, nem o processo histórico. Fica-se no superficial, o lugar indeterminado que é o do não entendimento.

4.2 OS MECANISMOS DE EMPERAIRE/A ESCOLA FRANCESA

Explorar a genealogia intelectual de uma pretensa “Escola Francesa” é ir ao sentido de interpretações de uma leitura diagonal dos textos de A. Emperaire. Assim tenta-se entender as operações de seleção e marcação em cima das narrativas textuais da arqueóloga.

Evidentemente essa “escola de pensamento” não pode ser tratada como um movimento unificado, nem associada apenas a uma vertente teórica. A aventura de se relatar as abordagens utilizadas por A. Emperaire é, sobretudo, tentar forçar a abertura de uma “caixa preta” a partir de alguns textos, de uma produção ao longo de uma carreira profissional e de alguns conceitos.

O corpus teórico de A. Emperaire pode ser reconhecido através de uma autoria com assinatura singular. Tanto em seus conceitos, como na redistribuição de suas práticas, se entende uma pesquisadora que não se detinha apenas a ciência arqueológica, mas a uma pesquisa aberta ao campo das humanidades. Sua pedagogia não pode ser condicionada a um pensamento dominante.

A própria entendia que para se estudar a pré-história teríamos como consideração a hipotética de um campo desprovido de problemas, e de métodos próprios, já que seus problemas advinham da história e seus métodos da arqueologia. (EMPERAIRE, 1968: 5)

Ora se para a história seus problemas concernem à reconstituição das etapas da humanidade através de todos seus aspectos (governos, estruturas sociais, demografia, religião, artes, etc.), na arqueologia as questões são muito próximas, porém a atitude do pesquisador muda à medida que se centra mais na evolução da cultura material e menos no encadeamento dos eixos. (Idem, Ibidem: 5)

l'étude du passé le l'homme peut se faire selon deux directions différentes. dans la première qui est celle classiquement suivie par l'histoire, les textes et la tradition constituent l'essentiel des matériaux du chercheur. Dans la seconde au contraire, la seule possible quand il s'agit de périodes pour lesquelles il n'existe ni textes, ni traditions, ce sont les vestiges matériels des civilisations passés qui constituent les seuls matériaux de la recherche."²⁴ (LAMING-EMPERAIRE, 1952; p 11)

E a problemática continua à medida que se avança na discussão sobre a ciência arqueológica. O próprio termo que dava nome a ciência é questionado pela autora. Que por pura convenção internacional toma seu lugar em meio às ciências humanas e ao lado das ciências históricas. Assim, ela define:

Se puede definir esta arqueología como técnica de aprehensión del pasado de la humanidad a través de sus vestigios materiales. (EMPERAIRE, 1968: 8)

Daí se deve imaginar o quão difícil é o resultado dos esforços da pesquisa arqueológica representada numa publicação. Para a autora a investigação arqueológica se decompunha numa serie de momentos sucessivos transcorridos ora

²⁴ O estudo do passado do homem podem ter duas indicações deferentes. A primeira é a que convencionalmente acompanha a história; textos e tradição são as matérias essenciais do pesquisador. A segunda, ao contrário, a única possível quando se trata de períodos para os quais não existem textos ou tradições, é o material, restos de civilizações passadas que é a pesquisa de materiais apenas.

no sítio, ora no laboratório. E sua complexidade advinha justamente pelo fato do pré-historiador ter como objeto de trabalho os documentos materiais. A prospecção, a eleição dos sítios, a observação e sistematização das estruturas, a conservação e extração dos vestígios e amostras constituíam passos importantes para pesquisa arqueológica. (EMPERAIRE, 1968: 69)

Il y a plusieurs façons d'envisager la préhistorique d'une région ou d'un pays, comme il y a plusieurs façons d'envisager l'histoire. Dans une première perspective on tente d'établir la chronique du passé, en déterminant des dates et des époques, en situant des gisements et des aires de répartition, en définissant les caractères culturels que l'on a ainsi datés et localisés. C'est par cette mise en place spatio-temporelle que débute toute recherche préhistorique. (Emperaire, 1975, p1229)

A partir desses passos é que se pode avançar para um dos momentos que a arqueóloga considerava como essencial para a investigação arqueológica; a datação do passado. Salienta-se que para a pesquisadora existia uma diferença fundamental em relação à datação e em relação aos resultados. Até os arqueólogos mais experientes poderiam se deixar levar pelo orgulho de se ter uma datação mais antiga. Mas a datação essencial é aquela que pode mudar a concepção da humanidade em relação às culturas. É a que pode estabelecer uma cronologia para as grandes culturas humanas. É preciso antes de tudo atentar neste caso a duas proposições;

Que tal cultura es más antigua que tal otra, que su duración aproximada fue breve o larga, y reconstituir, de ese modo, las sucesiones y grandes líneas generales de la evolución humana.

Que tal cultura es contemporánea de tal otra, y establecer, con ello, contemporaneidades y levantar el cuadro del estado de las culturas humanas en tal momento del pasado. (EMPERAIRE, 1968; p130)

A abordagem impelia os arqueólogos a procurar uma ordem em culturas singulares ou historicamente interligadas nos variados coeficientes ou termos culturais.

De qualquer forma para se reconstituir determinado quadro antigo e pré-histórico é preciso agrupar os métodos em três series: a primeira se estabelecem *ordens de sucessão* e uma classificação no tempo dos objetos e dos níveis a

estudar (onde se enquadram a tipologia e a estratigrafia); o segundo estabelecem sincronismos com certos fenômenos, geralmente de ordem climática (em que se enquadram a associação topográfica ou a observação de um eixo datado sobre o objeto ou o depósito estudado); e finalmente o terceiro em que se estabelecem as durações em termos relativos e absolutos a partir do documento arqueológico (pode se citar como exemplos a acumulação de depósitos ou a alteração de um corpo). (Idem, 1968; p 131)

O enfoque contextual baseia-se na convicção de que os pesquisadores precisam examinar todos os aspectos possíveis de uma determinada cultura arqueológica a fim de compreender o significado de cada uma de suas partes.” (TRIGGER, 1992: 340)

Laming-Emperaire manifestava admiração particular pela premissa de compreender o significado de cada uma das partes e aspectos da problemática estudada. Em *Grottes et Abris de La region de Lagoa Santa, 1975* esse primor é externalizado não só em seu aporte, mas segue uma linha no trabalho geral, incluindo o de seus companheiros. Sendo ele um trabalho de síntese de sítios inéditos era preciso haver uma sistematização da pesquisa e da metodologia bem orientada e clara.

Nos cadernos sobre a arqueologia da América do sul se percebe um ritmo de trabalho em que facilmente é perceptível essa metodologia; o inventário dos sítios (seus documentos/ análise crítica da bibliografia em questão), o estudo do terreno (o contexto geográfico) e os sincronismos (método que assume importância no seu trabalho em que objetivava estabelecer quais os sincronismos existentes ou que poderiam ser associados entre as diversas documentações de um sítio, tais como, os de documentação histórica, arqueológica e topográfica).

Afinal o pré-historiador trabalha sobre os documentos materiais. A validade de suas conclusões depende da abundância desses documentos e do cuidado com que são reconhecidos (EMPERAIRE, 1968: 69).

Esse zelo é tratado com certa intensidade. Principalmente em uma perspectiva dos que vinham trabalhar com a pesquisadora. E pode facilmente ser encontrado na memória construída em torno da autora e daqueles que pretensamente são adeptos da “Escola Francesa”.

A seriedade, competência, e rigor científico, que caracterizavam os arqueólogos franceses, são qualidades desejáveis em qualquer campo do conhecimento humano.

Os que prosseguiram, hoje conduzem competentemente a sua profissão no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Pernambuco e Pará, somente considerando-se os que participaram dos cursos e pesquisas promovidos pelo CEPA e coordenados por Joseph Emperaire e Annette Laming-Emperaire. Esses ex-alunos desempenham, também nas áreas de atuação, decisivo papel multiplicador. (CHYMZ, 2010: p 78)”

Outra memória estável na arqueologia brasileira é o efeito que André Leroi-Gourhan desenvolveu na Arqueologia de Emperaire. A Pré-história de Emperaire era uma pesquisa feita com uma espécie de gancho grande. E aquilo que naquela época parecia ser monstruoso, hoje se torna uma assinatura daqueles que praticam arqueologia da “Escola Francesa”.

Diferentemente de uma prática que o objetivo é descobrir ao final um belo objeto, ou praticar uma escavação vertical, onde o gol é sempre uma fatia para ver a sucessão de camadas diferentes e definir uma cronologia relativa, André Leroi-Gourhan defendia uma arqueologia em que a condução deve ser feita através da escavação horizontal máxima.

Na realidade a metodologia de campo conhecida por “the open area” já existia graças ao empenho de Montimer Wheeler (1890-1976) que introduziu formas modernas de escavação tridimensional e de registro desde o início da década de 1930 (1954). Wheeler consolidou a primazia da evidência arqueológica e os imperativos de confiabilidade e acessibilidade, além de tornar claro que dados ruins podem viciar uma boa teoria. (TRIGGER, 1992; 192)

Além disso, Wheeler viu o método como uma maneira de controlar tanto a escavação e registro, além de que a área de cada supervisor foi claramente demarcada. O método de escavação em si, compreende a extensão de um número de trincheiras quadradas, lado a lado, proporcionando uma rede de secções, a partir do qual a seqüência pode ser lida. (Barker, 1999; 132).

Leroi-Gourhan desenvolveu sua escavação a partir do método topográfico ao nível tridimensional, com o desenvolvimento de ataques verticais, na execução de perfis e na execução de trincheiras e de ataques horizontais, em áreas de

concentração de cultura material estabelecidas na vertical. Era o trabalho de decapagens por níveis naturais. (LEROI-GOURHAN, 1950)

“O registro deve ter prioridade sobre a escavação e, na escavação, a pesquisa das estruturas deve predominar sobre a da estratigrafia. Por paradoxais e talvez mesmo escandalosos que pareçam, estes princípios são os únicos que garantem o respeito à matéria documentária (...). O paradoxo, aliás, é inexistente por que um registro exaustivo implica que se tenha feito o esforço de procurar compreender tudo e a dissecação precisa de estruturas superpostas garante melhor a estratigrafia do que qualquer outro método. (LEROI-GOURHAN, 1965, 216)”

Cada pedaço de osso, pedra, carvão, mesmo sendo o mais ínfimo, é identificado em três dimensões, desenhado, fotografado no local antes de ser registrado, inventariado, classificado. A localização de uma peça é tão ou mais importante do que a sua qualidade. Em seguida vêm a análise, os testes de bombeamento, bem como também a pertinência do cronograma. Este trabalho tem um objetivo: obter o máximo possível da Cultura Material, objetivando reconstruir a vida das sociedades estudadas, ou em outras palavras, ter acesso à busca de uma dimensão etnológica.

É preciso advertir que a dissecação das superfícies é excessivamente lenta uma vez que nada, teoricamente, deve passar despercebido.(...) Este último mobiliza os meios comuns de anotações, planos, croquis, fotografias, filmes, tomadas de amostras para todos os estudos habituais (...), mas também tudo o que pode ser imaginado de novo por muito cérebros pacientemente dispostos a não deixar perder o que está irremediavelmente condenado a desaparecer no episódio seguinte. (Idem, Ibidem; 218)”

Esse tipo de pesquisa de campo objetivava a evidênciação da espacialidade dos documentos materiais numa perspectiva temporal. Há principio a acumulação dos depósitos naturais humanos admitem todo o tipo de variantes (nem sempre o mais antigo é o mais profundo), no entanto no decorrer do trabalho o desafio do pré-historiador era precisamente ordenar a história estratigráfica, dos pares e das tabelas de camadas antigas. (EMPERAIRE, 1968; 82)

O objetivo era tentar estabelecer a diversidade de composições arqueológicas. Cada camada, em função de sua composição, de sua cor, seja qual for sua espessura é considerado como se fosse um elemento que possui

individualidade própria, dessa forma tendo uma história própria, a cultura material poderia então ser contextualizada. (Idem, *Ibidem*; 84)

Estos trabajos de excavación, al separar cuidadosamente los depósitos sucesivos acumulados a lo largo de la historia del yacimiento, tenían primero como única finalidad situar cronológicamente las diversas fases de esta historia, así como situar de modo adecuado dentro de cada una de ellas los vestigios de industria y los testimonios que permiten definir el medio natural correspondiente. (EMPERAIRE, 1968, 84)

Desse modo, o arqueólogo e sua equipe se encarregam de tudo que se refere ao assentamento, suas estruturas, a evolução das culturas que porventura tenham se desenvolvido no mesmo. O conjunto desse trabalho requer não só cuidados, mas podem também requerer vários meses e talvez anos. (EMPERAIRE, 1968, 110)

A divisão de tarefas entre os membros da equipe era uma das características de Mme. Annette. Embora todos participassem das escavações e das discussões dos problemas surgidos, a cada um era atribuída uma função específica, como a topografia dos sítios e arredores, o levantamento da flora do entorno, a topografia das estruturas, etc. A limpeza e a marcação das peças eram feitas no local, por revezamento. Para o arrolamento e análise do material escavado, a arqueóloga francesa utilizava folhas de papel almaço quadriculado, nas quais, por assunto, representava esquematicamente as peças, descrevendo-as pormenorizadamente conforme o setor, a quadra e profundidade da escavação. O rigor metodológico e o detalhamento nos procedimentos eram outras de suas características. (CHYMZ, 2010:67)”

Medir, topografar, contextualizar e classificar é uma tarefa levada a cabo nas escavações arqueológicas, mas os cuidados maiores e o rigor metodológico devem ser redobrados quando se trata da tipologia da cultura material estudada.

Para Emperaire a tipologia era uma das bases para os estudos da evolução das culturas humanas primitivas (ao lado dos objetos estariam, o modo de subsistência) em que para se chegar a estas era preciso montar os complexos culturais situando-os no espaço e no tempo. Mas é nos períodos mais antigos que a tipologia exerce seu papel preponderante.

Sabemos que la forma de una esquila o de un bifacies no basta para definir un grupo humano, pero sí de ese grupo sólo se conocen estos objetos, entonces estamos obligados a definirlos *provisionalmente* a través de ellos. (EMPERAIRE, 1968: 112)

Definir uma cultura através de vestígios de pedra, algumas vezes muito rudimentares, significaria que das formas de um objeto e de seus detalhes, poderiam ser deduzidas informações coerentes sobre seu modo de fabricação e de utilização. (EMPERAIRE, 1967: 13)

No entanto o estudo tipológico torna-se complexo à medida que requer vários eixos do ponto de vista técnico, morfológico e funcional. E uma vez identificadas e estudadas as técnicas de fabricação é que se passa a classificar os utensílios segundo sua forma e uso provável. Essa classificação se torna problemática, segundo a autora, à medida que esbarra na falta de uma definição internacional precisa; faltariam palavras adequadas a acepções diversas. (EMPERAIRE, 1968: 113)

Foi pensando nessa prerrogativa que Emperaire resolveu publicar o “Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul, 1967”. O mesmo nasceu a partir de um seminário presidido por ela no Paraná em 1966, muito em função dos pedidos insistentes da própria equipe de Mme. Emperaire, na organização de um vocabulário adequado a identificação e estudo da indústria lítica da América do Sul. (EMPERAIRE, 1967)

A sorte dos países da América Latina é que eles se encontram em uma situação muito diferente. Praticamente, nenhum estudo de tipologia lítica foi tentado em nenhum deles, quer em espanhol, quer em português. As poucas expressões existentes emprestam seus termos seja do inglês, do francês, do alemão e naturalmente do espanhol e português da Europa. O resultado é uma linguagem mal definida e inadaptável a um estudo detalhado. (EMPERAIRE, 1967: 13)”

Por fim o manual dividia-se em duas partes; a primeira, definido pela autora como uma “espécie de léxico ou glossário”, em que para cada palavra se tinha o equivalente francês. E a segunda é a exposição resumida de um método de análise das indústrias líticas.

Ora a necessidade de um manual vem de encontro justamente a perguntas tais como: “eu não sei onde estou”, “no que eu estou mexendo”, e “não faço a

mínima idéia de como continuar”. No geral são questionamentos de um pesquisador ou profissional que ainda é um principiante. E a razão de se criar um manual era justamente por em prática ou normatizar, criando um código de utilização, uma metodologia para se trabalhar com as indústrias líticas da América do Sul.

Se pusermos dentro de um quadro analítico as etapas de uma escavação divididas por Emperaire teremos as seguintes demarcações; a) Sobre o terreno; 1ª – Prospecção, 2ª – Escavação, 3ª – Os vestígios arqueológicos; b) No laboratório; 4ª – A tipologia (Sedimentologia e Palinologia se necessário); c) A produção de conhecimento; 5ª – A datação arqueológica, 6ª – Os resultados. (EMPERAIRE, 1968)

No mínimo o esforço de compreender e interpretar esses vestígios pediriam regras e códigos que auxiliassem a análise da cultura material a partir da 3ª etapa. Se o objetivo era analisar, explorar e construir uma pesquisa que pudesse levar a formulação de dados para o conhecimento científico, a abordagem teria que ter critérios, bem como escolhas técnicas de forma a esclarecer uma possível exposição.

O emprego do método proposto é independente das definições dadas na primeira parte, sendo possível utilizar as definições sem que seja obrigatório o emprego dos quadros analíticos: o inverso, entretanto não é aconselhável, pois os quadros perdem todo seu valor se as definições dadas não forem rigorosamente mantidas, ou então, se outras definições não forem estabelecidas e respeitadas. (EMPERAIRE, 1967: 91)

Numa primeira leitura integral da obra a percepção e preocupação didática nos procedimentos que deverão ser apreendidos e nas sugestões que porventura venham a ser aplicadas. O leitor é constantemente convidado a um processo de síntese. Não uma síntese dos objetos, mas uma síntese do reagrupamento de tipos e subtipos.

Num quadro sintético a proposta subdivide-se;

As diferentes etapas da análise tipológica	
<p>1ª Operação.</p> <p>Classificação sumaria dos objetos - separar o lote de peças – Constituem-se de três Lotes ;</p>	<p>2ª Operação.</p> <p>Análise dos objetos - anotar as características significativas de cada objeto (nesse item pode-se seguir quadros analíticos) - Constituem-se de oito séries de dados fundamentais (série = rubrica);</p>
<p>I – Pedra não trabalhada:</p>	<p>1ª rubrica – Circunstâncias.</p>
	<p>2ª rubrica – Matéria-Prima, a cor dos objetos (rocha/cor/massa inicial).</p>
<p>II – Pedra picoteada, pedra polida, pedra picoteada e polida.</p>	<p>3ª rubrica – Fabricação e técnica dos Objetos.</p>
	<p>4ª rubrica – Morfologia.</p>
	<p>5ª rubrica – utilização dos objetos.</p>
<p>III – Pedra Lascada.</p>	<p>6ª rubrica – Estado da rocha e da peça.</p>
	<p>7ª rubrica – Observações.</p>
	<p>8ª rubrica – Tipo.</p>

25

²⁵ Síntese da autora.

Em seguida há uma proposta em que os pontos de referência são expostos a partir de orientações e representações. Justamente tentando estabelecer um padrão que seja facilmente reconhecível já que uma das dificuldades seria a variação deste.

Este principio varia segundo os autores, muitas vezes, encontramos variações nas diferentes publicações de um mesmo autor. A orientação pode ser feita em função da forma geométrica, ou em função da fabricação, ou em função da utilização. (...) A peça, uma vez, orientada, deverá ser representada.

(...) É difícil sistematizar rigorosamente a representação de um objeto, mas em regra geral:

- o objeto é colocado sobre a mesa, repousando sobre sua face plana e se as faces forem simétricas, sobre sua face menos interessante. (...)

- os dois outros croquis são cortes, passando pelo interior da peça estudada, sendo que somente o contorno é representado. (...)
(EMPERAIRE, 1967: 100-102)

No que é que de melhor de fato se procura no fim daquilo que é geralmente qualificado como um Manual? Encontrar informações específicas! O Manual organizado por Emperaire é impulsionado em torno de um sistema organizacional cujo padrão elementar é mostrar recursos para preencher a lacunas de conhecimento. Fornecer uma pronta referência e, ou, um guia de instruções para se tratar com a indústria lítica.

O Manual é uma ferramenta que ajuda seus leitores a compreenderem e imediatamente processarem os ensinamentos nele contidos de forma prática. Essa ferramenta foi feita a partir de delimitações orientadas objetivando um emprego metodológico e, portanto pode ser elencada como um dos elementos ou recursos que preenchem a perspectiva de Evento para aqueles que as reconhecem conforme Escolas Arqueológicas.

O interessante é que muitas vezes no ato de escrever o autor muitas vezes se preocupa mais com o que o seu leitor vai achar da leitura, e menos com a imagem que ao escrever ele faz de si mesmo. É como se aspirássemos ser admirados. No entanto quando essa leitura fixa um determinado reconhecimento, a obra passa a assumir valores morais, isso implica e condiciona julgamentos.

O conjunto de elementos discriminados teoricamente como elementos reconhecidamente pertencentes à Escola Francesa constitui-se no universo associado à maneira como a pesquisa foi se dando ao longo do trabalho de Emperaire. Daí talvez advenha a dificuldades de se instrumentalizar conceitos que viabilizem efetivamente o que vem a ser a 'Escola Francesa' tão falada, porém pouco descrita em seus ditames.

Reconhecida e desconhecida ao mesmo tempo. Ao contrário da Escola Americana que é acusada de muita coisa ao mesmo tempo, a Escola Francesa passa muitas vezes despercebida. É como se conhecêssemos o discurso, mas não seus elementos significativos.

Pode-se dizer que o 'pacto' coletivo foi selado talvez pela repentina morte de Emperaire.. Mas também pode-se dizer que ao contrário do que aconteceu com a Escola Americana, aqueles que 'reconhecidamente' fazem parte da 'Escola Francesa' assumiram postos importantes na Arqueologia brasileira. As missões ainda existem, ao contrário do extinto PRONAPA....

Nesse caso a memória na historiografia arqueológica é mais branda com a Escola Francesa?

4.3 "SER OU NÃO SER PROFESSORA? EIS A QUESTÃO."

Nas linhas acima experimenta-se uma tensão entre o trabalho do pesquisador com o trabalho do professor. No geral quem vem das ciências sociais sabe bem que mundo é esse.

Falava-se de tradições como projeções de horizontes históricos. A maioria das vezes carrega-se os horizontes históricos numa perspectiva a projetar todo passado apreendido e vivenciado com fruto das tradições na qual se faz parte.

Nesse primeiro ponto, a tradição, formalmente entendida como tradicionalidade, já constitui um fenômeno de grande alcance. Ela significa que a distância temporal que nos separa do passado não é uma intervalo morto, mas sim uma transmissão geradora de sentido. Antes de ser um depósito inerte, a tradição é uma operação que só se compreende dialeticamente no intercâmbio entre o passado interpretado e o presente interpretante. (RICOEUR, 1997; 379)

Assim não se trata de tradicionalidade, mas o sentido de tradição como acepções e conteúdos que herdamos. Nunca estamos numa posição absoluta de inovadores, mas sempre inicialmente numa situação relativa de herdeiros. (RICOEUR, 1997; 379)

Mesmo que sob escolha, ora negando, ora ratificando, somos herdeiros muitas vezes de saberes apreendidos, através de interpretações e reinterpretações. Ora, chega-se num ponto que se torna vazio perguntar se essas arqueólogas foram ou não foram fontes de saber, ou fontes de uma tradição passada e re-transmitida ao longo da Arqueologia.

A identificação, o reconhecimento vai se perpassar justamente pela familiaridade de temas, problemas e emblemas. No espaço em que se dá o que “eu quero” com o que “eu posso fazer” se constitui a experiência vivida por essas pesquisadoras. Nessa experiência a princípio as diretrizes poderiam não prever com todas as dificuldades encontradas por cada uma delas.

Naturalmente elas vinham pesquisar, mas aqui encontraram outro objetivo que viria a caminhar junto com a pesquisa; ensinar um público leigo a ser arqueólogo. Volta-se a questão; em que consiste ensinar arqueologia? O que tem que saber, e saber fazer um professor ou uma professora de Arqueologia para ter seu ensino reconhecido ao ponto de ser eleito como Escola?

A resposta caminha em direção de dois movimentos; o primeiro e muito significativo é que a prática do ensino-aprendizagem dessas arqueólogas leva no mínimo, a caminhar ao encontro de um movimento que associou essas arqueólogas e suas práticas teórico-metodológicas as Escolas teóricas.

Os manuais, os contatos com as primeiras escavações para alguns, o posicionamento das duas como professoras, o que de fato e de direito as mesmas se constituíram; fazem parte dos elementos significativos que lêem as arqueólogas como Escolas na arqueologia brasileira.

O segundo movimento é talvez mais sutil; a arqueologia brasileira passa a associar o caráter formativo (a formação acadêmica) das duas pesquisadoras, diferenciando as duas Escolas Arqueológicas. Os adjetivos pátrios agregados as Escolas tem a função de indicar a formação como também diferenciar e até criar uma idéia de oposição.

Na idéia de oposição se encontra a perspectiva da herança... É o reconhecimento de certas tradições transmitidas através de caminhos que ora se convergem, ora se afastam.

Ao nos familiarizar com determinadas tradições nos reconhecemos e nos distinguimos. No entanto a problemática esta quando cria-se um lugar comum no qual a prática do comodismo se torna latente.

5 UM PONTO E VÍRGULA E NÃO UM PONTO FINAL.

“Caminheiro, você sabe não existe caminho, passo a passo, pouco a pouco, mil caminhos se fazem.”

Os anos 60 e 70 foram importantes nas mudanças sociais, políticas e culturais, no Brasil e no mundo. Esses anos são significativos principalmente no que tange a configuração do nosso mundo atual.

Ao longo da trajetória dessas duas mulheres se fica muitas vezes perguntando o que era ser mulher num mundo em ebulição. O que significava fazer pesquisa, e o quão forte se tinha que ser para alçar asas num mundo repartido. O que significava ser mulher, arqueóloga e estrangeira e ainda estar num país classificado como, ‘terceiro mundo’?

Sobre a frase em destaque na abertura do capítulo Souza (2007) comenta que muitos dos signos e símbolos que permeiam o imaginário de quem vivenciou as décadas de 60, 70 e 80 vai de encontro com o mesmo lema.

Os viajantes são muitos, e se propõem, desde os idos de maio de 1968, a trilharem outros caminhos, modificando aquela ordem vigente. Decidem-se a mudar de rumo, tendo como meta a única coisa que, então, lhes parecia certa: a construção de uma outra ordem social, na qual a convivência entre os homens viesse a ser igualitária e justa. (Souza, 2007: 10)

Em meio a tudo isso se tinha a trajetória de duas mulheres que se propõem a construir todo um trabalho, que é lógico pudesse ser posto em evidência, deixando um contexto de “Primeiro Mundo” e vindo trabalhar num contexto sul-americano, com novas e singulares realidades.

Nesse imaginário o periférico poderia vir a se transformar em temas centrais. E nesse ímpeto poderia mudar radicalmente a trajetória social, política, e acadêmica das duas mulheres em questão. E o fez...

As duas mulheres são filhas de seu tempo. E também de um determinado contexto acadêmico; quais seriam os objetivos de pesquisa acadêmico-formativa que as motivou a vir para a América do Sul? O foco dos trabalhos é imbuído de uma

motivação que as mesmas já carregavam em sua bagagem justificado nas escolhas que podem ser revistas nas suas hierarquias verticais. Tanto em Empeaire como em Meggers percebe-se a existência de um viés cuja preocupação era também verificar teorias e hipóteses que tinham sido estudadas pelas mesmas previamente.

Annette L. Empeaire veio ao Brasil por uma indicação de Paul Rivet a Paulo Duarte, professor de pré-história e criador do Instituto da Pré-história, da Universidade de São Paulo. Paulo Duarte, tinha se tornado um grande amigo de Paul Rivet durante seu exílio e passagem no Musée de l'Homme, em Paris. Em seu retorno na bagagem não só aperfeiçoou seus estudos em pré-história como também a tradução do livro de Paul Rivet, *As origens do homem americano*. (GARCIA, 1994)

A grande verdade é que as histórias de Rivet e Empeaire se cruzam por conta de José Empeaire, marido de Annette e aluno de Rivet. Após sua tese de doutorado, em 1957, sobre composição e organização de pinturas parietais, Annette efetua na companhia de seu marido, o etnólogo José Empeaire suas primeiras viagens a América do Sul. A principio as escavações iriam se concentrar ao sul da Patagônia a fim de estudar as teorias de Rivet sobre o povoamento da América. (LAVALLEE, 1978)

O problema da origem dos indígenas da América remonta ao descobrimento do Novo Mundo. Desde esta época, já distanciada, foram propostas inúmeras soluções para explicar a presença do homem nas terras extensíssimas que Cristovão Colombo e seus sucessores desvendaram à expansão europeia. A maioria dessas soluções parece hoje demasiadamente pueril. Nenhuma conseguiu-se impor-se, podendo dizer-se que até nossa época o mistério do povoamento americano permanece o mesmo. (RIVET, 1958: 5)

Paul Rivet, etnólogo e fundador do Musée de l'Homme propôs uma teoria não só discordante com as teorias da época, como revolucionária. Tanto que a mesma ainda ressoa como voz viva nas investigações arqueológicas nas Américas.

Rivet sustentava que a América é um continente povoado recentemente, e, de outro, que os emigrantes aqui chegados não vieram só pela via clássica do Estreito de Bering e das Aleutas, mas também por via transpacífica e até pela Antártida.

Em definitivo, o Pacífico não deve aparecer-nos como uma imensa extensão vazia, barreira infranqueável estendida entre o Antigo e o Novo Mundo. Migrações humanas atravessaram-no, à custa de

quantos esforços e de que dramas, para arribar à América e colonizá-la; houve depois comerciantes audazes que o cruzaram de maneira mais ou menos regular até a época do descobrimento, e essas travessias efetuaram-se sem dúvida em ambos os sentidos. (RIVET, 1958: 128)

O Pacífico considerado como uma barreira intransponível entre o Antigo e o Novo Mundo, ao contrário do que diziam, deveria ter sido um caminho utilizado pelo homem não apenas para as suas migrações, mas também para intercâmbio comercial.

Nesse intuito, Annette e o seu marido tinha como objetivo reconstruir as principais etapas da ocupação dessas regiões importantes na investigação da entrada do homem no continente americano, como também estudar o processo de adaptação do homem a um ambiente diferente. Entre uma estadia na América e outra de pesquisas na França, Annette Laming-Emperaire realizou com o marido desde 1955, missões frequentes no sul do Brasil, onde eles procuraram vários sambaquis no litoral de São Paulo e Paraná. (LAVALÉE, 1978; P 224)

A pesquisa centralizava-se na semelhança da grande franja de sambaquis que faz fronteira com boa parte da costa atlântica da América do Sul, e aqueles que se alinham às margens do extremo sul do Chile. Se os antigos grupos costeiros tivessem uma origem comum, haveria tendências em destaque, para separar influências e convergências, um dos objetivos da vasta problemática do povoamento da América. (LAVALÉE, 1978; P 224)

Na busca e constituição de uma carreira há de se considerar os elementos surpresa, neste caso o elemento surpresa é sem dúvida a descoberta do fóssil Luzia.²⁶ A raça de Lagoa Santa é certamente considerada um trabalho especial e que diferenciou sua pesquisadora numa inserção de seu nome numa temática importante da pré-história mundial.

²⁶ A “raça de Lagoa Santa” trata-se de uma população muito homogênea, com feições bastante peculiares, instalados há mais de 10.000 anos, segundo hipóteses seriam aparentados aos ancestrais das populações australianas, que teriam habitado a Ásia continental e migrado tanto para o norte (Beríngia e América) quanto para o Sul (Austrália). (PROUS, 1999; 102)

Já o nome de Meggers ganhou peso com seus trabalhos relacionados à Amazônia. A pesquisadora coadunava com a teoria de que a entrada do Homem do Novo Mundo se deu através de uma conexão terrestre entre a Sibéria e o Alasca. (MEGGERS, 1979)

Levando em consideração as hipóteses evolucionistas provavelmente essa entrada e migração teria se dado do atual estado do Alasca, em que esses homens teria se assentado nos planaltos americanos e continuado em direção ao sul, através da América Central, e finalmente chegando aos Andes por volta de 10.500 anos AP. (Idem, Ibidem)

Há cerca de 10.000 anos, dá-se uma alteração pronunciada no registro arqueológico, na forma de um notável aumento na abundância de sítios e no aparecimento de novos tipos de artefatos de pedra, dentre eles, pontas de projétil delicadamente lascadas. Duas variedades principais foram reconhecidas: (1) pontas acalanadas Lhano ou Clovis e (2) pontas lanceoladas Plano. Elas refletem o advento dos paleo-índios ou caçadores de grandes animais assim chamados por que seus sítios contêm ossos de cavalo, camelo, mamute e espécies de bisão. (MEGGERS, 1979; p. 29)

As culturas de caçadores da megafauna se tornaram não só emblemáticas, mas significativamente expressivas para os arqueólogos que se baseiam na teoria evolucionista na América do Norte. Os resultados e suas datações são importantes no que tange a uma reconstrução da história da colonização do continente, justamente porque coaduna com um de seus principais conceitos, o difusionismo.

Esses caçadores são considerados especialistas em animais de grande porte e, portanto altamente adaptados a ambientes terrestres abertos e de clima temperado na América do Norte. Isso significaria que as florestas tropicais e temperadas poderiam ser uma barreira intransponível na adaptação e sobrevivência destes, já que não teria como sustentá-los: a caça era de pequeno porte e os recursos alimentares diferiam e muito de um ambiente a outro.

É no contexto dessas discussões que Meggers vem a América do Sul. O que a intrigava era a adaptação desse caçador ao ambiente da Floresta tropical; a Amazônia. Mas não é a partir das flechas que ela desenvolve seu trabalho, a arqueóloga vai atrás da difusão da cerâmica, material abundante na região.

Embora a cerâmica não seja um elemento cultural de significado primordial do ponto de vista da adaptação ou sobrevivência, ela assume um papel maior nas investigações arqueológicas: (1) é demasiado frágil para ser facilmente transportada (...); (2) é passível de extraordinária variação, (...) tornando-se um índice sensível de correlação cultural e de mudança na complexidade social; (3) é ultrapassada em durabilidade, vem a ser a principal evidência cultural sobrevivente em muitas partes das Américas. (MEGGERS. 1979; p. 54)

Para Meggers, a identificação da trajetória das distintas variedades de forma e decoração dos vasilhames de barro através do tempo e do espaço constitui base segura para a reconstrução dos caminhos de difusão e para o reconhecimento de avanços significativos em nível de desenvolvimento social. (PEDROSA, 2008)

Dessa forma Meggers constrói seu trabalho em cima da difusão da cerâmica no continente Americano em que na maioria das regiões vai se dar um atraso na adoção da cerâmica das áreas centrais para as periféricas. Incluindo as tradições cerâmicas da Amazônia. Sua teoria considera a floresta tropical amazônica como barreira ecologicamente natural ao adensamento populacional pré-histórico. (Pedrosa, 2008)

O barulho foi grande; a região que era considerada como repositório rico, um paraíso ecológico, caía por terra e se transformava em 'inferno verde'. O todo estava formado. *O perigo não estava ao formar o "todo coerente", mas quando este veio a se tornar predominante em detrimento de outros que foram e são negados. A cultura, nesses termos pode então, a constituir-se num texto descritivo, redutor e "impenetrável" à medida que se erigem muros protetores e que sustentem um "todo coerente".* (PEDROSA, 2008; 58)

Nessa tentativa de compreensão do passado amazônico muitas vezes o conceito de cultura foi atrelado a uma natureza vista de forma inóspita e cerceadora de uma possível Complexificação Social.

A noção de cultura aqui é tomada a partir de uma realidade experimentada pelos então habitantes da floresta como conceito que tem o objetivo primeiro de delimitar o que pretensamente seria subordinado, minoritário e disperso, em relação aos vizinhos andinos.

Nesta comparação negamos que o homem é capaz de romper com muitas barreiras impostas por determinados ambientes e transformá-

las. Pelo menos é o que foi entendido pelos discursos que se seguiram. (PEDROSA, 2008; 58)

O barulho foi suficiente para definitivamente incluir Meggers como leitura obrigatória para quem quiser entender um pouco sobre o passado pré-histórico Amazônico, e incluí-la também nas discussões sobre pré-história na América do Sul, em especial ao que tange sobre o povoamento das Américas e o panorama brasileiro.

Em certos momentos históricos é preciso entender como se dá a autoafirmação identitária, de maneira a perceber como essas pesquisadoras se distinguiram num cenário da arqueologia pré-histórica mundial. A transformação passa a fazer sentido dentro de uma esfera acadêmica em que a Agencia (os que já possuem poder aural) começa a reconhecê-las como profissionais renomadas. Há sem dúvida uma modificação na maneira como se vê esse indivíduo, nas esferas sociais, acadêmicas e políticas.

Na interpretação de maneira geral, levando em consideração o processo contextual em que se inserem essas autoras se percebe uma ordenação de sentido; as construções interpretativas. Os autores dessas construções vão além de uma agregação formal, ora justificando suas construções, ora agregando mais valores a essas.

Nessas possibilidades, como nos diz Bourdieu (1989) há um reconhecimento imbuído de capital simbólico conferido a uma pessoa, ou a um objeto, firmado no crédito, e na credibilidade existente na representação e pela representação.

O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá aquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que ele lhe confia pondo nele a sua confiança. (BOURDIEU, 1989: 188)

Há um reforço creditado e transferido ao fenômeno que são as Escolas Arqueológicas. Mas o importante é intuir para a constituição dessas Escolas, caracterizada por objetos múltiplos e complexos. Na enunciação têm-se duas Escolas, a Francesa e a Americana, associadas a duas arqueólogas, Emperaire e Meggers. As Escolas são discursos a partir dos recortes empíricos e das categorias de análise aqui escolhidas.

Nesse jogo de partilha e interpretação anunciamos antecipadamente as regras; a dialética do Evento e Significação no momento em que se estabelecem as Escolas Arqueológicas. Assim a primeira vista na estruturação desse discurso surge algo de significativo e emblemático; o caráter de Evento das Escolas arqueológicas esta associado ao desempenho das duas arqueólogas.

A priori se tinha um discurso enquanto Evento no momento em que se tivesse a reverberação das Escolas arqueológicas. Por outro lado distinguia-se claramente quem falava, seja negando, ou afirmando; a Arqueologia brasileira. No entanto o discurso remete a seu locutor mediante um conjunto complexo de indicadores. E é aí que se volta à pessoa daquele que fala. (RICOEUR, 1990: 46)

E nesse momento um mundo se abre. Quando se tem um Evento, tempo e subjetividade passam a não existir já que se tem um discurso e como tal ele apenas se refere a um mundo que ele pretende descrever, exprimir, ou representar. (Idem) Se começou a pensar que mundo seria esse? Ou que projeção de mundo seria esse? Como se daria a *performance* desse Evento?

Dentre as primeiras constitutivas “salta aos olhos” a característica pioneira, na implementação de projetos que as duas tomaram parte. Em contrapartida essa característica leva a se pensar na ‘filiação’ ou a associação de parte da arqueologia as escolas, seja na prática como na teoria, e na própria continuidade da pesquisa que essa ‘filiação’ resulta.

As demandas sociais acabaram por dar espaço para um dos vetores de constituição dos Eventos, sobretudo relacionado às práticas pedagógicas das duas pesquisadoras. Ainda que suas posturas não se demandem apenas nessa direção, o espaço disciplinar (os sítios que não deixavam de serem escolas), e a formação dessas pesquisadoras fortalecidas pela demanda da época, convocava e mobilizava, a capacitação e formação de pesquisadores.

O professorado foi natural e previsível, já que mesmo como pesquisadoras acadêmicas, elas também foram responsáveis e formadoras na etapa inicial da profissionalização dos primeiros arqueólogos.

Numa formação curricular longe de ser continuada, a língua, o idioma de origem dessas pesquisadoras constituiu-se de suma importância na construção desse currículo. Desdobrando-se em implicações para o entendimento destas em

Escolas. Ora, como implementadoras, não só de projetos pioneiros, mas dos primeiros cursos e seminários de arqueologia, elas são fontes de influência na formação dos pesquisadores, e em parte na pesquisa produzida por estes. O trabalho como um todo desenvolvido por essas arqueólogas foi paulatinamente associado ao idioma de formação, e adquiriu nacionalidade e conseqüentemente identificação. Seus 'alunos' são associados as suas perspectivas teóricas, desenvolvendo ou não pesquisa independente.

As associações levam a vê-las ou salientar uma característica impar nessas duas; elas são lidas como fontes ricas não só de teoria como de metodologia. Tem-se um currículo escolar formado ao adotarem-se determinados conceitos e adjetivações. Foi preciso apenas 'classificar' quem fazia parte de uma ou de outra Escola. Percebe-se três critérios básicos de classificação de seus 'filhos'; quem participou de seus projetos, quem deu continuidade nas suas pesquisas, ou quem desenvolveu pesquisas muito próximas aos seus conceitos.

Tinha-se outro desdobramento; que teoria e metodologia seriam essas? Se o discurso se daria como obra estruturada, que mundo era esse que poderia ser partilhado no texto e em seus leitores? O que seria a Escola Francesa e a Escola Americana? Nesse caso os traços que poderiam ser distintivos levavam respectivamente a Emperaire e Meggers.

Que correspondência poderia ser feita entre as Escolas e o que poderia ser considerado como suas teorias e metodologias. Era necessário não só enxergar as correspondências como definir os parâmetros dessas construções explicativas.

Composição, pertença a um gênero, estilo individual caracterizam o discurso como obra. A própria palavra obra revela a natureza dessas novas categorias: são categorias da produção e do trabalho. (RICOEUR, 1990: 49)

Essas mulheres foram responsáveis pela inserção de importantes teorias em voga na época. Elas não só inseriram como também re-adaptaram essas teorias de acordo com os seus estilos. Na Escola Americana muito se enfatizou alguns conceitos evolucionistas (tais como o determinismo e o difusionismo) porque Meggers é Evolucionista. Já em relação à Escola Francesa enfatizava-se o Estruturalismo numa vertente em Emperaire que pouco podia ser lida.

Quanto à metodologia os estilos serão muito importantes.. A americana trabalhava como se estivesse sempre contra o tempo, daí a amostragem 'cair como uma luva' para os seus trabalhos. Já a francesa parecia fazer uma arqueologia em que tinha o tempo como eternidade, daí a minúcia de se levar em consideração cada lasca descoberta. A sincronia e a diacronia em seus trabalhos de campo também podem ser levados como fatores preponderantes, pois diferenciava-se a Escola Americana da Francesa a partir das formas de escavação.

Em suma seus objetivos diferenciavam a partir do tempo. Uma pretendia fazer pré-história para ser dirimida e discutida em pouquíssimo tempo, Meggers objetivava saber como se deu a distribuição das populações indígenas pré-colombianas na América do Sul, seus objetivos se ligavam a partir das suas conjecturas evolucionistas. Já Emperaire, encarava a pré-história num continuum histórico levando em consideração a longa duração, o que a interligava na contribuição de uma pesquisa que desse conta de como se deu a entrada do homem no continente americano.

Nesse ínterim existia o emblemático transposto para 'os manuais' que as duas tinham deixado como obra. 'Como interpretar a linguagem da *cerâmica: manual para arqueólogos*', de B. Meggers, e o 'Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul', de A. Emperaire foram marcos no que diz respeito à teoria e metodologia incipientes na Arqueologia brasileira.

Todo e qualquer manual é um guia de uso, algo projetado para ser informativo e que ensine a operar algo. 'Os manuais' criados pelas duas eram para funcionar como se fossem 'ábacos'. Algo de simples e fácil acesso e que pudesse satisfazer a necessidade urgente das duas; atender tecnicamente aqueles que tinham acabado de tornar-se arqueólogos e que iriam a campo.

Esse seria o objetivo primeiro dos manuais, mas ao longo do tempo eles se revestiram de outras roupagens. Tornaram-se emblemas e problemas... Emblemas das bandeiras das duas Escolas e problemas à medida que são constantemente alvo de críticas. Se, parte do discurso é fixado na escrita (ou lido como tal) introduz um dos fatores desse evento, que é exterior e material, mas que tem que ser lido como uma das propriedades do discurso. A escrita torna o texto autônomo a intenção do autor. (RICOEUR, 1990: 53)

Em primeiro lugar, a escrita torna o texto autônomo relativamente à intenção do autor. O que o texto significa, não coincide mais com aquilo que o autor quis dizer. Significação verbal, vale dizer, textual, e significação mental, ou seja psicológica, são doravante destinos diferentes. (RICOEUR, 1990: 53)

De acordo com essa conjuntura o objeto discursivo foi dotado formando-se uma tensão entre a formação ou 'filiação' de determinado pesquisador e o enfrentamento de sucessivas demandas na prática arqueológica que por sua vez institucionalizou as Escolas no trânsito tradicional da teoria e da prática.

Isso porque a relação entre fala e escrita se constitui do próprio fenômeno de texto como escrita mediada pela interpretação. Essa relação afeta o discurso de vários modos. Na referência surge um mundo partilhado que pertence apenas aos interlocutores desse diálogo. (Idem, 54)

Nessa mediatriz as esferas de ação dessas duas pesquisadoras também se constituíram num acontecimento único e memorável na fala e escrita da Arqueologia brasileira e merece destaque na constituição do Evento. Os dois projetos pioneiros foram não só formadores de arqueólogos como são lidos interpretativamente como fontes de conceitos das Escolas. O PRONAPA e a Missão Arqueológica Franco-brasileira se tornam leitura obrigatória na análise de quem pretende entender um pouco como funcionaram na prática essas duas Escolas.

Como professoras boa parte da bagagem que essas pesquisadoras traziam consigo foi depositada nos projetos pioneiros. Eles são projetos formativos, os arqueólogos que tinham acabado de se formar fizeram muitas vezes estágio nesses projetos. Trata-se de um momento em que a Arqueologia acadêmica brasileira começa a se estabelecer. Esses 'recém-formados' encontravam nos projetos num contexto geral uma perspectiva não só de aquisição de conhecimentos, capacidades, e até formas de comportamento (aprende-se também pelo exemplo: a disciplina e a rigidez ressaltadas nas atitudes dessas duas professoras), mas uma experiência profissional que pudesse alavancá-los ao posto de especialistas.

Mas os projetos nos trazem outra prerrogativa: eles são uma das muitas referências a que se chega às Escolas. Doravante des-cobrir esse mundo do texto em outras palavras é ir em busca não só da escrita mas de seus interlocutores. O que os leitores das Escolas dizem sobre elas?

A Arqueologia brasileira decidiu interpretar essas Escolas a partir de uma perspectiva dual: ora negando-as, ora afirmando-as. A questão volta-se aquele que fala, mas a intenção passa a perceber o que se fala. Como compreender uma vida, um discurso estranho as objetivações da escrita? Como interpretar um mundo que existe apenas sob a perspectiva do discurso?

No discurso oral o problema se resolve, enfim, na função ostensiva do discurso. Em outros termos, a referência se resolve, no poder de mostrar uma realidade comum aos interlocutores; ou, se não podemos mostrar a coisa de que falamos, pelo menos podemos situá-la relativamente à única rede espaço-temporal à qual também pertencem os interlocutores. Finalmente, é o “aqui” e “agora”, determinados pela situação do discurso, que conferem a referência última a todo discurso. (RICOEUR, 1990: 55)

Desse modo distinguiram-se duas vozes; a de uma geração, do aqui e do agora, e de uma geração que se coloca como testemunho já que participou ativamente do trabalho dessas pesquisadoras. É nesse momento que esse leitor se apresenta como ‘o si mesmo’ que Ricoeur chama atenção como uma perspectiva constitutiva na formação do Evento, o leitor é o sujeito que age e fala, por conseguinte ele também é agente (narrador) de uma determinada história. Se tem uma relação dicotômica conflituosa: de um lado os que afirmam a existência, tentando romper as amarras com esse passado, num outro os que as negam sem contudo deixar de mensurar a importância do papel de professoras que as duas tiveram.

O tempo é importantíssimo nessa dimensão histórica, pois permite refletir sobre a perspectiva de estar narrando uma história que pretensamente seria do outro mais na qual o narrador (seja de que geração pertence) faz parte. Em curtíssimo tempo se construíram memórias. Mesmo afirmando, ou negando essas fazem parte desse mundo que são as Escolas arqueológicas.

(...) Para uma grande parte, com efeito, a identidade de uma pessoa, de uma comunidade, é feita dessas identificações-*com* valores, normas, idéias, modelos, heróis, nos quais a pessoa, a comunidade, se reconhece. O reconhecer-se *no* contribui para o reconhecer-se *com*... (RICOEUR, 1991; 147)

É difícil não falar de memória nesse caso, pois se vê uma arqueologia que no mínimo tem a capacidade de falar do que está guardado ou arquivado, esses dados são importantes à medida que faz remeter a um passado que merece ser revisitado. Para Ricoeur, *não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela.* (Ricoeur, 2007; p. 40)

Nesse exercício de re-memorização se dá o encontro com descobertas. A Arqueologia brasileira reconhece a prática de ensino dessas mulheres. Há um professorado estrangeiro associado a questões práticas do ensino; uma professora americana e uma professora francesa. A prática do ensino foi adquirida mediante a demanda e seu aprendizado e pode ser atestado na reutilização do saberes, perpassados e repassados na formação de uma primeira leva de arqueólogos brasileiros.

Usar a memória muitas vezes é ter como prerrogativa a fidelidade e não a veracidade. Ser fiel é um desafio por excelência já que há memórias que caem no esquecimento. Promete-se não esquecer, mas poucos são os que cumprem a promessa. E no questionar-se sobre 'o que me lembro' muitas vezes temos que nos reconhecer como construtores de memória (RICOEUR, 2006; 126). Contudo apesar do impulso inicial de fugir de nossas memórias é preciso assumir-se ou assumir um determinado passado.

Refletir sobre um passado rememorado é refletir muitas vezes sobre o que esses quando Eventos podem suscitar. Na afirmação dessas Escolas há muitas vezes um posicionamento de contraposição despertado por um movimento de negação; negar o que é de fora, o que é ultrapassado (típico do conflito de gerações). Na negação se percebe uma posição atenuada muitas vezes por possuírem um perfil muito próximo ao dessas mulheres (esses arqueólogos também foram pioneiros). Neste consorte surgirão as etiquetas; os moderados, os extremistas, os periféricos, os relativistas... que direção seguir? Como definir as Escolas?

Dois prerrogativas chamam atenção; a primeira relacionada à normatividade com que se encaram as Escolas, elas existem mesmo que sob negativa, a segunda a manutenção da ausência posto que ainda não se têm uma idéia exata sobre elas.

Essas duas posições não só coexistem como causam polêmica nas discussões arqueológicas. Daí a necessidade de se transformar esse objeto em algo palpável, algo que possa ser estruturado mesmo que sob a prerrogativa do discurso.

Reconhecer o discurso não significa dizer que esteja reconhecendo algo fictício. Ao contrário o discurso vai ao encontro da realidade em outro nível. Vai ao encontro do mundo texto que se construiu em torno dessas duas arqueólogas e suas respectivas Escolas. Vai ao encontro de uma interpretação, vai ao encontro de um sentido. *Interpretar é explicitar o tipo de ser-no-mundo manifestado diante do texto.* (RICOEUR, 1990; p. 56)

Se, se aceitar esse aspecto pode-se começar a refletir e compreender-se diante do Evento. Questionar-se sobre sua dimensão na Arqueologia Brasileira, sobre como se posicionar diante dele em relação às mudanças teóricas e metodológicas. Compreender determinadas posturas, buscar um ponto de equilíbrio nesse conflito de gerações.

Nesse conflito é como se essas duas linhas de pesquisa existissem e se estruturassem como linhas discordantes e divergentes, impulsionando a arqueologia a escolher entre as duas linhas. Essa suposição é falsa já que as duas podem se complementar na práxis.

O debate sobre o estatuto de uma Escola Arqueológica deve estar fundamentado, sobretudo nos aspectos históricos e epistemológicos da prática de pesquisa acadêmica, no intuito de contribuir com o desenvolvimento da área, percebendo como se dá a produção de conhecimentos, e si percebendo no meio da discussão. Entre outras razões porque o reconhecimento faz parte da produção do trabalho em campo e fora dele, questionando-se que tipo de arqueologia está em exercício.

No Brasil a discussão sobre as Escolas Teóricas sempre esteve atrelado à perspectiva do rótulo. Essa por sua vez, remete a situação de indefinições de fronteiras, em que não consegue se dar conta do que é, e do que não é, uma Escola. Fronteiriça, pois se fica sempre no parâmetro da indefinição. Não se define o que são as Escolas, mas não se nega sua existência.

A indefinição de fronteiras esta ligada a um processo tipicamente histórico. A arqueologia começou a partir de um processo colonialista. A constituição da

arqueologia teria sido um processo cujos moldes estariam ligados a teoria e metodologia que se construiu ainda sob a vertente de “algo que é de fora e se implantou dentro. Dos centros para as regiões periféricas. Emergiu tardiamente a partir de professores estrangeiros. Seus alunos acabaram naturalmente ocupando espaços de atuação aplicada, que hoje, é reivindicada por uma geração posterior, ora os associando ao sucesso, ora ao insucesso, numa atitude típica reivindicatória de quem pretende romper com as amarras da metrópole.

Não é de se estranhar que esse arcabouço teórico fosse rapidamente identificado com as bandeiras dos países de origem das duas, ou de formação e poderíamos até dizer de representação das duas²⁷.

A confusão se instaura no momento em que se propõe a mudança de paradigmas fazendo ‘tabula rasa’ do papel importante desse primeiro instrumental teórico. Não se tinha a disciplina nos moldes acadêmicos, quanto mais teorias, questões, problemas, métodos e etc. O próprio objeto esbarrava na nomenclatura, a linguagem era confusa que dirá a comunicação.

Se pensar em Escolas significa mudança nos ‘olhares’, pois impele a se pensar num contexto, em lugares, em relações específicas que fizeram história na arqueologia brasileira. Impele a pensar numa ampliação dos objetos históricos que são Emperaire e Meggers. Pela amplidão de seus trabalhos que nos oferecem infinitas possibilidades hoje. O que se pede é voltar-se para um processo de reflexão teórico-metodológica, mais aprofundado do que situá-las, apenas, através do rótulo, do superficial.

Nas ciências sócias assim como na Arqueologia Brasileira existe a necessidade de libertação de modelos e cópias, sobretudo a fim de propiciar a autonomia. Schwarcs expôs esse pensamento claramente apontando as armadilhas dos críticos contemporâneos do pensamento social do século XIX e que reflete em certa medida esse primeiro momento da Arqueologia que lutava ao se sedimentar como disciplina acadêmica no Brasil.

²⁷ É interessante pois Annette Laming Emperaire não é francesa. É sim Russa, mas são poucos os que lembram de tal.

Se é possível pensar nas teorias desses cientistas enquanto resultado de um momento específico, é preciso, também entendê-las em seu movimento singular e criador, enfatizando-se os usos que essas idéias tiveram em território nacional. Afinal chamar esses modelos de 'pré-científicos' significa cair em certo reducionismo, deixando de lado a atuação de intelectuais reconhecidos na época, e mesmo desconhecer a importância de um momento em que a correlação entre produção científica e movimento social aparece de forma bastante evidenciada. (SCHWARCS, 1993: 17)

De maneira geral a relação da implantação das ciências no Brasil com os padrões estrangeiros chama atenção na medida que se tem a impressão de que durante esse período houve um vazio teórico e metodológico no país.

Será que realmente tudo veio de fora? Ou houve uma contribuição desses alunos, que tornaram-se pesquisadores, as práticas que se institucionalizaram? Tudo foi copiado, ou podemos colocar em baila que um processo de implantação significa muitas vezes a transformação e a criação? A idéia do vazio teórico e metodológico precisa ser questionada, repensando as questões a partir de alguns parâmetros que possam também mensurar até que ponto se tem herança e até que ponto se tem construção.

Talvez não caiba, mas a posição de arraia miúda ou a história dos vencidos. No caso da arqueologia brasileira fica muito fácil permanecer num discurso que pretensamente é acusatório, sem levar em consideração que precisa se chamar atenção para a atuação dos arqueólogos, tanto 'ontem quanto hoje', e suas perspectivas como intelectuais, cientistas e políticos. Seja numa perspectiva de conhecimentos históricos, seja numa perspectiva da produção de conhecimentos atuais faz-se prioritário querer o salto científico.

Esse salto significa situar-se nas etapas históricas de difusão de conhecimento no Brasil. A primeira etapa foi clarificada nesse trabalho e caracteriza-se pela inexistência de comunidades científicas nacionais e uma demanda colonial ainda dependente de padrões científicos externos. Questão: Onde ficam nossas contribuições? Porque certamente elas existem. Será que a arqueologia brasileira já pode ser considerada cientificamente independente?

Talvez se o olhar for nessa direção se possa mensurar com maior desenvoltura o trabalho dessas professoras. Já que o objetivo do professor é ao final da lição perceber que seu aluno não só apreende como pode ser capaz de saltar

adiante do mestre. Para haver a emergência de novos paradigmas é preciso reconhecer antigos. Na face da mesma moeda luta-se para a criação de raízes identitárias na produção do saber arqueológico.

E que seja bem vinda à diversidade numa Arqueologia que ainda pode ser considerada adolescente. É brasa! Que seja bem vindo o debate saudável a fim de complementar o crescimento, o desenvolvimento, e a criação de novos pensamentos, caminhos e paradigmas...

As Escolas não são cinzas extintas, muito menos B. J. Meggers e A. Laming-Emperaire. Elas não precisam ser penitenciadas ao esquecimento. Ainda se tem muita brasa para alimentar esse fogo...

Sem dúvida esse se constituiu num debate historiográfico importante a ser desenvolvido na Arqueologia. Isso por que nessas linhas se tem o pontapé inicial. Ainda há muita brasa para alimentar essa chama...

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar: textos em história oral**. RJ: FGV editora, 2004.

BARKER, Graemer. **Companion encyclopedia of archaeology**. London: Routledge, 1999, 1198p.

BARRETO, Cristiana. Brazilian archaeology from a brazilian perspective. In: **Antiquity**, SP, volume 72, 1998: 573-581.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed., 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CASTRO, CELSO. **Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Rj: Editora Jorge Zahar , 2004.

CHARTIER, ROGER. **A história cultural entre práticas e representações**. RJ: bertrand brasil, 1992.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução Fúlvia ML Moretto. SP: UNESP, 2002.

CHARTIER, ROGER. **Práticas da Leitura**. SP: Ed. Estação Liberdade, 1999.

CHMYZ, I. A Trajetória e Perspectivas de um Arqueólogo Paranaense. **Arqueologia (CEPA/UFPR)**, Curitiba-PR, v. 4, p. 181-211, 2007b.

CHMYZ, I. As comemorações do Cinquentenário do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná. **Arqueologia, (CEPA/UFPR)**, Curitiba-PR, v. 4, p. 1-30, 2007a.

CHMYZ, Igor. **A influência de Joseph e Annette Laming na Arqueologia do Paraná**. Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, Curitiba, v 62, 2010

COSTA, Miguel Stadler Dias. Sobre a teoria da interpretação de Paul Ricoeur. Porto: Ed. Contraponto, 1995.

DE CERTEAU, M. **A Cultura no plural**. Campinas-SP: Papyrus , 1995.

DELEUZE E GUATARI. **O que é filosofia**. Rj: editora 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. **Escritura e Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DOBRES, Marcia-Anne. Agency in archaeology. London: Routledge, 2000.

DUNNELL, ROBERT C. **Classificação Em Arqueologia**. SP: EDUSP: 2007.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. SP: Perspectiva, 2008.

FORD, James A. A Quantitative Method for Deriving Cultural Chronology. Technical. **Manual I**, Washington DC: Pan American Union, p. 236-250, 1962.

FUNARI Pedro P. A hermenêutica das ciências humanas: a história e a teoria e práxis arqueológica. **Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica**, Curitiba, No 10: 3-9, 1995a.

FUNARI, Pedro P. **A Theory in Archaeology, a world perspective**. London: Routledge, 1995b.

FUNARI, Pedro P. **Arqueologia brasileira: visão geral e reavaliação**. Revista de História da Arte e Arqueologia, Campinas-Unicamp , V 1: 23-41, 1994.

GADAMER Hans Georg. **Verdade e Método**. Petrópolis: Vozes, V.1 e 2, 2008.

GARCIA MENDES, Erasmo. Paulo Duarte. **Estudos**, São Paulo, vol.8 no.22 Sept./Dec, 1994.

GARDIN, Jean Calude. **Une archeologie theorique**. Paris : Hachette Litterature, 1979.

HILBERT, KLAUS. **'Cave canem!': cuidado com os 'Pronapianos'!** Em **busca dos jovens da arqueologia brasileira**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 2, n. 1, p. 117-130, jan-abr. 2007.

HODDER. **Agency in archaeology**. New York and London: Routledge, 2000.

JOHNSON, Matthew. **Teoria Arqueológica**. Barcelona: ARIEL, 2000.

JORGE, Vítor Oliveira. **Projectar o Passado. Ensaios sobre Arqueologia e Pré-história**. Lisboa, Ed. Presença, 1987.

KERN, Arno A.. **Arqueologia Histórica: temas e problemas**. In: Anais XVIII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPC), 1998.

KERN, Arno Alvarez. (2001). **Os textos teóricos sobre a História: análise crítica e interpretações**. *Histórica: Revista da Associação dos Pós-Graduandos em História*. Porto Alegre: APHG, PUCRS, nº 5, pp. 09-20.

LACAPRA, Dominick. **Rethinking intellectual history; texts, contexts, language**. 2nd ed., Ithaca: Cornell University Press, 1985.

LAMING- EMPERAIRE, Annette. Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul. **Manuais de Arqueologia CEPA**, Curitiba-PR, 1967.

LAMING EMPERAIRE, Annette. **La arqueologia prehistórica**. Barcelona: Martinez Roca, 1984.

LAMING-EMPERAIRE, Annette. Problèmes de préhistoire brésilienne. **Annales**, Paris, No. 5 (Sep. - Oct., 1975), pp. 1229-1260, 1975.

LAMING-EMPERAIRE. A. Missions archéologiques françaises au Chili Austral et au Brésil Méridional. **Journal de la Société des Américanistes**, 1968, persee.fr, Acesso em : 28 de Julho de 2012.

LAMING-EMPERAIRE. **Grottes et abris de la région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil: premier rapport de la Mission archéologique franco-brésilienne de Lagoa Santa**. Paris : École Pratique des Hautes Études, 1975.

LAMING-EMPERAIRE. **La découverte du passé: Progrès récents et techniques nouvelles en préhistoire et en archéologie.** Paris : Picard, 1952.

LAVALLÉE, Danièle. Annette Laming-Emperaire (1917-1977). *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, Volume 65, 1978: 224-226.

LEROI-GOURHAN. **Pré-história.** SP: EDUSP, 1965.

LIMA, Luis Costa. **Mímesis e modernidade: formas das sombras.** RJ: Edições Graal, 1980.

MARQUES, MARCÉLIA, **Pedra que te quero palavra: discursividade e semiose no (con)texto arqueológico da Tradição Itaparica.** Porto Alegre: PUCRS, tese de doutorado, 2010.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil.** PERNAMBUCO: UFPE; 1997.

MEGGERS Betty J. **El contexto ecológico del formativo. Formative sudamericano, Una Revaluacion.** Quito: Ed. Paulina Iedergerber – Crespo, 1999.

MEGGERS Betty J. **Judging the future by the past: the impact of environmental instability on prehistoric Amazonian populations.** Arizona: Univ of Arizona, 1995.

MEGGERS Betty J. Uma reconstituição experimental de organização social, baseada na distribuição de tipos de cerâmica num sitio habitação da tradição

tupi-guarani. **Instituto Anchieta de pesquisas, São Leopoldo**, Antropologia No 31, 1980.

MEGGERS et Al. **Como interpretar a linguagem da cerâmica: manual para arqueólogos**. Washington: Smithsonian Institution, 1970.

MEGGERS, B. J. **Prehistoria sudamericana; nuevas perspectivas**. Washington: Taraxacum, 1992.

MEGGERS, B. J. The subversive significance of transpacific contact. **(Neara)Journal**, v 39, n2, 2005.

MEGGERS, Betty J. Reconstrução do comportamento locacional pré-histórico na Amazônia. **Boletim do museu paraense Emilio Goeldi**, Belém, Vol 6, dez 1990, No2.

MEGGERS, Betty J. Advances in Brazilian Archeology, 1935-1985. **American Antiquity**, Chicago, 1985.

MEGGERS, Betty J. **América pré-histórica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MEGGERS, Betty J. Climatic oscillation as a factor in the prehistory of Amazonia. **American Antiquity**, Chicago, 1979.

MORAES, Roque. **Análise textual: discursiva**. Ijuí; Editora Unijuí, 2007.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A análise pragmática da narrativa jornalística**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEDROSA, Tatiana. **Arqueologia e interpretação: a criação de dois modelos arqueológicos para a Amazônia**. – Porto Alegre, Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, 2008.

PIRIE, A **-Constructing prehistory: Lithic analysis in the Levantine Epipalaeolithic**. Journal of the Royal Anthropological Institute, **2004** - Wiley Online Library

PLUCIENNICK, M. Archaeological narratives and other ways of telling. **Current Anthropology**, Chicago, Dec;40(5):653-678:1999.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, **1992**.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15: 1989.

POPSON, Colleen P. First Lady of Amazonia. **Archaeology**, London, Volume 56 Number 3, p 26, May/June 2003.

PRONAPA. An Interim Report on the National Program of Archeology Research. **Antiquity** **35**(1):1–23; Chicago; 1970.

PROUS A. Colóquio Estudo e cartografia das formações superficiais e suas aplicações nas regiões tropicais. In: **Arquivos Do Museu De Historia Natural**, Vol III BH/MG 1978.

PROUS A. O povoamento da América visto do Brasil: uma perspectiva crítica. **Revista USP**, SP, N 34, Jun/jul, 1997.

PROUS, A. As **primeiras populações do Estado de Minas Gerais**. In: **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

PROUS, A. Historia da pesquisa bibliográfica no Brasil. **Arquivos do Museu de Historia Natural**, Vol IV-V, BH-MG, 1979-80, p 19.

PROUS, Andre . Missão de estudo da arte rupestre de Lagoa Santa. **Arquivos do Museu de Historia Natural**, Belo Horizonte, Vol II, 1977.

PROUS, André. A fascinante pré-história de Minas Gerais. **Revista Minas Faz Ciência**, Belo Horizonte, Nº 11, jun- ago, 2002.

PROUS, Andre. Andre Prous. Desafios da arqueologia: depoimentos. **Habilis**, Erechim/RS, 2009.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira** - 2ª ed. Brasília: Editora da UNB, (2003).

PROUS, André. História-e-história. Fragmento disponível em:
<www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=arqueologia&id=14>.
Acessado em: 05 de junho de 2012.

REIS, J. Á. **Nao Pensa Muito Que Doi-Um Palimpsesto: Sobre Teoria Na Arqueologia Brasileira.** UNICAMP; tese de doutorado. 2003.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro.** Campinas-SP;Papyrus Editora. Trad. Lucy Moreira Cesar,1991.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva.** SP: Edições Loyola, 1983.

RICOEUR, Paul. **Hermeneutics and the Human Sciences: Essays on Language, Action and Interpretation,** ed., trans. John B. Thompson. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias.** ED. Francisco Alves; RJ, 1990.

RICOEUR, Paul. **Nas fronteiras da filosofia.** Leituras 3, edições Loyola, SP,1996.

RICOEUR, Paul. **O justo ou a essência da justiça.** Trad. Vasco Casimiro. Lisboa, Instituto Piaget, 1999.

RICOEUR, Paul. **Percurso do reconhecimento.** Campinas: Papyrus, 2006.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** Tomo I. Campinas: Papyrus, 1994.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** Tomo II. Campinas: Papyrus, 1995.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação.** Lisboa: Edições 70, 1976.

RICOEUR. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIVET, Paul. **As Origens do Homem Americano**. SP: Anhambi, 1958.

RIVET, PAUL. Les Malayo-Polynésiens en Amérique. **Journal de La Société des Américanistes**, Paris, vol 18, No 18, pp 141-278: 1926,.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. O Estudo das Indústrias Líticas: O PRONAPA, seus seguidores e imitadores. In: Bueno, Lucas. Isnardis, Andrei (Org.). **Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira**. Belo Horizonte, MG: Argumentvm: FAPEMIG; Brasília, DF: CAPES, 2007.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Arqueologia no Brasil**. Habitus, Goiania, v. 1, n. 2, Jul/dez, 2003.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Pedro Ignácio Schmitz. Desafios da arqueologia: depoimentos. **Habilis**, Erechim, 2009.

SCHWARCS, L.M. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ. O nascimento dos museus brasileiros, 1870-1910. In: **História das ciências sociais no Brasil**, SP, vértice, v1, 1989.

SCHWARCZ. **O nascimento dos museus brasileiros, 1870-1910**. In: História das ciências sociais no Brasil, 1989.

SEVCENKO, N. - **Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na 1ª República.** SP: Ed. Brasiliense, 4ª edição 1995.

SHANKS & HODDER. **Interpreting Archaeology: finding meaning in the past.** London: Routledge, 1995.

SHANKS E TILLEY. **Re-constructing archaeology: theory and practice.** New York : Routledge. 1992.

SHANKS E TILLEY. **Social Theory and Archaeology.** Oxford, Polity press, 1987.

SOUSA, Sandra Maria Nascimento. **Mulheres em movimento; *memória da participação das mulheres nos movimentos* pelas transformações das relações de gênero, nos anos 1970 a 1980.** São Luis/ MA: UDUFMA, , 2007.

TILLEY, Christopher. **Meta archaeology project - On modernity and Archaeological Discourse.** Fragmento disponível em <
<http://archeology.kiev.ua/meta/tilley.html>> acesso em 18/07/2012

TILLEY. C. **Metaphor and material culture.** New York, Wiley-Blackwel, 1999.

TRIGGER, Bruce G. **História do pensamento arqueológico.** São Paulo: Odysseus Editora, 1992.

VEYNE, Paul. **O Inventário das diferenças.** SP: Brasiliense, 1983.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história.** Brasília: Editora UNB, 2008.